

10
Livros de bolso:
EUROPA-AMÉRICA

Grandes Obras

E Saint-
Exupéry



Terra
dos Homens

TEXTO
INTRODUÇÃO

Antoine de Saint-Exupéry

Terra dos homens

Henry Guillaumet,
meu companheiro,
dedico-lhe este livro.

Mais coisas sobre nós mesmos nos ensina a terra que todos os livros. Porque nós oferece resistência. Ao se medir com o obstáculo o homem

aprende a se conhecer; para superá-lo, entretanto, ele precisa de ferramenta.

Uma plaina, uma charrua. O camponês, em sua labuta, vai arrancando lentamente alguns segredos a natureza; e a verdade que ele obtém é universal. Assim o avião, ferramenta das linhas aéreas, envolve o homem em todos os velhos problemas.

Trago sempre nos olhos a imagem de minha primeira noite de voo, na Argentina – uma noite escura onde apenas cintilavam, como estrelas, pequenas luzes perdidas na planície.

Cada uma dessas luzes marcava, no oceano da escuridão, o milagre de uma consciência. Sob aquele teto, alguém lia, ou meditava, ou fazia confidências. Naquela outra casa alguém sondava o espaço ou se consumia em cálculos sobre a nebulosa de Andrômeda. Mais além seria, talvez, a hora do amor. De longe em longe brilhavam esses fogos no campo, como que pedindo sustento. Até os mais discretos: o do poeta, o do professor, o do carpinteiro. Mas entre essas estrelas vivas, tantas janelas fechadas, tantas estrelas extintas, tantos homens adormecidos...

É preciso a gente tentar se reunir. É preciso à gente fazer um esforço para se comunicar com algumas dessas luzes que brilham, de longe em longe, ao longo da planura.

A linha

1926. Eu acabava de entrar, como jovem piloto de linha, para a Société Latécoère, que assegurou antes da Aéropostale, hoje Air-France, a ligação Toulouse-Dacar. Ali aprendia o ofício> A meu turno, com os companheiros, fazia o noviciado que era preciso fazer antes de ter a honra de pilotar o correio aéreo. Provas de aparelhos, viagens entre Toulouse e Perpignan, tristes lições de meteorologia no fundo de um hangar glacial. Vivíamos no temor das montanhas da Espanha, que não conhecíamos ainda, e no respeito aos veteranos.

Esses veteranos, nós os encontrávamos no restaurante, aborrecidos, um pouco distantes – e eles nos concediam de muito alto os seus conselhos. E quando um deles, que vinha de Alicante ou de Casablanca, chegava atrasado, o blusão gotejante de chuva, e um de nos timidamente, o interrogava sobre a viagem, suas respostas breves, nos dias de tempestade, construíam para nossa imaginação um mundo fabuloso, cheio de ciladas e armadilhas, de rochedos que surgiam bruscamente e redemoinhos capazes de arrancar cedros pelas raízes. Dragões negros defendiam a entrada dos vales e feixes de relâmpagos coroavam as cristas. Aqueles veteranos entretinham sabiamente nosso respeito. Mas de vez em quando, respeitável para eternidade, um deles deixava de voltar.

Lembro-me bem de uma chegada de Bury, que mais tarde morreu em Corbières. O velho piloto sentara-se no meio da nossa turma e comia pesadamente sem dizer nada, com os ombros ainda abatidos pelo esforço. Era uma dessas noites más em que, de uma ponta a outra da linha, o céu está entupido e todas as montanhas parecem ao piloto rolar na escuridão suja como

canhões de amarras arrebetadas que devastavam a coberta dos veleiros antigos. Encarei Bury, engoli um pouco de saliva, e ousei afinal perguntar se o voo havia sido duro. Bury não me ouvia, com a testa enrugada, a cabeça inclinada sobre o prato. A bordo de aviões descobertos, nos dias de mau tempo, era preciso se inclinar fora do para-brisa para ver melhor; e o chicote da ventania fustigava longamente as orelhas. Afinal, Bury ergueu a cabeça, parece-me ouviu, embora se e, brevemente, soltou uma risada seca. E aquele riso maravilhou-me, porque Bury ria pouco. Aquele riso breve que lhe iluminava o cansaço. Não deu nenhuma outra explicação de sua vitória: baixou a cabeça e pôs-se novamente a mastigar em silêncio. Mas no ambiente cinza do restaurante, entre os funcionários que ali descansavam de suas humildes fadigas cotidianas aquele companheiro de ombros pesados me pareceu de uma estranha nobreza; sob a rude crosta do homem sentia-se o anjo quer havia vencido o dragão.

Veio enfim à tarde em que, por minha vez, fui chamado ao gabinete do diretor.

Ele disse simplesmente:

- O senhor vai partir amanhã.

Fiquei ali de pé, esperando que me mandasse embora. Depois de um curto silêncio acrescentou:

- Esta bem a par das ordens?

Naquele tempo os motores não ofereciam a segurança dos motores de hoje. Muitas vezes falhavam de repente, sem prevenir, com uma grande barulheira de louça quebrada. E a gente voltava os olhos para a crosta rochosa da Espanha onde eram raros os refugios. “Aqui, “quando o motor se quebra”, dizíamos o avião não tarda a fazer o mesmo”. Mas um avião se substitui. O importante, acima de tudo, era não abordar o rochedo às cegas. Por isso éramos sob pena, das mais graves sanções, proibidos de sobrevoar os mares de nuvens nas zonas montanhosas. O piloto em pane, varando aquela estopa cor de leite, iria esbarrar num pico invisível.

Eis por que, naquela noite, uma voz lenta insistia pela última vez na ordem:

- É muito bonito navegar pela bússola, na Espanha, sobre os mares de nuvens; é muito elegante, mas...

E mais lentamente ainda:

-... **mas não se esqueça: abaixo dos mares de nuvens... é a eternidade.**

Assim, bruscamente, aquele mundo calmo, tão unido, tão simples, que se descobre quando se emerge das nuvens, tomava para mim um valor desconhecido. Aquela doçura transformava-se numa armadilha. Eu imaginava a enorme armadilha branca preparada ali, sob meus pés. Abaixo das nuvens não reinava, como se poderia crer, nem a agitação dos homens, nem o tumulto, nem a viva trepidação das cidades, e sim um silêncio ainda mais absoluto, uma paz ainda mais definitiva. Aquela cortina branca era para mim a fronteira entre o real e o irreal, entre o conhecido e o desconhecido. E eu percebia desde logo que um espetáculo só tem sentido através de uma cultura, de uma civilização, de um ofício. Os montanhese também conheciam os mares de nuvens; entretanto não percebiam a cortina fabulosa.

Quando saí do escritório sentia um orgulho pueril. Ia eu também ser, a partir daquela madrugada, responsável por um grupo de passageiros, responsável pelo correio da África. Mas sentia, ao mesmo tempo, uma grande humildade. Não me julgava bem preparado. A Espanha era pobre em refúgios; eu temia, na ocasião de uma pane ameaçadora, não saber onde procurar o campo de emergência. Curvara-me, sem achar os ensinamentos que me interessavam, sobre a aridez dos mapas. Com a alma cheia dessa mistura de timidez e orgulho fui passar aquela vigília de armas em casa de meu companheiro Guillaumet. Guillaumet precedera-me no serviço. Guillaumet conhecia os truques para desvendar os segredos de Espanha. Eu precisava ser iniciado por Guillaumet.

Quando entrei, ele sorriu:

- Sei da novidade. Esta contente?

Foi ao armário apanhar o vinho do Porto e os copos.

Voltou com seu sorriso:

- Vamos regar isso. Você vai ver tudo irá bem.

Espalhava confiança como uma lâmpada espalha luz, aquele companheiro que mais tarde haveria de bater o recorde de travessias do correio aéreo da cordilheira dos Andes e do Atlântico sul. Naquela noite, alguns anos antes, em mangas de camisa, de braços cruzados sob a lâmpada, sorrindo o mais reconfortante dos sorrisos, ele me disse simplesmente:

“As tempestades, a bruma, a neve, por vezes essas coisas o incomodarão. Pense então em todos os que conheceram isso antes de você e diga assim: o que eles fizeram eu também posso fazer”. No entanto desenrolei meus mapas e pedi-lhe para rever um pouco, ali comigo, a rota da viagem. E debruçado sob a lâmpada, apoiado ao ombro do veterano, reencontrei a paz do colégio.

Mas que estranha lição de geografia recebi! Guillaumet não me ensinava a Espanha: ele fazia da Espanha uma amiga para mim. Não falava de hidrografia, nem de populações, nem de pecuária. “Não me falava de Guadix, mas de três laranjeiras que existem em um campo, próximo a Guadix: Desconfie delas; é bom assinalá-las no mapa...” E as três laranjeiras tomavam mais espaço na carta que a serra Nevada. Não me falava de Lorca, mas de uma simples fazenda perto de Lorca. Uma fazenda viva. E falava do fazendeiro. E da fazendeira. E aquele casal perdido no espaço, a quinhentos quilômetros de nós, assumia uma importância desmesurada. Bem instalados na vertente da montanha, como guardas de um farol, sob as estrelas, aquele homem e aquela mulher estavam sempre prontos a socorrer homens.

Tirávamos assim do esquecimento, de sua inconcebível obscuridade, detalhes ignorados de todos os geógrafos do mundo. **Porque só o Ebro, que mata a sede das grandes cidades, interessa aos geógrafos. Não aquele córrego escondido sob a erva a oeste de Motril, aquele pequeno córrego que alimenta umas trinta flores...** Desconfie desse córrego, ele encharca os campos... Tome nota dele na carta.” Ah, eu haveria de me lembrar da serpente do Motril! Parecia não ser nada. Com um leve murmúrio, ela talvez apenas

enfeitiçasse e atraísse algumas rãs – mas estava sempre vigilante, não dormia. No paraíso do campo de emergência, estendida sob a relva, ela me esperava, a dois mil quilômetros de distância, pronta, na primeira ocasião, a me transformar em uma tocha flamejante...

E aqueles trinta carneiros, dispostos para o combate do flanco de uma colina, prontos a avançar: “Você pensa que este prado está desimpedido de repente – zás – eis seus trinta carneiros disparando sob as rodas...” E eu respondia com um sorriso maravilhado a uma tão pérfida ameaça.

Assim, pouco a pouco, a Espanha de minha carta se transformava, sob a lâmpada, em um país de conto de fadas. Marquei com uma cruz os refúgios e as ciladas. Assinalei aquele fazendeiro, aqueles trinta carneiros, aquele córrego. No seu lugar exato assinalei aquela pastora desprezada pelos geógrafos.

Quando me despedi de Guillament senti necessidade de andar pela noite gelada de inverno. Ergui a gola do, sobretudo e, entre os transeuntes ignorantes, passei o meu jovem fervor. Sentia-me orgulhoso em acotovelar aqueles desconhecidos com o meu segredo no coração. Eles me ignoravam, aqueles bárbaros – mas suas preocupações, seus ardores, era a mim que eles confiariam pela madrugada, dentro dos sacos postais. Às minhas mãos confiariam suas esperanças. Assim, embrulhado em meu capote, eu dava entre eles meus passos de protetor – e eles nada sabiam de minha solicitude.

De resto, não recebiam as mensagens que me vinham da noite. Aquela tempestade de neve que talvez estivesse se preparando interessava a minha própria carne. Talvez viesse complicar minha primeira viagem... As estrelas se apagavam uma a uma. Como haveriam de notar, aqueles homens que passeavam? Só eu percebia, como se fora um segredo. Alguém me comunicava as posições do inimigo antes da batalha...

E aqueles avisos tão graves para mim, eu os recebia perto das vitrines iluminadas, onde os presentes de Natal brilhavam. Ali pareciam estar expostos, naquela noite, todos os bens da terra – e eu experimentava a embriaguez orgulhosa da renúncia. Era um guerreiro ameaçado: que me importavam aqueles cristais cintilantes para as festas da noite, aqueles

abajures, aqueles livros? Eu já me banhava nas brumas do céu; eu piloto de linha, já mordida a polpa amarga das noites de vôo.

Quando me despertaram eram três da manhã. Empurrei a janela: chovia sobre a cidade. Vesti-me gravemente.

Meia hora mais tarde, sentado em minha maleta, esperava na calçada molhada que o ônibus passasse para me levar. Tantos companheiros, no dia da consagração, haviam suportado antes de mim, aquela mesma espera, com o coração meio apertado. Surgiu afinal na esquina o ônibus antiquado, espalhando um barulho de ferragens. E, como os companheiros, tive o direito de, por minha vez, apertar-me num banco entre o funcionário da alfândega mal desperto e alguns burocratas. Aquele ônibus cheirava a coisa fechada, a administração poeirenta, a velhos escritórios onde a vida humana enlanguesce. Parava de quinhentos em quinhentos metros para apanhar mais um secretário, mais um funcionário da alfândega, mais um inspetor. Os que já cochilavam dentro do carro respondiam com um vago resmungo ao cumprimento do recém-chegado que se alojava ali como pôdia, para logo começar a cochilar também. A velha carruagem triste sacolejava sobre o calçamento desigual de Toulouse; e o piloto de linha, misturado aos funcionários, a princípio mal se distinguia deles. Mas os postes desfilavam, o campo se aproximava, e o velho ônibus era uma crisálida cinzenta de onde saíria o homem transfigurado.

Todo companheiro, num dia assim, pela manhã, havia sentido em si mesmo, sob o subalterno vulnerável, ainda submisso à impertinência do inspetor, nascer o responsável pelo Correio da Espanha e da África, nascer aquele que, dali a três horas enfrentaria, entre relâmpagos, o dragão Hospitalet... que dali a quatro horas, tendo-o vencido, decidiria com toda a liberdade, e plenos poderes, à volta pelo mar ou o assalto direto aos maciços de Alcoy... que lidaria com a tempestade, com a montanha, o oceano.

Todo companheiro, um dia assim, confundido no grupo anônimo, sob o escuro céu de inverno de Toulouse sentiria crescer dentro de si o soberano que dali a cinco horas, deixando para trás as chuvas e as neves do norte, repudiando o inverno, reduziria a marcha do motor e começaria a descer em pleno verão, sob o sol ardente de Alicante.

Aquele velho ônibus desapareceu, mas sua austeridade, seu desconforto ainda vivem em minha lembrança. Simbolizava bem a preparação necessária às duras alegrias do nosso ofício. Tudo nele era de uma sobriedade impressionante. Lembro-me de ter recebido dentro dele, três anos mais tarde, sem que dez palavras fossem pronunciadas, a notícia da morte o piloto Lecrivain, um dos sem companheiros da linha que, um dia ou numa noite de nevoeiro, partiram para a eternidade.

Eram três da manhã, reinava o mesmo silêncio, quando ouvimos o diretor, invisível na penumbra, dizer ao inspetor:

- Lecrivain não desceu esta noite, em Casablanca.

- Ah – respondeu o inspetor – Hem?

E arrancado do sono, fez um esforço para despertar, para mostrar sua atenção, e acrescentou:

- É? Não conseguiu passar? Voltou?

Do fundo do ônibus outro respondeu simplesmente: “Não”. Esperamos o resto; não veio mais nenhuma palavra. E à medida que os segundos passavam tornava-se mais evidente que aquele “não” era sem esperança, que Lecrivain não somente não havia aterrissado em Casablanca como também não aterrissaria nunca mais em parte alguma.

Assim, naquela manhã, na alvorada de meu primeiro voo, eu me submetia, por minha vez, aos ritos sagrados do ofício. Experimentava um sentimento de insegurança olhando, através das vidraças do ônibus, a macadame molhado onde se refletiam os focos de iluminação. O Vento franzia as poças de água. E eu pensava: “Francamente, para meu primeiro dia de voo... tenho pouca sorte... “Ergui os olhos para o inspetor:

- Mau tempo, hem?

Ele lançou pela vidraça um olhar experiente:

_ Isso não quer dizer nada – resmungou afinal.

E eu me perguntava por que sinal reconheceria o mau tempo. Guillaumet, com um simples sorriso, havia apagado, na noite anterior, todos os presságios fúnebres com que os veteranos nos acabrunhavam, mas agora eles me voltavam à memória: “quem não conhece a linha pedra por pedra, se encontra uma tempestade de neve, coitado... Ah, coitado...”.

Eles precisavam manter seu prestígio, e balançavam a cabeça afastando os olhos de nós com uma piedade um pouco embaraçante, como se lastimassem nossa pobre inocência.

Na verdade, para quantos de nós até então aquele ônibus não havia sido o último refúgio? Sessenta Oitenta? Conduzidos pelo mesmo chofer taciturno, na madrugada de chuva... Eu olhava em torno: pontos luminosos brilhavam na sombra – cigarros pontilhando meditações. Humildes meditações de empregados envelhecidos. Para quantos de nós aqueles companheiros haviam servido de último cortejo?

Eu surpreendia também as confidências que se trocavam em voz baixa. Eram sobre as doenças, o dinheiro, os tristes cuidados domésticos. Eles mostravam os muros da encardida prisão em que eles homens estavam encerrados. E bruscamente, me apareceu o rosto do destino.

Velho burocrata, meu companheiro aqui presente, ninguém nunca fez com que te evadisses, e não és responsável por isso. Construístes tua paz tapando com cimento, como as térmitas, todas as saídas para luz. Ficaste enroscado em tua segurança burguesa, em tuas rotinas, nos ritos sufocantes de sua vida provinciana; ergueste esta humilde proteção contra os ventos, e as marés, e as estrelas. Não queres te inquietar com os grandes problemas e fizeste um grande esforço para esquecer a tua condição de homem, Não és habitante de um planeta errante e não lanças perguntas sem solução: és um pequeno burguês de Toulouse. Ninguém te sacudiu pelos ombros quando ainda era tempo. Agora a argila de que és feito já secou, e endureceu, e nada mais poderá despertar em ti o músico adormecido, ou o poeta, ou o astrônomo que talvez te habitassem...

Não me queixo mais das lufadas de chuva. A magia do ofício abre para mim um mundo em que enfrentarei, dentro de duas horas, dragões

negros e cumes coroados por uma cabeleira de relâmpagos azuis. Nesse mundo, quando vier à noite, livre lerei meu caminho nos astros.

Assim era nosso batismo profissional, e começávamos a viajar, Essas viagens, no mais das vezes, eram sem história. Descíamos em paz, como mergulhadores profissionais, nas profundezas de nosso domínio. Hoje ele este bem explorado. O piloto, o mecânico e o radiotelegrafista não tentam mais uma aventura: encerram-se num laboratório. Obedecem ao jogo das agulhas, não mais ao desfile das paisagens. Lá fora as montanhas estão mergulhadas nas trevas, mas não são mais montanhas. São potências invisíveis dais quais é preciso calcular a aproximação. O radiotelegrafista toma nota de cifras sob a lâmpada, sossegadamente, o mecânico aponta o mapa, e o piloto corrige a rota se as montanhas se afastaram do rumo, se os cumes que ele queria passar pelo lado esquerdo se erguem em sua frente no silêncio e no segredo dos preparativos militares.

Quanto aos radiotelegrafistas de vigilância em terra, anotam prudentemente, em seus cadernos, no mesmo segundo, as informações ditadas pelo companheiro que está em voo: “Meia-noite e quarenta, rota 230. Tudo bem a bordo”.

Assim viaja hoje a tripulação. Não sente que esta em movimento. Está longe de todos os sinais, como à noite no mar. Mas os motores enchem a iluminada cabina de um frêmito que muda a sua substância. As horas passam. Processa-se toda uma alquimia invisível nos quadrantes, nas lâmpadas de rádio, nas agulhas. Segundo a segundo, os gestos secretos, a atenção, as palavras abafadas preparam o milagre. **E quando chega a hora o piloto pode colar a testa à vidraça com segurança. Nasceu o ouro do Nada: ele brilha nas luzes da escala.**

Entretanto, todos nós conhecemos viagens em que de repente, sob um ponto de vista todo particular, a duas horas da escala, sentíamos nosso próprio afastamento como não o sentiríamos na Índia – e perdemos toda esperança de voltar.

Assim Mermoz, pela primeira vez, atravessou o Atlântico em hidroavião, atingiu, ao cair da tarde, a região do Pot-au_Noir. Viu à sua frente

às caudas dos ciclones, que se comprimiam de minuto a minuto, como se vê construir um muro; depois a noite crescer sobre estes preparativos, e dissimulá-los. E quando, uma hora mais tarde, se insinuou sob as nuvens, desembocou num reino fantástico.

Trombas d'água elevavam-se ali acumuladas, imóveis, na aparência, como pilares negros, de um templo. Elas suportavam, em seus cumes túmidos, a abóboda escura e baixa da tempestade; mas através dos rasgões da abóboda, feixes de luz caíam e a lua cheia brilhava, entre os pilares, nas lajes frias do mar. E Mermoz seguiu sua rota através daquelas ruínas desabitadas, obliquamente, pelos canais de luz, contornando os pilares gigantes onde bramava a Ascensão do mar – marchando quatro horas, ao longo da esteira da lua, para saída do templo. E o espetáculo era tão esmagador que Mermoz, uma vez transposto o Pot-au-Noir, percebeu que não tivera medo.

Recordo-me também, de um desses momentos em que se transpõem os confins do mundo real: as indicações radiogtoniométricas enviadas pelas escalas do Saara haviam sido falsas toda aquela noite e haviam perigosamente enganado, a mim e ao radiotelegrafista Neri. Quando, tendo visto a água brilhar no fundo de uma abertura das brumas, virei bruscamente na direção da costa, não podíamos saber a quanto tempo estávamos avançando para o alto-mar.

Era incerto chegar ao litoral, porque talvez faltasse gasolina; e, além disso, uma vez atingida à costa, seria preciso achar o ponto de escala. Ora, a lua estava prestes a morrer. Sem indicações angulares, já surdos, nós íamos ficando, pouco a pouco, cegos. A lua acabava de se apagar, como uma brasa pálida, numa bruma que parecia um banco de neve. O céu, acima de nós, começou a se cobrir de nuvens. Navegávamos agora entre as nuvens e a bruma, num mundo vazio de toda luz e toda substância.

As estações que nos respondiam renunciavam a dar indicações sobre nossa posição. “Nenhuma indicação... Nenhuma indicação...”, porque nossa voz lhes chegava de toda parte e de parte nenhuma.

E bruscamente, quando já desesperávamos, um ponto brilhante apareceu no horizonte, em nossa frente, um pouco à esquerda. Senti uma alegria

tumultuosa; Neri curvou-se para mim e percebi que ele cantarolava. Só podia ser o ponto da escala, só podia ser o seu farol porque, à noite, o Saara inteiro se apaga e forma um grande território morto. A Luz, entretanto, cintilou um pouco e se extinguiu. Havíamos apontado a proa para uma estrela, visível em seu ocaso por alguns minutos somente, no horizonte, entre a camada de bruma

e as nuvens!

Então vimos que se erguiam outras luzes e, com uma surda esperança, apontávamos a proa de cada vez sobre bruma. “E quando a luz se prolongava, tentávamos a experiência vital: “Luz à vista”, ordenava Neri à escala de Cisneros, acenda e apague seu farol três vezes”. Cisneros acendia e apagava três vezes seu farol, mas a luz dura, a luz que espreitávamos, essa não piscava – incorruptível estrela.

Embora a gasolina devesse estar acabando, continuávamos a morder esses anzóis de ouro. De cada vez era a verdadeira luz de um farol, era a escala e a vida. Depois, era preciso mudar de estrela...

E então nos sentíamos perdidos no espaço interplanetário, entre cem planetas inacessíveis, à procura do único planeta verdadeiro, do nosso planeta onde estavam nossas paisagens familiares, nossas casas amigas, nossas ternuras.

Do único planeta onde... Eu vos direi à imagem que me assaltou, e talvez vos pareça pueril. Mas no centro do perigo o homem conserva suas inquietações, e eu tinha sede, e fome. Se encontrássemos Cisneros prosseguiríamos a viagem, uma vez o tanque cheio novamente de gasolina; e desceríamos em Casablanca, na frescura da manhãzinha. Acabado o serviço Neri e eu iríamos a cidade. Pela madrugada em Casablanca já há uns botequins abertos... Neri e eu sentaríamos a uma pequena mesa, bem seguros, rindo da noite passada, diante dos pãozinhos quentes em forma de meia-lua e do café com leite. Neri e eu receberíamos aquele presente matinal da vida. Assim também a velha camponesa só atinge o seu deus através de uma imagem pintada, de uma ingênua medalhinha, de um rosário; é preciso que nos falem numa linguagem bem simples para que possamos entender. A alegria de viver se resumia para mim naquele primeiro gole matutino, cheiroso e quente, naquela mistura de leite, café e trigo que nos liga às paisagens

calmas, às culturas exóticas, e às searas – que nos liga à terra inteira. Entre tantas estrelas não havia nenhuma outra que enchesse para nós a xícara perfumada do café da manhã.

Mas entre nossa embarcação e essa terra habitada acumulavam-se distâncias intransponíveis. Todas as riquezas do mundo estavam em um grão de areia perdido entre as constelações. E o astrólogo Neri, que procurava reconhecê-lo, lançava sempre sua súplica às estrelas.

De repente ele me bateu no ombro, para mostrar um papel onde li: “Tudo bem, estou recebendo uma mensagem magnífica...” Esperei, com o coração pulando, que ele acabasse de transcrever as cinco ou seis palavras que nos salvariam. Enfim ele recebeu a mensagem, aquele presente do céu. Era de Casablanca, posto que havíamos deixado na noite da véspera. Retardada na transmissão, aquela mensagem nos chegava de repente, a dois mil quilômetros de distância, entre as nuvens e as brumas, perdidos no mar. Era assinada pelo representante do Estado, no aeroporto de Casablanca. Li Sr. Saint-Exupéry, vejo-me obrigado a requerer a Paris que lhe aplique penalidades. “O senhor fez a curva demasiado perto dos hangares, na partida de Casablanca.” Era verdade que eu fizera a curva muito próxima dos hangares. Era verdade também que aquele homem cumpria seu dever zangando-se. Eu teria recebido aquela censura com humildade no escritório do aeroporto. Mas nos chegava ali, quando não nos devia chegar... E destoava entre as estrelas tão raras, e o leito das brumas, e o gosto ameaçador do mar. Estávamos em luta pelo nosso destino, pelo nosso correio, pelo nosso barco; em luta para dirigir no sentido de nossa própria vida – e aquele homenzinho vinha desabafar sobre nós seu pequeno rancor. Entretanto, longe de ficarmos irritados, Neri eu sentimos uma brusca e enorme alegria. Ali éramos os senhores – eis que aquilo nos fazia descobrir. Então aquele cabo não havia notado em nossas mangas que já éramos capitães? Ele nos vinha perturbar em nosso sonho, quando muito gravemente, viajávamos entre a Ursa Maior e o Sagitário; quando o único assunto que nos podia preocupar pessoalmente era aquela traição da lua!

O dever imediato, o único dever do planeta de onde aquele homem se manifestava era o fornecer cifras exatas para os nossos cálculos entre os astros. E essas cifras eram falsas. Quanto ao resto provisoriamente, tudo o que

aquele planeta devia fazer era calar-se. E Neri me escreveu: “Em lugar de se divertir com tolices eles fariam melhor orientando-nos para alguma parte”. Na palavra “eles” Neri resumia todos os povos do globo, com seus Parlamentos, seus senados, suas marinhas, seus exércitos e seus imperadores. E, relendo aquela mensagem de um insensato que pretendia ter alguma coisa a ver conosco, apontamos a proa para Mercúrio...

Fomos salvos pelo mais estranho dos acasos: veio à hora que, sacrificando a esperança de encontrar Cisneros e virando perpendicularmente na direção da costa, resolvi manter a mesma direção até a pane por falta de gasolina. Assim eu me reservava alguma chance de não cair no mar. Desgraçadamente aqueles faróis ilusórios nos haviam conduzido Deus sabe aonde. Desgraçadamente a bruma espessa em que seríamos obrigados a mergulhar em plena noite deixava-nos poucas probabilidades de tocar o solo sem desastre. Mas não havia alternativa.

A situação era tão calma que dei de ombros, melancolicamente, quando Neri me passou uma mensagem que nos teria salvado uma hora mais cedo... “Cisneros manda indicações. Cisneros diz: duzentos e dezesseis provavelmente...” Cisneros não estava mais perdida nas trevas: Cisneros manifestava-se ali, tangível, à nossa esquerda. Sim, mas a que distância? Tivemos Neri e eu uma rápida conversa> Estávamos de acordo. Era demasiado tarde. Correndo para Cisneros aumentaríamos o risco de perder a costa. E Neri mandou a resposta: “Tendo gasolina apenas para uma hora conservaremos a proa para noventa e três”.

Agora, um a um, despertavam os postos de escala. Ao nosso diálogo misturavam-se as vozes de Agadir, de Casablanca, de Dacar. Os postos de rádio em todas essas cidades haviam alertado os aeroportos. Os chefes dos aeroportos haviam alertado os camaradas, E pouco a pouco eles se reuniam em torno de nos como em torno do leito de um doente. **Ternura inútil, mas ternura. Conselhos inúteis, mas amigos.**

E bruscamente surgiu Toulouse, Toulouse, ponto de partida, perdida lá embaixo, a quatro mil quilômetros de distância. Toulouse se instalou de repente em nosso receptor e sem preâmbulos perguntou: “O aparelho de vocês não é o F”...? (Esqueci as indicações da matrícula).

“Sim”.

Então ainda tem duas horas de gasolina. O tanque desse aparelho não é um tanque standard. “Voem para Cisneros”.

Assim, as necessidades que um ofício impõe transformam e enriquecem o mundo. Não é preciso uma noite como aquela para que o piloto de linha descubra um sentido novo nos velhos espetáculos: a paisagem monótona, que fadiga o passageiro, é bem diferente para a tripulação. A massa nebulosa que fecha o horizonte cessa de ser, para o piloto, um enfeite: ela interessa os seus próprios músculos, ela lhe propõe problemas. Desde logo ele a considera, ele a mede, e a ela está ligado por uma linguagem verdadeira. Eis um cume, ainda longe: que face lhe mostrará? Ao luar será um sinal, uma indicação cômoda. Mas se o piloto faz voo cego, corrige dificilmente seu deslocamento e dúvida de sua posição, aquele pico se transformará em explosivo e encherá com sua ameaça a noite inteira, tal como a mina submarina, levada ao sabor das correntes, faz perigoso todo o mar.

Assim variam também os oceanos. Para os simples viajantes a tempestade permanece invisível: vistas de tão alto as ondas nos oferecem relevo e as massas de nuvens parecem imóveis. Só aparecem as grandes palmas brancas, marcadas de frisos e nervuras como se estivessem presas no gelo. Mas o piloto sabe que ali é impossível qualquer amerissagem. Aquelas palmas são, para ele, grandes flores venenosas.

E mesmo se a viagem é uma viagem feliz, o piloto que navega em qualquer lugar, em seu trecho de linha, não assiste a um simples espetáculo. As cores do céu e da terra, os traços do vento no mar, as nuvens douradas do crepúsculo não o convidam a devanear, mas a refletir. Como o camponês que faz uma volta pelos seus domínios e prevê, por mil sinais, a marcha da primavera, a ameaça do gelo, a vinda das chuvas, o piloto de linha decifra também os sinais de neve, os sinais de bruma, os sinais de noite feliz. A máquina, que a princípio parecia afastá-lo dos grandes problemas naturais, submete-o a eles com mais rigor. **Só, no meio do vasto tribunal que um céu tempestuoso forma, o piloto disputa seu aparelho a três divindades elementares – a montanha, a tempestade, o mar.**

2 OS COMPANHEIROS

Alguns companheiros, ente eles Mermoz, fundaram a linha francesa de Casablanca a Dacar, através do Saara insubmisso. Os motores naquele tempo eram pouco resistentes, e uma pane entregou Mermoz aos mouros. Hesitarem em massacrá-lo Guardaram-no prisioneiro uns quinze dias e depois o venderam. E Mermoz recomeçou o serviço sobre aqueles mesmos territórios.

Quando se abriu a linha da América, Mermoz, sempre na vanguarda, foi encarregado de estudar o trecho de Buenos Aires a Santiago. Depois de construir uma ponte sobre o Saara devia lançar outra sobre os Andes. Confiou-lhe um avião que ascendia a cinco mil e duzentos metros. Os picos da cordilheira sobem a sete mil. E Mermoz decolou para procurar as passagens.

Depois do areal, Mermoz enfrentava as montanhas: cumes cujos mantos de neve o vento varre, paisagens que empalidecem quando a tempestade vem, remoinhos de ar tão fortes que o piloto, quando é apanhado entre duas muralhas de rocha, tem que travar uma espécie de luta a punhal. Mermoz lançava-se a esses combates sem nada saber do adversário, sem saber se sairia vivo da aventura. Mermoz “experimentava” para os outros.

Um dia, afinal, de tanto “experimentar” ficou prisioneiro dos Andes.

Obrigados a descer, a quatro mil metros de altitude, em um platô de paredes verticais, ele e o mecânico procuraram durante dois dias o meio de fugir. Estavam presos. Então arriscaram a última chance: lançaram o avião no vácuo, movimentando-o aos saltos no chão desigual, duramente até o precipício. Lançaram-se. Na queda o avião tomou, enfim, velocidade bastante para obedecer de novo ao comando. Mermoz subiu em face de um pico, passou raspando por ele e, com água esguichando de todos os tubos arreventados perlo gelo durante a noite, já em pane aos sete minutos apenas de voo, descobriu a planície chilena, a sua frente, como a Terra Prometida.

No dia seguinte recomeçou.

Quando os Andes ficaram bem explorados e a técnica da travessia, bem estabelecida, Mermoz confiou esse trecho ao seu companheiro Guillaument e foi explorar a noite.

A iluminação de nossos postos de escala ainda não havia sido feita. E nos campos de aterrissagem era alinhada perante Mermoz, na noite negra, a magra iluminação de três fogueiras de gasolina.

Ele ia descendo e abrindo as rotas.

Quando a noite estava bem conquistada, Mermoz experimentou o Oceano. E o correio, desde 1931, foi transportado pela primeira vezem quatro dias de Toulouse a Buenos Aires. Na volta, Mermoz sofreu uma pane de óleo no centro de Atlântico Sul, sobre um mar agitado. Um navio o salvou – a ele, ao seu velho aparelho e à sua tripulação.

Enfim, depois de doze anos de trabalho, sobrevoando9 mais uma vez o Atlântico Sul, disse numa rápida mensagem, que o motor da direita estava falhando. Depois, silêncio.

A noticia não chegava a ser inquietante. Entretanto, após dez minutos de silêncio, todos os postos de rádio da ilha, de Paris a Buenos Aires, começaram sua vigília de angustia. Porque se dez minutos de atraso quase não têm sentido na vida cotidiana, ele assume, no correio aéreo, uma grave significação. **No ventre desse tempo morto um acontecimento ainda desconhecido está encerrado. Insignificante ou sinistro, ele já se resolveu. O destino pronunciou sua sentença e contra essa sentença não há apelação: a mão de ferro dirigiu a tripulação para a amerissagem sem gravidade ou para o esfacelamento. Mas a sentença não é comunicada aos que esperam.**

Qual de nós não conheceu essas esperanças cada segundo mais frágeis, esse silêncio que piora de minuto a minuto como uma doença fatal? Esperamos. Mas as horas passaram e pouco a pouco se fez tarde.

Fomos obrigados a compreender que nossos companheiros não voltariam, que eles repousavam naquele Atlântico sul cujos céus tantas vezes haviam rasgado. Mermoz ocultara-se no campo de seus trabalhos como o segador que, tendo amarrado seus feixes de trigo, se deita na terra.

Quando um companheiro morre assim, a sua morte ainda parece um ato que está na ordem normal do ofício. A princípio fere menos, talvez, que qualquer outra morte. Certamente ele está afastado. Sofreu sua última transferência de escala, mas sua presença não nos falta ainda, em profundidade, como poderia nos faltar o pão.

Temos, como efeito, o hábito de esperar durante muito tempo os encontros. De Paris a Santiago do Chile, esses companheiros de linha estão espalhados pelo mundo, um pouco isolados, como sentinelas que quase não se falam. Só o acaso das viagens reúne aqui e ali os membros dispersos da grande família profissional. Em volta de uma mesa, uma noite, em Casablanca, em Dacar, em Buenos Aires, retomam-se depois de anos de silêncio, conversas interrompidas e reatam-se velhas lembranças. Depois e partir novamente. **A terra é assim, é ao mesmo tempo deserta e rica. Rica desses jardins secretos, escondidos, difíceis de atingir, mas aos quais o ofício nos conduz sempre, um dia ou outro. A vida nos separa talvez dos companheiros, e nos impede de pensar muito nisso. Eles estão em algum lugar, não se sabe bem onde, silenciosos e esquecidos, mas tão fiéis! E se cruzamos seus caminhos, eles nos sacodem pelos ombros com belos lampejos de alegria. Sim, nos temos o hábito de esperar.**

Mas pouco a pouco descobrimos que não ouviremos nunca mais o riso claro daquele companheiro; descobrimos que aquele jardim está fechado para sempre. Então começa nosso verdadeiro luto, que não é desesperado, mas um pouco amargo.

Nada, jamais, na verdade, substituirá o companheiro perdido. Ninguém pode criar velhos companheiros. Nada vale o tesouro de tantas recordações comuns, de tantas horas más vividas juntos, de tantas desavenças, de tantas reconciliações, de tantos impulsos afetivos. Não se reconstróem essas amizades. Seria inútil plantar um carvalho na esperança de ter, em breve, o abrigo de suas folhas,

Assim vai a vida. A princípio, enriquecemos; plantamos durante anos, mas os anos chegam em que o tempo destrói esse trabalho, arranca essas árvores. Um a um, os companheiros nos retiram sua sombra. E aos nossos lutos mistura-se então a mágoa secreta de envelhecer.

Esta moral que Mermoz e tantos outros me ensinaram. **A grandeza de uma profissão é talvez, antes de tudo, unir os homens; só há um luxo verdadeiro, o das relações humanas.**

Trabalhando só pelos bens materiais construímos nós mesmos nossa prisão. Encerramo-nos lá dentro, solitários, com nossa moeda de cinza, que não pode ser trocada por coisa alguma que valha a pena viver.

Se procuro entre minhas lembranças as que me deixaram um gosto durável, se faço o balanço das horas que valeram a pena, certamente só encontro àquelas que nenhuma fortuna do mundo ter-me-ia presenteado. Não se compra a amizade de um Mermoz, de um companheiro a que estamos ligados para sempre pelas provas sofridas juntos.

Esta noite de voo e suas cem mil estrelas, esta serenidade, esta serenidade, esta soberania de algumas horas, o dinheiro não compra.

Esta face, nova do mundo depois de uma etapa difícil, estas árvores, estas flores, estas mulheres, estes sorrisos docemente coloridos pela vida a que regressamos da madrugada, este mundo de pequenas coisas que nos recompensam, o dinheiro não compra.

Nem esta noite vivida entre os revoltosos, cuja lembrança agora me vem.

Éramos três tripulações da Aéropostale. Havíamos descido, ao cair do dia, na costa do rio do Ouro. Meu companheiro Riguelle havia descido primeiro com uma biela partida; um outro camarada, Bougart, aterrissou então para socorrê-lo, mas não pode retomar voo devido a uma avaria sem gravidade. Afinal aterrissei, mas a noite já avançava. Resolvemos salvar o avião de Bougart, e para fazer o conserto bem feito, era preciso esperar a manhã.

Um ano antes nossos companheiros Group e Érable, descidos em pane naquele mesmo lugar, haviam sido massacrados pelos revoltosos. Sabíamos que naquele momento um rezou de trezentos fuzis estava acampado em algum lugar de Bojador. Nossas três aterrisagens, visíveis de longe, havia com certeza alertado os revoltosos. Começamos uma vigília que podia ser a última.

Instalamos-nos para passar a noite. Tiramos dos aviões cinco ou seis caixas de mercadorias e as dispusemos em círculo, depois de esvaziá-las. No fundo de cada caixa, como dentro de uma guarita, acendemos uma pobre vela, mal protegida contra o vento. Assim, em pleno deserto, na crosta nua do planeta num isolamento dos primeiros anos do mundo, construímos uma aldeia de homens.

Reunidos para passar a noite na praça grande da nossa aldeia, naquele círculo de areia onde as velas jogavam suas luzes trêmulas, ficamos à espera. À espera da madrugada que nos salvaria – ou dos mouros. E não sei o que dava aquela noite um gosto de noite de Natal. Contamos velhas histórias, fizemos pilhérias e cantamos.

Saboreávamos o mesmo fervor leve do melhor de uma festa bem preparada. Entretanto, éramos infinitamente pobres. Vento, areia, estrelas. Um estilo duro, para trapistas. Contudo, naquele círculo de areia mal iluminado, cinco ou seis homens que não possuíam mais coisa alguma no mundo a não ser suas lembranças trocavam invisíveis riquezas.

Nós nos havíamos, finalmente, encontrado. **Anda-se lado a lado muito tempo, cada um fechado em seu silêncio, ou trocando palavras que não encerram nada. Mas eis a hora do perigo. Então vem a ajuda mútua. Descobre-se que se pertence à mesma comunidade. Cada um enriquece com a descoberta de outras consciências. Então os homens se olham com um grande sorriso. E parecem prisioneiros libertados que se maravilham com a imensidão do mar.**

Guillaument, eu direi alguma coisa sobre você. Mas não o aborrecerei insistindo sobre sua coragem e o seu valor profissional. É outra coisa que eu quero contar narrando a mais bela de suas aventuras.

Há uma qualidade que não tem nome. Talvez seja “gravidade”, mas a palavra não satisfaz. Porque essa qualidade pode existir junto a mais sorridente alegria. É a qualidade do carpinteiro que se planta diante de seu pedaço de madeira e o palpa e o mede, e, longe de trata-lo às pressas, reúne todas suas virtudes para trabalha-lo. Li há muito tempo, Guillaumet, uma narrativa onde se celebrava a sua aventura e tenho uma velha vontade de

corrigir aquela imagem infiel. Ali você aparecia com frases de *gavroche*, como se a coragem consistisse em descer a essas piadas de colegial ante os mais sérios perigos ou na hora da morte, Isto não é conhecer você, Guillaumet. **Você não sente a necessidade de ridicularizar seus adversários antes de enfrenta-los.** Perante uma dura tempestade, você julga: “Eis uma dura tempestade” Você aceita, você a mede. Trago-lhe aqui, Guillaumet, o testemunho de minhas lembranças.

Já haviam se passado cinquenta horas de você desaparecera numa travessia dos Andes, durante o inverno. Voltando do fundo da Patagônia, fui ao encontro do piloto Deley, em Mendoza. E nós dois, durante cinco dias, esquadrinhamos aquela confusão de montanhas, sem descobrir coisa alguma. Nossos dois aparelhos não bastavam. Parecia-nos que cem esquadrilhas, navegando cem anos, não acabariam de explorar aquele enorme maciço cujos picos se erguiam até sete mil metros. Havíamos perdido toda esperança. Os próprios contrabandistas, os bandidos que lá em baixo cometem um crime por cinco francos, recusavam-se a se aventurar nos contrafortes das montanhas. “Arriscaríamos nossas vidas”, diziam eles. “Os Andes, no inverno, não devolvem os homens”. Quando eu e Deley descemos em Santiago os oficiais chilenos também nos aconselharam a suspender as buscas. “É inverno. Esse companheiro de vocês se sobreviveu à queda, não sobreviveu à noite. À noite, lá em cima, quando passa sobre o homem, transforma-o em gelo.” E quando eu novamente me infiltrava entre os muros e os pilares gigantescos dos Andes já sentia que não estava mais procurando você: velava o seu corpo, em silêncio, numa catedral de neve.

Afinal, depois de sete dias, quando eu almoçava, no intervalo de dois voos, num restaurante de Mendoza, um homem empurrou a porta e gritou... oh! Apenas isto:

- Guillaumet... vivo!

E todos os desconhecidos que ali estavam se abraçaram.

Dez minutos mais tarde eu partia com dois mecânicos, Lefebre e Abri. Quarenta minutos depois descia ao longo de uma estrada, tendo reconhecido, não sei como, o carro que o conduzia para não sei onde, nos lados de San

Rafael. Foi um belo encontro: choramos todos e esmagamos você em nossos abraços, vivo ressuscitado, autor de seu próprio milagre. Foi então que você exprimiu, na sua primeira frase inteligível, um admirável orgulho da espécie: **“O que eu fiz palavra que nenhum bicho, só um homem era capaz de fazer”**.

Mais tarde você nos contou o desastre.

Uma tempestade despejava cinco metros de espessura de neve, em quarenta e oito horas, na vertente chilena dos Andes, entupindo o céu inteiro. Os americanos da Pan-Air haviam feito meia-volta, mas você decolou a procura de um rasgão no céu. Descobriu um pouco mais ao sul essa armadilha. Então a seis mil e quinhentos metros, dominando as nuvens que só se elevavam a seis mil, e através das quais só varavam os picos mais altos, você apontou a proa para Argentina.

As correntes de ar descendentes dão às vezes ao piloto uma estranha sensação de mal estar. O motor roda bem, mas o avião desce. O piloto empina para retomar altitude, o avião perde a velocidade e oscila fraco: desce mais. O homem volta atrás, com medo de haver empinado muito e se deixa derivar para direita ou à esquerda, procurando chegar-se a um pico favorável, que receba os ventos como um trampolim – e o avião desce mais. É o céu inteiro que parece vir abaixo. O homem sente-se então envolvido em uma espécie de acidente cósmico. Não há mais refúgio. Tenta em vão fazer meia-volta para chegar outra vez lá atrás, às zonas em que o ar sustentava o aparelho, sólido e cheio como um pilar. Mas não há mais pilares. Tudo se decompõe. E o avião desce, no meio da desordem universal, para a nuvem que sobe molemente, que se eleva até ele e o absorve.

“Eu tinha quase me despedaçado em um canto de montanha”, dizia-nos voc.^, “mas ainda não desesperara. A gente encontra correntes descendentes em cima de nuvens que parecem estáveis pela simples razão de que na mesma altitude elas se recompõem indefinidamente. Tudo é tão estranho no alto das montanhas...”.

E que nuvens!

“Naquela situação larguei o comando e agarrei-me à cadeira para não ser lançado fora”. As sacudidelas eram tão fortes que as correias me feriam os ombros e estavam a ponto de rebentar. Além disso, o turbilhão de neve me privava de todo horizonte instrumental, e o aparelho rolou, de seis mil a três mil e quinhentos metros como se fosse um chapéu.

“Ai, a três mil e quinhentos metros, vi uma grande massa negra, horizontal, que me permitiu restaurar a posição do aparelho no ar”. Era uma lagoa que reconheci: a laguna Diamante. Sabia que ela estava encravada no fundo de um precipício, junto ao vulcão Maipú, que se eleva a seis mil e novecentos metros. Embora libertado da nuvem eu voava quase às cegas no espesso turbilhão de neve e não podia descer sem me chocar contra uma das montanhas que rodeavam o lago. Comecei a fazer voltas sobre a lagoa, a trinta metros de altura, até a pane de gasolina. Depois de duas horas de manobra descei e capotei. Quando saltava do avião, a tempestade me lançou ao solo. Firmei-me novamente nos pés e ela me virou outra vez. Tive que me meter sob a carlinga e cavar um abrigo na neve. Naquele buraco cerquei-me de sacos postais e, durante quarenta horas, esperei.

“Depois disso, quando a tempestade amainou, comecei a andar. Andei cinco dias e quatro noites”.

Mas, que restava de você, Guillaumet? Nos o encontramos bem, mas calcinado, encarquilhado, recurvo como se fossa uma velha. Naquela tarde mesmo, eu o levei de avião para Mendoza, onde os lençóis brancos envolveram o seu corpo como um bálsamo. Mas eles não curaram seu corpo.

Seu corpo, extenuado, era uma carcaça que você virava e revirava sem conseguir alojá-la no sono. Seu corpo não esquecia os rochedos e as neves. Eles o haviam marcado. Reparei em sua cara escura, tumefacta, como uma fruta quase podre que houvesse recebido pauladas. Você estava ali, tão feio e com um ar de miséria, tendo perdido o uso de seus belos instrumentos de trabalho. As mãos continuavam dormentes e quando, para respirar, você se sentava, na cama, os pés gelados pendiam como dois pesos mortos. E nem ao menos tinha terminado a viagem; ofegava ainda, arquejante. Quando se virava, no travesseiro em procura de um pouco de paz, vinha uma procissão de imagens impossíveis de afastar. Uma procissão que estava impaciente para

seguir e logo se punha a caminhar em seu cérebro. Desfilava. E você recomeçava vinte vezes, o combate contra os inimigos que ressuscitavam das cinzas.

Eu lhe dava remédios sobre remédios:

- Vamos, rapaz, beba!
- O que mais me espantou... você sabe...

Pugilista vitorioso, mas bem marcado pelos grandes golpes recebidos, você revivia sua estranha aventura, libertava-se dela aos poucos, em frases soltas. E eu o via, ao longo de sua narrativa noturna, andando, sem um bastão, sem víveres, escalando gargantas de quatro mil e quinhentos metros ou progredindo ao longo das paredes verticais, sangrando os pés, os joelhos, as mãos, sob quarenta graus de frio. Exaurido pouco a pouco de seu sangue, de suas forças, de sua razão, avançava com uma teimosia de formiga, voltando sobre os passos para contornar um obstáculo, erguendo-se depois das quedas, subindo escarpas que iam terminar no abismo, sem se permitir nenhum repouso, porque não poderia se erguer depois, de seu leito de neve.

Quando escorregava, precisava se levantar depressa, para não ser transformado em pedra. O frio o petrificava de segundo a segundo. Se quisesse gozar, depois de um tombo, um minuto de repouso a mais, quando tentasse se erguer só encontraria músculos mortos.

Era preciso resistir às tentações: “Na neve”, dizia-me você, “a gente perde todo instinto de conservação. Depois de dois, três, quatro dias de marcha tudo o que se deseja é o sono. Eu o desejava. Mas ao mesmo tempo pensava: Minha mulher... se ela crê que eu estou vivo, ela crê que estou andando. Os companheiros creem que estou andando. Serei um covarde se não continuar andando.”.

E andava. Cada dia alargava um pouco mais, com a ponta do canivete, um corte na costura da botina, para que os pés gelados, inchados, ainda pudessem caber ali dentro.

Recebi esta sua estranha confiança:

“Do segundo dia em diante meu trabalho maior foi procurar não pensar. Sofria demais, minha situação era desesperada demais. Para ter a coragem de andar, precisava não pensar nisso. Desgraçadamente controlava mal o cérebro: ele trabalhava como uma turbina. Mas eu ainda podia escolher suas imagens. Fazia-o pensar em um livro, em um filme. E o filme e o livro desfilavam dentro de mim depressa; voltava à realidade da situação presente imediatamente. Então eu jogava ao meu cérebro outras recordações para que ele fosse se entretendo...”.

Uma vez, porém tendo escorregado e caído de bruços na neve, você renunciou a erguer-se> Era como um pugilista de quem um murro mais forte exauriu toda a paixão da luta. E que ouve os segundos caírem, um a um, num mundo estranho, até o décimo, que é sem remédio.

“Fiz o que pude e não tenho mais esperança; por que me obstinar no martírio”? Bastava fechar os olhos para fazer a paz no mundo. Para retirar do mundo os rochedos, o gelo, a neve. Logo que as pálpebras milagrosas se fechassem, já não haveria mais os golpes, nem os tombos, nem os músculos doridos, nem o gelo ardente, nem esse peso da vida quando a marcha de um homem é como a marcha de um boi e quando o peso da vida é mais pesado que um carro. Você já glosava aquele frio que era veneno, aquele frio que era morfina enchendo o corpo de beatitude. Sua vida refugiava-se em torno do coração. Alguma coisa de precioso e doce encolhia-se no centro de seu ser. A Consciência pouco a pouco abandonava as regiões lógicas daquele corpo, daquela pobre besta esgotada pelas dores que já começava a participar da indiferença do mármore.

E mesmo os seus escrúpulos já se aquietavam. Nossos apelos não o atingiam mais, ou melhor, chegavam transformados em apelos de sonho. E você respondia feliz, andando em sonhos, em grandes passos fáceis que lhe abriam sem esforço as delícias da planície. Com que facilidade você andava agora em um mundo cheio de ternura! Avaramente, Guillet, você nos recusava a sua volta.

Os remorsos vieram dos subterrâneos da consciência. Ao sonho misturam-se de repente detalhes precisos. “Pensei em minha mulher. Minha apólice de seguro de vida lhe evitaria a miséria. Sim, mas o seguro...”.

No caso de desaparecimento a morte legal só é declarada depois de quatro anos. Este detalhe lhe apareceu nítido, apagando as outras imagens. Seu corpo estava estendido ali, de bruços, em um forte declive, na neve. Quando viesse o verão ele rolaria, com a lama, para um dos mil precipícios dos Andes. Você o sabia. Sabia também que um rochedo emergia das neves cinquenta metros à sua frente. “Ai, eu pensei: se me levantar poderei chegar até lá.” Se escovar bem meu corpo na pedra ele será descoberto quando vier o verão...”

Uma vez de pé, andou duas noites e três dias.

Mas não pensava em ir muito longe:

“Muitos sinais me anunciavam o fim”. Por exemplo. Era obrigado à para de duas em duas horas para abrir minhas botinas, esfregar neve nos pés que inchavam ou simplesmente dar um pequeno descanso ao coração. Nos últimos dias comecei a perder a memória. Muito tempo de recomeçar a marcha é que me lembrava: Havia esquecido alguma coisa. Da primeira vez foi uma luva, e isso era grave, com o frio que me gelava as mãos> Eu a havia deixado no chão, ao meu lado, e seguira caminho sem apanhá-la. Depois foi o relógio. Depois o canivete. Depois a bússola. Em cada parada eu empobrecia...

“O que salva e dar um passo. Mais um passo. É sempre o mesmo passo que se recomeça...”

“O que eu fiz palavra que nenhum bicho, só um homem, era capaz de fazer...”

Esta frase, a mais nobre que conheço esta frase que situa o homem, que o honra, que restaura as hierarquias verdadeiras, me voltava à memória. Você dormia ainda; a consciência estava abolida, mas iria renascer, no momento de despertar, naquele corpo desmantelado, moído, torturado, para dominá-lo de novo. O corpo, então, não é mais um belo instrumento, não é mais um belo servidor. E você sabia exprimir também, Guillet, esse orgulho do bom instrumento:

“Você compreende, sem alimento, depois de três dias de marcha, meu coração não devia estar batendo com muita força... Pois em certo momento,

quando eu progredia ao longo de uma encosta vertical, cavando buracos para enfiar as mãos, o coração me caiu em pane... Hesitou, deu mais uma batida... Uma batida estranha... Senti que se, ele hesitasse um segundo mais seria o fim. Fiquei imóvel, escutando... Nunca – esta ouvindo? – nunca, num avião, me senti tão preso ao ruído do motor como, naquele momento, às batidas do meu próprio coração. E eu lhe dizia: Vamos; força! Veja-se bate mais garantindo que é um coração de boa qualidade. Hesitava mais depois recomeçava, sempre... Se você soubesse como tive orgulho do meu coração!”

Naquele quarto de Mendoza em que passei a noite você adormeceu afinal – um sono de esgotamento. E eu pensava: Se alguém falar a Guillaumet de sua coragem ele dará os ombros. Mas seria traí-lo também celebrar sua modéstia. Ele esta muito além dessa qualidade medíocre. Se dá os ombros é por sabedoria. Sabe que uma vez no centro do perigo os homens não se horrorizam mais. Só o desconhecido espanta os homens. Mas para quem o enfrenta ele cessa de ser desconhecido. Sobretudo se é olhado com essa gravidade lúcida. A coragem de Guillaumet é, antes de tudo, um efeito de sua probidade.

Sua verdadeira qualidade não é nessa. Sua grandeza é a de sentir-se responsável. Responsável por si, pelo seu avião, pelos companheiros que o esperam. Ele tem nas mãos a tristeza ou a alegria desses companheiros. Responsável pelo que se constrói de novo, lá, entre os vivos, construção de que ele deve participar> Responsável um pouco pelo destino dos homens, na medida de seu trabalho.

Um desses seres amplos que aceitam o destino de cobrir largos horizontes com suas folhagens. **Ser homem é precisamente ser responsável. É experimentar vergonha em face de uma miséria que não parece depender de si. É ter orgulho de uma vitória dos companheiros. É sentir, colocando a sua pedra, que contribui para construir o mundo.**

Querem confundir homens assim com os toureiros e os jogadores. Gaba-se o seu desprezo da morte. Mas eu dou bem pequena importância ao desprezo da morte. Se ele não tem suas raízes em uma responsabilidade aceita é apenas sinal de pobreza ou excesso de mocidade. Conheci um suicida moço.

Não sei mais que desgosto amoroso o levou a colocar cuidadosamente uma

bala no coração. Não sei a que tentação literária calçando suas mãos de luvas brancas. Mas eu me lembro de ter sentido em face daquele triste espetáculo uma impressão que não era de nobreza, mas de miséria. Ali, atrás daquele rosto amável, sob aquele crânio de homem, não havia existido nada. Apenas a imagem de uma tola mocinha igual às outras.

Pensando nesse destino magro eu me recordo também uma verdadeira morte de homem. A morte de um jardineiro, que me dizia: “Você sabe, às vezes trabalhando com a enxada na mão, eu suava. Minha perna doía com o reumatismo, e eu praguejava contra aquela escravidão. Pois olhe, hoje eu queria estar com a enxada na mão, trabalhando, trabalhando... Trabalhar com a enxada hoje me parece uma coisa bonita! A gente se sente tão bem, tão livre, quando esta trabalhando a terra! E, além disso, quem é que vai cuidar de minhas árvores agora?” Ele deixava uma terra a cultivar. Estava ligado pelo amor a todas as terras e a todas as árvores da terra. Era ele o generoso, o pródigo, o Grande Senhor! Era ele, como Guillaumet, o homem corajoso quando lutava, em nome de sua Criação, contra a morte.

3 O Avião

Não importa Guillaumet, que se os seus dias e noites de trabalho se escoem em controlar manômetros, em se equilibrar sobre giroscópios, em auscultar os sopros de motores, em lidar com quinze toneladas de metal: os problemas que se propõe a você são, afinal de contas, problemas de homem, e você atinge sem esforço o mesmo nível de nobreza de um montanhês. Tanto como o poeta você aprende a saborear o prenúncio da madrugada. Do fundo do abismo das noites difíceis você tantas vezes desejou esse feixe pálido, essa, essa claridade que brota a leste das terras escuras... Muita vez essa fonte de milagres se degelou lentamente para salvá-lo quando você já pensava em morrer.

O uso de um instrumento sábio não fez de você um técnico seco. Sempre me pareceu que as pessoas que se horrorizam muito com nossos progressos técnicos confundem o fim com o meio. Na verdade, quem luta apenas na esperança de bens materiais não colhe nada que valha a pena viver. Mas a máquina não é um fim. O avião não é um fim: é um

instrumento. Um instrumento como a charrua.

Se às vezes julgamos que a máquina domina o homem é talvez porque ainda não temos a perspectiva bastante para julgar os efeitos de transformação tão rápidos como essas que sofremos. **Que são os cem anos da história da máquina em face dos duzentos mil anos da história do homem?** Assim nem acabamos de nos instalar nesta paisagem de minas e de centrais elétricas. Ainda nem nos sentimos moradores dessa casa nova que nem sequer acabamos de construir. Tudo mudou tão depressa em volta de nós: relações humanas, condições de trabalho, costumes... Até mesmo a nossa psicologia foi subvertida em suas bases mais íntimas. As noções de separação, ausência, distância, regresso, são realidades diferentes no seio das palavras que permanecem as mesmas. **Para apreender o mundo de hoje, usamos uma linguagem que foi feita para o mundo de ontem. E a vida do passado parece corresponder melhor à nossa natureza à nossa natureza apenas porque corresponde melhor à nossa linguagem.**

Cada progresso nos expulsou para um pouco mais longe ainda de hábitos que mal havíamos adquirido; na verdade somos emigrantes que ainda não fundaram a sua pátria.

Somos todos bárbaros novos que ainda se maravilham com seus novos brinquedos> Não tem outro sentido nossas corridas de avião. Este sobe mais alto, aquele corre mais depressa> Esquecemos porque o fazemos correr. A corrida, provisoriamente, fica mais importante que seu próprio objetivo. E sempre é assim mesmo. Para quem funda um império o sentido da vida é conquistar. O soldado despreza o colono. Mas o fim da conquistado soldado não é o estabelecimento do colono? Assim, na exaltação de nossos progressos, fizemos com que os homens servissem ao estabelecimento de vias férreas, à construção de usinas, à perfuração de poços de petróleo. De certo modo esquecemos que essas construções são feitas para servir ao homem. Nossa

moral foi, duramente, o período da conquista, uma moral de soldados. Mas agora precisamos colonizar. Precisamos dar vida a essa casa nova que ainda não tem fisionomia. **A verdade, para um foi construir; para outro, é habitar.**

E pouco a pouco, sem dúvida, nossa casa se fara mais humana. A própria máquina quanto mais se aperfeiçoa mais se apaga e desaparece atrás de sua função. Parece que todo esforço industrial do homem, todos os cálculos, todas as noites de vigília sobre as plantas, conduzem apenas à simplicidade, como se fosse necessária à experiência de várias gerações para libertar a curva de uma coluna, de uma quilha ou de uma fuselagem de avião até lhe dar a pureza elementar da curva de um seio ou de um ombro. Parece que o trabalho dos engenheiros, dos desenhistas e dos calculistas dos escritórios de estudos é apenas para polir e apagar, realizar da maneira mais suave essa juntura das peças, equilibrar esta asa até que não se note mais nada, até que não haja mais uma asa ligada a uma fuselagem e sim uma forma perfeitamente desenvolvida, libertada de sua ganga, uma espécie de conjunto espontâneo, misteriosamente ligado, e da mesma qualidade de um poema. **Parece que a perfeição é atingida não no instante em que não há nada mais a acrescentar a máquina e sim quando não há mais nada a suprimir.** Ao termo de sua evolução a máquina se dissimula.

A perfeição do invento confina assim como a ausência do invento. E assim como, no instrumento, toda mecânica aparente se foi pouco a pouco sumindo até que ele se fizesse tão natural como um seixo polido pelo mar, assim também é admirável como o uso da máquina nos faz pouco a pouco, esquecer a máquina.

Estamos, outrora, em contato com uma usina complicada. Hoje, esquecemos que o motor roda. Ele cumpre sua função, que é rodar, como um coração bate – e não prestamos atenção ao nosso coração. A tensão não é mais absorvida pelo instrumento. Além do instrumento, através dele, é a velha natureza que reencontramos: a do jardineiro, do navegante, do poeta.

É com a água, é com o ar que o piloto que decola entra em contato. Quando os motores começam a trabalhar, quando o avião já sulca o mar, seu casco soa como um gongo ao choque das marolas e o piloto sente esse

trabalho no tremor de seus rins. Sente que o hidroavião, segundo por segundo, à medida que vai ganhando velocidade, vai-se enchendo de poder. Sente preparar-se, naquelas quinze toneladas de matéria, a maturidade que permite o voo. O piloto firma bem as mãos no comando e, pouco a pouco, em suas palmas cerradas, recebe aquele poder como um dom. Os órgãos de metal do comando, à medida que lhe entregam esse dom, se fazem mensageiros de sua potência. Quando ela está madura, o piloto separa o avião das águas e o eleva no ar com um gesto mais leve que o de colher uma flor.

4 O AVIÃO E O PLANETA

Sem dúvida, o avião é uma máquina – mas que instrumento de análise! Esse instrumento nos permitiu descobrir a verdadeira fisionomia da terra. Na verdade, durante séculos, as estradas nos enganaram. Parecíamos àquela rainha que desejou conhecer os seus súditos e saber se eles gostavam de seu reinado. Os cortesãos, para iludi-la, ergueram cenários felizes ao longo da estrada e pagaram a artistas para que dançassem ali. Fora daquele estreito caminho ele nem sequer entreviu nada, e não soube que pelos campos adentro seu nome era amaldiçoado pelos que morriam de fome.

Assim nós caminhávamos ao longo de estradas sinuosas. Elas evitavam as terras estéreis, os rochedos, os areais; seguem as necessidades do homem e vão de uma fonte a outra fonte. Conduzem os camponeses de suas granjas às plantações de trigo, recebem na porteira dos currais o gado ainda adormecido e o levavam, pela manhãzinha, ate o capinzal farto. Unem esta aldeia a esta outra aldeia porque de uma para outra as pessoas se casam. E mesmo se uma delas se aventura a cortar o deserto, ei-la que faz mil voltas para tocar no oásis.

Assim, enganados pelas suas curvas, que são indulgentes mentiras, perlongando, no curso de nossas viagens por essas estradas, tantas terras bem

regadas, tantos vergéis, tantos prados, embelezamos, durante muito tempo, a imagem de nossa prisão. Pensamos que este planeta fosse úmido e suave.

Mas nossa vista se aguçou, e fizemos um progresso cruel. Com o avião aprendemos a linha reta. Logo que decolamos abandonamos essas estradas que se inclinam para os bebedouros e os currais, ou serpenteiam de cidade em cidade. Libertados, desde logo, das servidões queridas, libertados da necessidade das fontes, apontamos a proa para o alvo longínquo. Só então, do alto de nossas trajetórias retilíneas, descobrimos o embasamento essencial, o fundo de rocha, de areia, de sal em que, uma vez ou outra, como um pouco de musgo entre ruínas, a vida ousa florescer.

Então somos transformados em físicos, em biólogos, examinando essas civilizações que enfeitam o fundo dos vales e às vezes, por milagre, se estendem como parques onde o clima as favorece. Então podemos julgar o homem por uma escala cósmica, observando-o através de nossas vigias como se fora através de instrumentos de estudo. Então relemos a nossa história.

O piloto que se dirige para o estreito de Magalhães sobrevoa, um pouco para o sul de Rio Gallegos, uma antiga corrente de lavas. Esses escombros pesam sobre a planície com o peso de vinte metros de espessura. Depois, o piloto encontra outra corrente morta de lavas, e mais outra: cada elevação do solo, cada colina de duzentos metros de altura mostra sua cratera. Nada que se pareça ao orgulhoso Vesúvio: erguidas ali, à mesma altura, aquelas goelas de canhão.

Mas hoje a calma se fez. Sente-se com surpresa essa calma naquela paisagem resolvida em que mil vulcões troavam juntos com o ruído de seus grandes órgãos subterrâneos, cuspidos fogo. Voa-se sobre uma terra muda, ornada de geleiras negras.

Mais adiante, porém, vulcões mais antigos já estão cobertos por uma relva dourada. Uma árvore cresce, às vezes, numa cratera, feito uma flor num vaso velho. Sob uma luz de crepúsculo a planura se faz luxuosa como um parque, civilizada pela vegetação pequena, e mal se curva em volta das

gargantas gigantescas. Uma lebre salta, um pássaro voa: a vida tomou posse de um planeta novo. A boa massa da terra se depositou, enfim, sobre o astro.

Finalmente, um pouco antes de Punta Arenas, as últimas crateras aparecem. Um verde cerrado veste as curvas dos vulcões: eles agora são apenas doçura. Não há dobra ou fenda do terreno que não tenha recebido o tapete de vegetação suave. A terra é lisa, os declives são fracos; esquecemos a srcem daquilo. A relva apaga, no flanco das colinas, os sinais sombrios do vulcão.

Agora voamos sobre a cidade mais meridional do mundo, a cidade que o acaso de um pouco de lama ou de lodo permitiu nascer entre os gelos austrais e as lavas primitivas. Tão perto ainda daquelas correntes negras como se sente bem aqui o milagre do homem! É uma estranha descoberta, a desta cidade. Não se sabe como nem porque o peregrino visita estes jardins bem-tratados, habitáveis há tão pouco tempo, apenas uma época geológica, um dia abençoado entre os dias.

Aterrissei na doçura da tarde. Punta Arenas!

Fico para junto a uma fonte e olho as moças, sinto ainda melhor o mistério humano. **Em um mundo em que a vida se une tanto avida, em que as flores amam as flores no próprio leito dos ventos, em que o cisne conhece todos os cisnes, só os homens constroem sua solidão.**

Entre um e outro homem o espírito reserva um estranho espaço. Um sonho de moça a distância de mim. Como atingi-la? Que posso saber dessa moça que volta para casa a passos lentos, com os olhos baixos, sorrindo para si mesma, cheia de descobertas e mentiras adoráveis? Com os pensamentos, a voz, e os silêncios de seu amado ela construiu um Reino – e desde então, para ele, fora deste Reino todos são bárbaros. Mais do que se estivesse em outro planeta, ela esta isolada de mim em seu segredo, em seus costumes, nos murmúrios encantados de sua memória. Nascida ontem dos vulcões, da relva, do sal dos mares, essa moça já é meio divina.

Punta Arenas! Fico parado junto a uma fonte. Velhas chegam para apanhar água: de seus dramas nada conhecerei além desse trabalho de servas.

Um menino, junto ao muro, chora em silêncio. Nada ficará dele em minha

lembrança a não ser a imagem de um belo menino, inconsolável para sempre. Sou um estranho. Não sei nada. Não penetro em seus Reinos.

Como é estreito o cenário em que se representa a peça dos ódios, das amizades, das alegrias humanas! De onde foram tirar os homens esse gosto de eternidade, vivendo ao acaso, como vivem, sobre uma lava ainda morna, já ameaçada pelas neves ou pelas areias do futuro? Suas civilizações são enfeites bem frágeis: um vulcão as apaga, ou um mar novo, ou um vento de areia.

Esta cidade parece repousar em uma terra verdadeira, rica em profundidade como a terra Beauce. Esquecemos que a vida, aqui como em toda parte, é um luxo, e que em parte nenhuma a terra é bem profunda sob os passos do homem. Mas eu conheço, a dez quilômetros de Punta Arenas, uma lagoa que nos demonstra essa verdade. Cercada de árvores mirradas e casinhas baixas, humilde como um brejo no fundo de uma fazenda, ela sobre inexplicavelmente o refluxo das marés. Respirando lentamente, noite e dia, entre tantas realidades pacíficas, entre aqueles caniços, aquelas crianças que brincam, ela obedece a outras leis. Sob a superfície unida, sob o gelo imóvel, sob o único barco desmantelado, a energia da lua trabalha. Redemoinhos marítimos trabalham, nas profunduras, aquela massa negra. Estranhas digestões se operam ali em volta, até o estreito de Magalhães, sob a camada ligeira de ervas e de flores. Aquele brejo de cem metros de largura, no pórtico de uma cidade em que o homem se acredita em casa, bem estabelecido na terra dos homens, aquele brejo está pulsando com a pulsação do mar.

III

Habitamos um planeta errante. De tempos a tempos, graças ao avião, ele nos mostra sua scem: um brejo, em relação com a lua, revela parentescos ocultos – mas eu já tenho percebido outros sinais. Na crosta do Saara, entre o cabo Juby e Cisneros, o piloto sobrevoa, de longe em longe, platôs em forma de troncos de cone cuja largura varia de algumas centenas de passos até mais

de trinta quilômetros. A altitude, notavelmente uniforme, desses platôs é de trezentos metros. Além dessa igualdade de nível eles apresentam a mesma coloração, a mesma composição do solo, o mesmo feitio de suas escarpas. Como colunas de um templo, emergindo solitárias da areia, mostram ainda o vestígio da cúpula que desabou assim esses pilares distantes trazem até nós o testemunho de um vasto planalto que os unia outrora.

Durante os primeiros anos da linha Casablanca – Dacar, quando o material era frágil, muitas vezes tínhamos que aterrissar na região dos rebeldes devido a uma pane ou para procurar ou socorrer alguém. E a areia engana; quando se pensa descer em terreno firme, as rodas afundam. Quanto às antigas salinas que parecem apresentar a rigidez do asfalto e que respondem com um chão duro quando se batem as botas no chão, muitas vezes elas cedem ao peso das rodas. A crosta alva de sal parte-se, então, sobre a podridão de um pântano negro. Por isso, sempre que era possível, escolhíamos, para descer, as superfícies lisas daqueles platôs, que não dissimulavam nunca uma cilada.

Essa garantia era devida à presença de uma areia resistente, grossa, conjunto enorme de pequenas conchas. Ainda intatas na superfície do platô, elas se fragmentavam e se aglomeravam à medida que se descia ao longo de uma aresta. No depósito mais antigo, na base do maciço, já eram calcário puro.

Durante o cativeiro de Reine e Serre, companheiros dos quais os dissidentes se haviam apoderado, aterrisssei em num desses refúgios para deixar ali um emissário mouro. Antes de separar-me dele, procurávamos juntos um caminho por onde ele pudesse disar. Mas todas as direções o nosso terraço terminava em uma escarpa vertical para o abismo. Impossível descer.

Entretanto, antes de decolar para procurar em outra parte um melhor ponto de descida eu me demorei ali. Sentia uma alegria talvez pueril em marcar com meus passos um território que ninguém nunca, nem homem, nem bicho, ainda havia pisado. Nenhum mouro poder-se-ia lançar ao assalto daquela praça-forte. Nenhum europeu havia jamais explorado aquele território. Eu pisava uma areia infinitamente virgem. Era o primeiro a fazer escorrer de uma mão para outra, como ouro precioso, aquela poeira de

conchas. O primeiro a perturbar aquele silêncio. Sobre aquela espécie de banquisa polar, através de toda eternidade, não havia formado uma só moita de capim, eu⁷ era, tal uma semente trazida pelo vento, o primeiro testemunho da vida.

Uma estrela já brilhava, e eu a contemplei. Imaginei que aquela superfície³ branca em que me achava havia estado ali, feito uma oferta, perante os astros somente, durante centenas de milhares de anos. Lençol imaculado estendido sob a pureza do cé³u. E senti alguma coisa no coração, assim como no limiar de uma grande descoberta, quando descobri sobre esse lençol, a quinze ou vinte metros de mim, um pedaço de pedra negra.

Eu estava sobre trezentos metros de espessura de conchas moídas. Toda formação do terreno se opunha, como uma prova peremptória, à presença de uma pedra. Sílices poderiam dormir, talvez, nas profundezas subterrâneas, surgidos das lentas digestões do globo, mas que milagre teria feito subir um dentre eles até o alto, até aquela superfície por demais recente? Com o coração batendo com força, abaixei-me para apanhar meu achado; um pedaço de pedra dura, negra, do tamanho de um punho, pesada como metal, em forma de lágrima.

Um lençol estendido sob uma macieira só pode receber maçãs; um lençol estendido sob as estrelas só pode receber poeira dos astros. Nunca nenhum aerólito havia mostrado sua srcem com tal evidência.

Então naturalmente, erguendo a cabeça, refleti que, do alto daquela macieira celeste, outros frutos deveriam ter caído. Eu os acharia no mesmo lugar de sua queda porque, através de centenas de milhares de anos, nada os poderia ter desarrumado, e eles não se confundiam com o terreno. Fiz logo uma exploração para verificar minha hipótese.

E ela estava certa, Catei aerólitos na razão aproximada de um por hectare. Sempre aquele aspecto de lava petrificada. Sempre aquela dureza de diamante negro. E eu assistia, assim numa recapitulação empolgante, do alto do meu pluviômetro para estrelas, uma lenta chuva de fogo.

IV

O mais maravilhoso, porem, é que houvesse ali, de pé sobre o dorso curvo do planeta, entre aquele branco lençol imantado e as estrelas, uma consciência de homem na qual aquela chuva pudesse se refletir como em um espelho. Sobre uma base de minérios um sonho é um milagre. E eu me lembrei de um sonho...

Obrigado a descer, de outra feita, em uma região de areia espessa, esperava a madrugada. As colinas de ouro ofereciam à lua suas vertentes luminosas, e as vertentes de sombra subiam até os limites da luz. Naquela paisagem deserta de sombra, e a lua reinava uma paz de trabalho suspenso e também um silêncio de cilada. No seio desse silêncio adormeci.

Quando despertei vi a bacia do céu noturno, porque eu havia me estirado sobre um monte, os braços em cruz com o rosto voltado para aquele aquário de estrelas. Sem compreender ainda o que via, sem saber em que profundidade mergulhava os olhos, fui presa de uma vertigem, seu uma raiz a que me agarrar, sem um teto, um ramo de árvore entre mim e aquela profundidade, solto, largado na queda como um mergulhador.

Mas não cai. Da cabeça aos pés, estava ligado à terra. Sentia uma espécie de apaziguamento, abandonando-lhe o meu peso. A força da gravidade me aparecia, de repente, soberana como o amor.

Sentia a terra escorar meus rins, sustentar-me, erguer-me, transportar-me no espaço noturno. Descobri-me ligado ao meu astro por um peso semelhante a esse peso que na curva nos liga a um carro, e gozei esse estreitamento admirável, essa solidez, essa segurança. Adivinhei, sob meu corpo, a curva de meu barco.

Tinha tão perfeita a consciência de estar sendo transportado que teria ouvido sem surpresa subir do fundo das terras a lamentação dos materiais que se reajustam no esforço, o gemido dos velhos veleiros que chegam ao ancoradouro, o longo, áspero grito das lanchas aflitas. Mas o silêncio

continuava na espessura das terras. Mas aquele peso de meu corpo, aquele peso em meus ombros eu os sentia harmonioso, nobre, eternamente uniforme. Eu sentia bem que habitava essa esta pátria, como os corpos dos forçados das galés, mortos, com um lastro de chumbo, habitava o fundo dos mares.

Meditava sobre minha condição, perdido no deserto e ameaçado, nu entre a areia e as estrelas, afastado por um longo silêncio dos polos de minha vida. Sabia que haveria de gastar, para voltar às minhas terras, dias, semanas, meses, se nenhum avião me encontrasse, se os mouros não me encontrassem no dia seguinte. Não possuía mais nada no mundo. Era apenas um mortal perdido entre a areia e as estrelas, consciente da única doçura de respirar...

Contudo, eu me descobria cheio de sonhos. Sonhos que vinham em silêncio, como água de nascente, sem que eu compreendesse, a princípio, a doçura que me invadia. Não houve imagens nem vozes, mas o sentimento de uma presença, de uma ternura próxima, que eu já adivinhava. Então compreendi e me abandonei, de olhos fechados, aos encantamentos da memória.

Havia, em algum lugar, um parque cheio de pinheiros escuros e tílias, e uma velha casa que eu amava. **Pouco importava que ela estivesse distante ou próxima, que não pudesse cercar de calor o meu corpo, nem me abrigar, reduzida apenas a um sonho; bastava que ela existisse para que minha noite fosse cheia de sua presença.** Eu não era mais um corpo de homem perdido no areal. Eu me orientava. Era o menino daquela casa, cheio de lembrança de seus perfumes, cheio da frescura de seus vestibulos, cheio das vozes que a haviam animado. E chegava mesmo até mim, o coaxar das rãs nos charcos próximo. Precisava desses mil sinais para reconhecer a mim mesmo, para descobrir de quantas ausências era feito o gosto daquele deserto, para achar um sentido naquele silêncio feito de mil silêncios, naquele silêncio que ate as rãs emudeciam.

Não, eu não me estirava mais, solitário, entre a areia e as estrelas. Da paisagem recebia apenas uma fria mensagem. Mesmo aquele gosto de eternidade que pensei viesse do deserto tinha outra srcem. Eu revia os grandes armários solenes da casa. Eles se entreabriam mostrando pilhas de lençóis alvos como a neve. Eles se entreabriam mostrando provisões cobertas

de neve. A velha governanta trotava de um armário a outro como um rato, sempre conferindo, desdobrando, tornando a dobrar, contando o linho branco, exclamando: “Ah, meu Deus, que infelicidade!”, ao notar um leve sinal de estrago que ameaçasse a eternidade da casa, e correndo logo para queimar os olhos sob a lâmpada, a cerzir aqueles linhos que para ela eram toalhas de altar, como velas de três mastros – para servir a alguma coisa muito grande, como um Deus ou um Hérói.

Ah, eu bem te devo esta página! Quando eu voltava de minhas primeiras viagens, *mademoiselle*, eu te encontrava com a agulha na mão, afundada até os joelhos em sua sobrepeliz branca, cada ano um pouco mais enrugada, com os cabelos um pouco mais alvos, preparando sempre com tuas mãos aqueles linhos sem dobras para nossos sonos, aquelas toalhas sem costura para os nossos jantares, que eram festas de cristais e luzes. Eu ia te visitar em sua *lingerie*, sentava-me a tua frente e contava os perigos de morte que sofrera, para te comover, para te abrir os olhos sobre o mundo, para te corromper. Eu não havia mudado nada – dizias então. Quando era menino já vivia rasgando as camisas – ah, que infelicidade! -, já vivia esfolando os joelhos e depois vinha correndo para casa, como naquela tarde, para que tratassem de mim.

Mas, não, não, mademoiselle! Não era mais do fundo do parque que eu vinha agora; era dos confins do mundo. E trazia comigo o odor acre das solidões, o turbilhão dos ventos de areia, as luas deslumbrantes dos trópicos!

Eu sei, eu sei – tu me dizias -, os meninos são assim, pensam que são muito fortes, vivem em correrias, se machucam todos. Mas não, não *mademoiselle*, eu havia ido muito além do parque. Ah, se soubesses como essas sombras do parque são pouca coisa! Como parecem perdidas entre os areais, as rochas, as florestas virgens, os charcos de terra! Sabes, ao menos, que há terras em que os homens, logo que enxergam a gente, apontam suas carabinas? Sabes que há desertos, *mademoiselle*, em que a gente dorme numa noite gelada, sem teto, sem cama, sem um lençol, *mademoiselle?*

E tu dizias: - Ah, menino...

Eu não abalava a tua fé como não balaria a fé de uma velha serva da igreja. Lamentava teu destino humilde que te fazia cega e surda...

Mas esta noite, no Saara, sozinho entre a areia e as estrelas, eu te faço justiça.

Não sei o que se passa em mim. Esta força de gravidade me liga ao chão quando tantas estrelas são imantadas. Outra força de gravidade me prende a mim mesmo. Sinto meu o meu peso que me une a tantas coisas! Meus sonhos são mais reais que estas dunas, esta lua, estas presenças. Oh, o que há de maravilhoso numa casa não é que ela nos abrigue e nos conforte, nem que tenha paredes. É que deponha em nós, lentamente tantas provisões de doçura. Que forme, no fundo de nosso coração, essa nascente obscura de onde correm, como água da fonte, os sonhos...

Ah, o meu Saara, o meu Saara inteiro encantado por uma velha fiandeira!

5 Oásis

Já vos falai tanto do deserto que, antes de falar mais, gostaria de descrever um oásis. Aquele cuja imagem me vem agora à lembrança não esta perdido no fundo do Saara. Mas outro milagre do avião é que ele nos mergulha diretamente no centro do mistério. Se fôsseis o biólogo, estudando, através da vigia de bordo, o formigueiro humano, haveríeis de considerar sem emoção as cidades pousadas em suas planícies, no centro das estradas que se abrem em forma de estrela e que alimentam essas cidades, como artérias, com a seiva dos campos. Mas uma agulha treme sobre o manômetro – e aquela moita verde, lá embaixo, transforma-se num universo. Sois prisioneiros de um tabuleiro de relva num parque adormecido.

Não é a distância que mede o afastamento. O muro de um jardim de nossa casa pode encerrar mais segredos que as muralhas da China, e a alma de uma simples mocinha é mais bem protegida pelo silêncio do que os oásis do Saara pela extensão das areias.

Contarei uma curta escala em algum lugar no mundo. Foi perto de Concordia, na Argentina, mas poderia ter sido em qualquer outro lugar: o mistério esta em toda parte.

Eu havia aterrissado num campo e não sabia que ia viver um conto de fadas. O velho Ford em que me levaram não oferecia nada de particular. Nem aquele casal pacato que me havia recolhido:

- O senhor ficará conosco hoje à noite...

Mas em uma curva de estrada surgiram ao luar, umas árvores e, atrás das árvores, aquela casa. Que estranha casa! Atarracada, maciça, quase uma cidadela. Um castelo de lenda que oferecia, uma vez passado o portal, um abrigo tão pacífico, tão seguro, tão protegido como um mosteiro.

Logo apareceram duas moças. Olharam-me gravemente, como dois juizes no limiar de um reino proibido: a mais jovem fez um leve muxoxo e bateu no chão com uma varinha verde. Feitas as apresentações, elas me estenderam as mãos sem dizer palavra, com um ar de curioso desafio, e desapareceram.

Eu estava divertido e ao mesmo tempo encantado. Tudo aquilo era simples, silencioso, furtivo como a primeira palavra de um segredo.

-Eh, eh, essas meninas são uns bichos-do-mato – disse simplesmente o pai.

E entramos.

Eu amava, no Paraguai, um irônico matinho que aparece entre as pedras do calçamento da capital como se viesse, de parte da mata virgem invisível, mas presente, ver se os homens ainda ocupavam a cidade, se ainda não era chegada a hora dos troncos crescerem, afastando as pedras. Amava aquela espécie de descuido que exprime apenas uma grande riqueza. Mas ali, naquela

casa, eu me maravilhei. Ali tudo estava descuidado, adoravelmente em ruínas qual uma velha árvore coberta de musgo que a velhice alquebrou. Como um banco de madeira em que os pares amorosos vão se sentar através de gerações. O madeiramento apodrecido, os batentes roídos, as cadeiras cambaias. Mas, se nada era consertado, tudo se conservava limpo, limpo como uma espécie de fervor. Tudo areado, encerado, brilhante.

A sala de visitas tinha uma fisionomia extraordinariamente intensa, como a de uma velha cheia de rugas. Rachas das paredes, rasgões do forro, tudo isso eu admirava, e, acima de tudo, o assoalho que afundava aqui e oscilava mais adiante, como ponte mal segura, mas sempre envernizado, polido, lustroso. Estranha casa que não sugeria nenhuma displicência, e sim um extraordinário respeito. Cada ano juntava, sem dúvida, alguma coisa ao seu encanto, à complexidade de uma fisionomia, ao fervor de sua atmosfera amiga e também aos perigos da viagem que era preciso fazer para ir da sala de visitas à sala de jantar.

- Cuidado!

Era um buraco. Fizeram notar que eu podia facilmente quebrar uma perna caindo em um buraco daqueles. Quanto ao buraco, ninguém era responsável por ele: era obra do tempo. Aquele desprezo soberano pela necessidade de pedir desculpas tinha uma coisa de fidalgo. Não me disseram: “poderíamos mandar tapar esses buracos, temos dinheiro, mas...” também não me disseram – o que, todavia era verdade: “Alugamos isso a municipalidade por trinta anos. O governo é que deve fazer os consertos. Ficamos discutindo, teimando...” Desdenhavam dar explicações, e isso me encantava. No máximo o dono da casa notava:

- Eh! Eh! Está um pouco estragado isso...

Mas dizia isso de um modo tão descuidado que suspeitei que aquilo não entristecia nada o meu bom amigo. Na verdade, o que aconteceria se uma turma de pedreiros, carpinteiros, marceneiros e estucadores viessem trazer para aquele passado seus instrumentos sacrílegos? Eles fariam em oito dias outra casa, uma cada desconhecida onde os antigos donos se sentiriam como

visitas. Uma casa sem mistérios, sem recantos, sem alçapões sob nossos pés, sem masmorras ocultas – uma espécie de salão de prefeitura...

Fora com toda naturalidade que as moças haviam desaparecido naquele casarão misterioso. Como deveriam ser os porões se a sala de visitas já continha as riquezas de um porão! Quando já se adivinhava ali que bastava abrir um armário qualquer para que aparecessem maços de cartas amareladas, maços de recibos do bisavô, e chaves em maior número que todas as fechaduras da casa, chaves das quais nenhuma, com certeza, serviria em fechadura nenhuma...

Chaves maravilhosamente inúteis que perturbam a razão, que fazem sonhar com subterrâneos, cofres ocultos, moedas de ouro...

- Vamos para mesa, sim?

Fomos para mesa. Eu respirava naquelas salas, como um incenso, esse cheiro de velha biblioteca que vale todos os perfumes do mundo. E, sobretudo admirava o transporte dos lampiões. Verdadeiros lampiões pesados que fossem levados de uma sala a outra como nos tempos mais profundos da minha infância, lançando nas paredes sombras maravilhosas. Grandes lampiões que despejavam florões de luz e palmas de sombra. Uma vez colocados os lampiões em seus lugares as praias de claridade se imobilizavam, cercadas pelas vastas reservas de noite onde havia estalidos de madeira.

As duas moças reapareceram tão misteriosamente, tão silenciosamente como haviam sumido. Sentaram-se gravemente à mesa. Sem dúvida haviam dado comida aos seus cães e aos seus pássaros, tinham aberto suas janelas para noite clara e respirado com doçura o cheiro de mato trazido pelo vento noturno. Agora, desdobrando o guardanapo, elas me vigiavam disfarçadamente, com prudência, perguntando-se talvez se deviam me incluir na lista de seus animais domésticos. Pois possuíam, além de cães e pássaros, um iguana, um mangusto, uma raposa, um macaco e abelhas. Todos esses bichos vivendo uma promiscuidade, entendendo-se maravilhosamente, compondo um novo paraíso terrestre. E elas reinavam sobre todos os animais da criação, encantando-os com suas mãos pequenas, dando-lhes água e

comida, contando-lhes histórias que todos – das abelhas ao mangusto – ouviam com atenção.

Senti que as duas moças, tão vivas empregavam todo seu espírito crítico, toda sua agudez para lançar sobre o homem que estava a sua frente um julgamento rápido, secreto e definitivo. Assim também na minha infância as minhas irmãs davam nota aos convidados que pela primeira vez honravam a nossa mesa. Quando a nossa conversa enfraquecia ouvia-se de repente, no silêncio:

- Onze!

E ninguém, a não sermos minhas irmãs e eu, sabia o que queria dizer aquele “onze”.

A lembrança dessa brincadeira perturbava-me um pouco. O que mais me constrangia era sentir a argúcia de meus juízes. Juízes que conheciam a manhã de todos os bichos; que, pela maneira de andar da raposa, sabiam se ela estava de bom ou mau humor, que possuíam um conhecimento tão profundo dos movimentos inferiores.

Agradavam-me aqueles olhares aguçados e aquelas duas pequenas almas tão justiceiras – mas como seria preferível se elas mudassem de jogo! Entretanto, com medo do “onze” eu ia, baixamente lhes passando o sal, servindo o vinho – mas quando erguia os olhos encontrava sempre aquela mesma doce gravidade de juízes incorruptíveis.

A própria lisonja não teria efeito: elas ignoravam a vaidade. A vaidade, mas não o belo orgulho. Pensavam em si mesmas, sem meu auxílio, muito mais bem do que eu ousaria dizer. Não pensei nem mesmo em procurar prestígio na minha profissão de aviador. É tão mais audacioso subir até os últimos galhos de uma árvore só para dar bom dia à ninhada dos passarinhos e saber se eles já estão emplumando.

E as duas fadas silenciosas me vigiavam tanto, e eu encontrava tantas vezes seus olhares furtivos que parei de falar. Fez-se um silêncio – e durante esse silêncio alguma coisa sibilou levemente no assoalho, fez um pequeno barulho sob a mesa e silenciou. Ergui os olhos, intrigado. Então, sem dúvida

satisfeita com seu exame, mas usando a última pedra de toque, e mordendo o pão com seus jovens dentes selvagens, a mais nova me explicou simplesmente, com uma candura com que pretendia espantar o bárbaro, se eu fosse:

- São as víboras.

E calou-se, como se esta explicação devesse bastar para qualquer pessoa que não fosse muito tola. Sua irmã lançou-me um olhar rápido para julgar meu primeiro movimento, e ambas baixaram para os pratos os rostos mais doces e ingênuos do mundo.

- Ah, são víboras...

Naturalmente, estas palavras me escaparam. Aqueles bichos haviam passado entre minhas pernas, junto aos meus calcanhares, e eram víboras...

notado> Felizmente, para mim, sorri. E sorri sem constrangimento; elas teriam sorri porque me sentia contente, porque aquela casa, decididamente, de minuto a minuto, me agradava mais; e também porque queria saber mais alguma coisa a respeito das víboras. A mais velha veio em meu auxílio:

- Elas fizeram um ninho num buraco, debaixo da mesa.

- Às dez horas da noite elas voltam – acrescentou a irmã. – Durante o dia caçam.

Agora por minha vez, eu olhava disfarçadamente as duas moças. Aquela fineza de espírito, aqueles sorrisos silenciosos sob a fisionomia calma. E admirava o reinado que elas exerciam...

Hoje fico pensando. Tudo isso foi há muito tempo. Que será daquelas duas fadas? Com certeza estão casadas. Mas terão mudado? É tão grave passar da condição de moça para mulher... Que fazem em suas casas novas? Como vão suas relações com as ervas daninhas e as cobra? Elas estavam ligadas a qualquer coisa de universal. **Mas vem o dia em que a mulher desperta dentro da mocinha: Ela sonha com um visitante que mereça a nota 19. Um 19 pesa no fundo de sue coração> então um imbecil se apresenta. Pela primeira vez aqueles olhos tão agudos se enganam – e veem o imbecil**

pintado em cores lindas. Se o imbecil diz versos ela o juga poeta. Pensa que ele compreende o assoalho esburacado, que ele adora os mangustos. Pensa que ele se alegra com a confiança da víboras brincando em seus pés, debaixo da mesa. Dá-lhe o coração que é um jardim selvagem – a ele, que só ama os parques bem-tratados. E o imbecil leva a princesa como sua escrava

6 No Deserto

Essas doçuras nos eram interditas quando, pilotos da linha do Saara, ficávamos prisioneiros da areia, navegando, durante semanas, meses, anos de um fortim a outro, sem ir à França. O deserto não oferecia oásis como aquele. Jardins e moças ali eram lendas. Certamente lá longe, na terra, onde, acabado o trabalho, poderíamos reviver, mil moças nos esperavam. Certamente ali, entre seus livros e seus mangustos, elas estavam compondo com paciência suas almas saborosas. Certamente elas cresciam em beleza...

Mas eu conheço a solidão. Três asnos de deserto me ensinaram bem o seu gosto. O que nos contrista não é a mocidade que se gasta numa paisagem mineral. É o pensamento de que, longe de nós, é o mundo que envelhece. As árvores formaram seus frutos, as terras deram seu trigo, as mulheres se fizeram belas. Mas a estação avança. Seria necessário voltar para lá depressa... Mas a estação avança – e estamos presos, à distância. E os bens da terra deslizam entre nossos dedos como a fina areia das dunas.

A passagem do tempo não é, em geral, sentida pelos homens. Eles vivem numa paz provisória. Mas nós a provávamos ao descer em um ponto de escala quando sentíamos no rosto aqueles ventos alísios, sempre em marcha. Éramos como o viajante do rápido cheio dos ruídos das ferragens que se sacodem na noite, e que advinha, pelas golfadas de luz na vidraça do carro, que passa lá fora, desperdiçando-se no murmúrio dos campos, das suas aldeias, de seus domínios enclausurados sem deles nada saber, porque está em viagem. Nós também, animados de uma ligeira febre, o ruído do voo ainda zunindo nos ouvidos, nos sentíamos em viagem, apesar da calma do posto de escala. Nós nos surpreendíamos também levados para um destino desconhecido, ao sabor dos ventos, pelas batidas de nossos corações.

E, além do deserto, os revoltosos do deserto. As noites de cabo Juby eram marcadas, de quinze em quinze minutos, como pelo gongo de um relógio: as sentinelas, de posto em posto, alertavam-se com um grande grito regulamentar. O forte espanhol de cabo Juby, perdido na terra dos revoltosos, precavia-se assim contra ameaças inesperadas. E nós, os passageiros daquele navio cego, escutávamos os gritos das sentinelas se aproximando, crescendo de posto em posto, descrevendo em volta do forte, em volta de nós, curvas de aves marinhas.

Entretanto, amamos o deserto.

Se no começo ele é apenas solidão e silêncio é que não se entrega aos amantes de um dia. Mesmo uma simples aldeia de nossa terra se furta assim ao recém-chegado. Se não renunciarmos, por aquela aldeia, ao resto do mundo, se não voltarmos às suas tradições, aos seus costumes, às suas rivalidades, ignoramos tudo aquilo que é uma pátria para tantos outros. Mesmo um homem, a dois passos de nós, um homem que se encerrou em seu claustro e vive segundo regras para nós desconhecidas é como se habitasse nas solidões do Tibete, longe, tão longe que nenhum avião nos levaria até lá, nunca, nada nos adiantaria visitar a sua cela. Ela esta vazia. O império do homem é interior.

Assim também o deserto não é feito de areia nem dos tuaregues nem dos mouros armados de fuzil...

Mas acontece que um dia sentimos sede. E aquele poço que já conhecíamos, só agora descobrimos que resplandece na amplidão. Assim uma invisível mulher enche de encantamento uma casa. Um poço vive a distância, como o amor.

As areias são, a princípio, desertas. Mas vem o dia em que, temendo a aproximação de um *rezzou*, vemos, naquelas areias, as dobras do grande manto em que ele se envolve. E assim o *rezzou* também transfigura as areias...

Aceitamos as regras do jogo: o jogo nos faz, agora, à sua imagem. O Saara é em nós que ele se mostra. Abordá-la não é visitar um oásis. É fazer de uma fonte nossa religião.

II

Desde minha primeira viagem conheci o gosto do deserto. Havíamos caído Riguelle, Guillaumet e eu, perto do fortim de Nouakchott. Esse pequeno posto militar da Mauritânia era, naquele tempo, tão isolado da vida como uma ilhota perdida no mar. Ali vivia encerrado um velho sargento com seus quinze senegaleses. Recebeu-nos como a enviados do céu:

- Ah, para mim, falar com vocês é um acontecimento! Ah, é um acontecimento!...

Era um acontecimento: ele chorava.

- Nestes seis meses vocês são os primeiros. É de seis em seis meses que me reabastecem de víveres. Às vezes vem o tenente, às vezes o capitão.

Nos ainda estávamos atordoados. A duas horas de Dacar, aonde íamos almoçar, um desarranjo do motor mudara nosso destino> E ali estávamos fazendo o papel de assombração para o velho sargento que chorava.

Ah, bebam! Eu tenho um grande prazer em oferecer um pouco de vinho. Imaginem: quando o capitão passou não havia mais vinho para o capitão.

Já contei isso num livro, mas não é romance.

Ele nos disse:

- Na última vez, eu nem ao menos pude bater copos com ele... Fiquei tão envergonhado que pedi que me substituíssem...

Bater os copos!... Fazer tinir um brinde vigoroso9s os copos com alguém que desce do dromedário, ensopado em suor! Durante seis meses ele havia vivido para aquele minuto. Desde um mês antes já se limpavam as armas, já se arrumava o posto inteiro, do celeiro ao paiol. Alguns dias antes, sentindo a aproximação do dia abençoado, ele já vigiava infatigavelmente do alto do terraço o horizonte para descobrir aquele ponto de poeira de onde sairia à coluna volante de Atar...

Mas o vinho falta: não se pode celebrar a festa. Não se podem bater os copos. E ele sente-se como um desonrado...

- Tenho pressa de que ele volte. Estou esperando...

- Onde é que ele está, sargento?

E o sargento mostrando as areias:

- Não se sabe, ele anda por toda parte, o capitão!

Foi realmente assim, aquela noite passada no terraço do fortim a conversar sobre as estrelas. Não havia outra coisa a ver senão estrelas. Lá estavam elas, como se estivessem em um avião – mas fixas.

No avião, quando a noite é muito bela, a gente se deixa ir, quase não dirige – e o avião pouco a pouco se inclina para esquerda. A gente pensa que ele esta na horizontal, quando descobre, sob a asa direita, uma aldeia. Mas no deserto não há aldeias. Outras vezes a gente descobre uma flotilha de pesca. Mas ao largo do Saara não há flotilhas de pesca no mar. E então? Então , a gente sorri do erro. Docemente corrige a posição do aparelho. E a aldeia volta a seu lugar. Repomos na panóplia a constelação que havíamos deixado cair.

Aldeia? Sim, uma aldeia de estrelas. Mas do alto do fortim vê-se apenas o deserto como um grande mar gelado, com as ondas de areia imóveis. As constelações bem pregadas em seus lugares. E o sargento nos fala delas:

- Olhe, eu conheço bem as direções. Apontando a proa para aquela estrela vai-se direto a Tunis.

- Você é de Tunis?

- Eu não, minha prima.

Faz-se um longo silêncio. Mas o sargento não ousa nos esconder nada:

- Um dia hei de ir a Tunis.

Certamente irá por outro caminho, não marchando em linha reta sob aquela estrela. A menos que um dia qualquer, numa expedição, o sargento, com sede, encontre um poço esgotado. Então cairá em delírio, e a estrela, Tunis e a prima se confundirão. Então começara a marcha inspirada que os profanos julgam dolorosa.

- Uma vez pedi ao Capitão licença para ir a Tunis ver a minha prima. Ele respondeu...

- Que foi que ele respondeu?

- Respondeu: “Ora, o mundo esta cheio de primas”. E como era mais perto, me mandou para Dacar.

- Bonita, sua prima?
A de Tunis? Se é... É loura...

- Não, a de Dacar...

Sargento, tivemos vontade de abraça-lo quando nos veio à resposta um pouco despeitada e melancólica:

- Era preta...

Que era o Saara para você, sargento? Um deus perpetuamente em marcha para seu fortim. E também a doçura de uma prima loura atrás de cinco mil quilômetros de areia.

Que era o deserto para nos? Era aquilo que nascia em nos. O que sentíamos em nos mesmos. Nos também, naquela noite, estávamos enamorados de uma prima e de um capitão...

III

Plantada na fronteira dos territórios insubmissos, Port-Étienne não é uma cidade. Existe ali um fortim, um hangar e um barracão de madeira para nossas tripulações. O deserto, em volta, é tão absoluto, que apesar de seus pequenos recursos militares, Port-Étienne é quase invencível. Para atacá-la é preciso transpor tal cinturão de areia e fogo que os *rezzous* só podem atingi-la quase sem força, com provisões de água esgotadas.

Entretanto, desde os tempos imemoriais, houve sempre, em algum lugar do norte, um *rezzou* em marcha para Port-Étienne. Toda vez que vem ao nosso barracão tomar chá, o capitão-governador mostra a marcha desse *rezzou* no mapa, como se nos contasse a história de uma bela princesa. Mas esse *rezzou* não chega nunca, como um rio fosse sendo bebido aos poucos pela areia do caminho. Por isso nos o chamamos de *rezzou* fantasma. As granadas e os cartuchos que nos entregam à noite dormem em suas caixas, no chão. O único inimigo que devemos enfrentar é o silêncio, protegidos antes de tudo, pela nossa tristeza. E Lucas, o chefe do aeroporto, faz rodar dia e noite o seu gramofone, que aqui, tão longe da vida, nos fala em uma linguagem meio perdida e provoca uma espécie de melancolia sem objetivo, curiosamente semelhante à sede.

Naquela noite jantamos no forte, e o capitão-governador nos levou para admirar o seu jardim. Recebeu da França três caixas cheias de terra verdadeira que viajaram quatro mil quilômetros. Ali crescem três folhinhas verdes que acariciamos com os dedos como se fossem joias. O capitão diz: é o meu parque. E quando sopra o vento de areia, que faz secar tudo, leva o seu parque para o subterrâneo.

Moramos a um quilometro do forte, e voltamos para casa ao luar, depois da ceia.

Ao luar a areia é rósea. Nós aqui somos infinitamente pobres, mas a areia é rósea. De repente o grito de uma sentinela restabelece o patético no mundo. É todo o Saara que se assusta com nossas sombras e nos interroga, porque um *rezzou* esta em marcha.

No grito da sentinela soam todas as vozes do deserto. O deserto não é mais uma casa vazia: uma caravana moura eletriza a noite.

Pensávamos estar em segurança. Contudo a doença. O desastre, o *rezzou*, quantas ameaças caminham para nós! O homem é um alvo para esses atiradores ocultos. E a sentinela senegalesa, como um profeta, nos faz lembrar isso.

Respondemos: “Franceses!” – e passamos diante do anjo negro. E respiramos melhor.

Aquela vaga ameaça de um *rezzou* dá certa nobreza a nossa vida. Ameaça muito distante ainda, muito afastada, amortecida pela imensidão da areia: mas o mundo já não é o mesmo. O deserto torna-se suntuoso. Um *rezzou* em marcha em algum lugar, um *rezzou* que não chegara, faz o deserto divino.

Onze da noite. Lucas vem do posto de rádio e me diz que o avião de Dacar chegará à meia-noite e dez a bagagem estará baldeada para meu avião e decolarei para o norte.

Faço atentamente a barba diante de um espelho rachado. De vez em quando, com a toalha no pescoço, vou até a porta e olho a areia nua: o tempo

está bom, mas o vento cai. Volto ao espelho. Fico pensando. Um vento que sopra durante meses... Quando ele cessa, às vezes perturba todo o céu. Apanho meus apetrechos: as lanternas de emergência que prendo a cintura, o altímetro, os lápis. Vou até Neri, que será meu radiotelegrafista esta noite. Também esta se barbeando.

- Então, como vão as coisas?

Por enquanto, vão bem. Esta operação preliminar é a menos difícil do voo. Mas ouço um leve ruído: uma lavadeira bate em minha lanterna. Sem que eu saiba por que, esse pequeno inseto parece dar uma picada em meu coração.

Saio outra vez e olho: tudo esta puro, limpo. Um rochedo destaca-se no horizonte, nítido, como se fosse dia. Sobre o deserto reina um grande silêncio de casa em ordem. Mas uma borboleta verde e duas lavadeiras batem as asas contra minha lanterna. E percebo em mim um sentimento surdo, talvez de alegria, talvez de temor, mas que vem do fundo de mim mesmo, ainda muito obscuro quase indistinto. Alguém me fala alguma coisa, de muito longe. Será meu instinto? Ando mais: o vento parou. Mas o ar continua fresco. Recebi um aviso. Advenho, creio adivinhar o que me espera: terei razão? Nem o céu nem a areia me fizeram nenhum sinal. Mas duas lavadeiras me falaram: duas lavadeiras e uma borboleta verde.

Subo a uma duna e sento-me virado para leste. Se estou com a razão, “aquilo” não deve demorar muito. Que procurariam aqui essas lavadeiras, a centenas de quilômetros do oásis do interior?

Leves destroços numa praia provam que um ciclone devastou o mar. Assim esses insetos mostram que uma tempestade de areia esta em marcha; uma tempestade que vem de leste, que varreu as borboletas verdes de suas palmeiras distantes. Seu anúncio chega até mim. E solene, porque é uma prova, solene, porque é uma pesada ameaça, solene por conter uma tempestade, o vento de leste começa a soprar. Mal sinto um leve suspiro. Sou o limite extremo que a espuma de sua onda lambe. A vinte metros atrás de mim ele não teria força para estremecer uma teia de aranha. Seu hálito quente envolve-me uma vez, uma só, com uma carícia que parecia morta. Mas eu sei: durante os instantes que seguem, o Saara toma a respiração e vai dar seu

segundo suspiro. Em menos de três minutos a biruta do hangar vai se encher. Em menos de dez minutos a areia turbilhonará no céu. Decolaremos naquele fogo, naquela roda de chamas do deserto.

Mas não é isso que me comove. O que me enche de alegria babara é haver compreendido por um leve sinal uma linguagem secreta, é haver farejado a tempestade como um primitivo, em todo futuro se anuncia por leves rumores. É ter lido a cólera de o deserto no fremir das asas de uma lavadeira.

IV

Estávamos, ali, em contato com os mouros insubmissos. Eles apareciam às vezes do fundo dos territórios proibidos, daqueles territórios que transpúnhamos em nossos voos; arriscavam-se a ir aos fortins de Juby ou Cisneros comprar açúcar ou chá. Depois mergulhavam outra vez em seus mistérios. Tentávamos, quando eles vinham. Ganhar a confiança de alguns.

Quando eram chefes influentes, nós os levávamos às vezes a bordo, de acordo com a direção das linhas, para lhes mostra o mundo. Tratava-se de extinguir o seu orgulho. Porque era mais por desprezo que por ódio que eles matavam os prisioneiros. Quando passavam por nós perto de um fortim nem sequer nos injuriavam: viravam a cara e cuspiam. Tiravam esse orgulho da ilusão de sua força. Quantos dentre eles não me repetiam, tendo posto em pé de guerra um exército de trezentos fuzis: “Vocês, lá da França, tem sorte de estar a mais de cem dias de marcha...”

Assim, nós os levávamos a passear. E assim três deles visitaram aquela França desconhecida. Eram da raça dos que, tendo uma vez me acompanhado ao Senegal, choraram ao ver as árvores.

Quando os encontrei novamente em suas tendas eles falavam com admiração dos *music halls* em que haviam visto mulheres nuas dançando entre flores. Aqueles homens jamais haviam visto, antes, uma árvore, ou uma fonte,

ou uma rosa. Só através do Alcorão conheciam a existência de jardins em que murmuram regatos, pois assim é chamado o Paraíso. Esse paraíso e suas belas cativas é ganho pela morte amarga sobre a areia, a um tiro de fuzil de um infiel, depois de trinta anos de miséria. Mas Deus os engana, porque Deus não exige dos franceses, aos quais são concedidos todos aqueles tesouros, o sacrifício da sede nem da morte. É por isso que eles estão meditando agora os venhos cineris. E é por isso que ali, olhando o Saara que se estende, deserto, em volta de sua tenda, o Saara que até a morte lhes dará tão magros prazeres, eles se entregam a confidências.

- Vela você... o Deus dos franceses... Ele é mais generoso para os franceses do que o Deus dos mouros para os mouros!

Algumas semanas antes haviam sido levados a passear na Savóia. O guia nos conduziu a uma grande cascata, uma espécie de coluna de pedras onde desciam tranças de águas barulhentas, e lhes disse:

- Bebam.

E era água doce. Água! Aqui, quantos dias de marcha para atingir o poço mais próximo e, quando se encontra esse poço, quantas horas para cavar na areia que o cobriu, até chegar a uma pobre lama misturada com urina de camelo! Água! Em cabo Juby, em Cisneros, em Port-Etienne os meninos mouros não mendigam dinheiro. Com uma lata de conserva vazia na mão pedem esmola de água.

- Me dá um pouquinho de água, me dá...

- Se você se portar bem...

Água, água que vale seu peso em ouro; água cuja menor gota tira da areia a centelha verde de uma folha... Quando chove em algum lugar, um grande êxodo anima o Saara. As tribos caminham para aquela erva que crescerá a trezentos quilômetros de distância. E essa água tão avara, da qual não caiu nem uma gota em Port-Etienne durante dez anos, essa água roncava ali como se de uma cisterna arrebentada saltassem todas as provisões do mundo.

Vamos embora – disse-lhes o guia.

Mas eles não se mexiam:

Deixe-nos ficar um pouco mais...

Calavam-se e assistiam graves, mudos, ao desenrolar de um mistério solene. O que saltava assim, do ventre da montanha, era a vida, era o próprio sangue dos homens. A água que passava em um só segundo teria ressuscitado caravanas inteiras que, bêbadas de sede, haviam mergulhado, para sempre, no infinito dos lagos de sal e das miragens. Deus, ali, se manifestava: não se podia virar as costas. Deus abria suas represas e mostrava sua potência: os três mouros permaneciam imóveis.

- Que querem ver mais? Vamos embora...

- É preciso esperar.

Esperar o que?

- O fim.

Queriam esperar a hora em que Deus se cansasse de sua loucura. Ele se arrepende depressa, Ele é avaro.

_ Mas essa água corre há milhares de anos!

Assim, naquela noite. Ele não insistiam sobre a cascata. É melhor calar certos milagres. É melhor não pensar muito nessas coisas porque então não se compreende mais nada. Pode-se até duvidar de Deus...

- Veja você... O Deus dos franceses...

Mas eu conheço bem esses meus amigos bárbaros. Ali estão eles, perturbados em sua fé, desconcertados, prestes à submissão. Sonham em ser abastecidos de cevada pela intendência francesa e viver garantidos pelas nossa tropas do Saara. É verdade que, uma vez submissos, eles ganharão bastante em bens materiais.

Mas são, todos os três, do sangue de *El Mammoum*, emir de Trarza.

(Não sei se escrevo errado o seu nome.)

Conheci-o quando era nosso vassalo. Admitido às honras oficiais pelos serviços prestados, enriquecido pelos governadores e respeitado pelas tribos, nada lhe faltava, ao que parecia, das riquezas visíveis. Mas uma noite, sem que nenhum sinal previr, massacrou os oficiais que estavam em sua companhia no deserto, apoderou-se dos camelos, dos fuzis e foi se juntas às tribos insubmissas.

Dá-se o nome de traições a essas súbitas revoltas, a essas fugas, às vezes heroicas e desesperadas, de um chefe que volta ao deserto atrás de uma curta glória que se apagará bem cedo, como um fogo de artifício, em face da coluna volante de Atar. E admiram-se esses gestos de loucura.

Entretanto a historia de El Maqmmoun foi à de muitos outros árabes. Ele envelhecia. Quando a gente envelhece começa a meditar. Assim, uma tarde, descobriu que havia traído o Deus do Islã e que havia sujado a sua mão selando na mão dos cristãos um pacto em que perdia tudo.

Que lhe importavam, com efeito, a cevada e a paz? Guerreiro decaído que se tornou pastor, ele de repente se lembra de haver habitado um Saara onde cada dobra de areia era rica de ameaças escondidas, onde o acampamento, noite alta, destacava sentinelas em todas as direções, onde as noticias que chegavam dos movimentos dos inimigos faziam bater os corações em volta dos fogos noturnos. Lembra-se de um gosto de alto-mar – um gosto que, uma vez provado por um homem, nunca mais é esquecido.

Hoje, ele erra ingloriamente por uma terra pacificada, vazia de todo prestígio. Hoje, somente hoje, o Saara é um deserto.

Talvez ele venere os oficiais que vai assassinar. Mas primeiro vem o amor de Alá.

- Boa noite, El Mammoun.

- Que Deus o proteja!

Os oficiais enrolam-se em suas cobertas esticadas na areia como uma jangada, sob os astros. E agora as estrelas caminham lentamente – um céu

inteiro marcando a hora. Agora, a lua desce atrás das areias reconduzida ao nada pela Suprema Sabedoria. Os cristãos não tardam a dormir. Ainda alguns minutos, e só as estrelas brilharão. Então, para que as tribos abastardas sejam restabelecidas em seu passado esplendor, para que retornem suas correrias que dão um sentido luminoso ao deserto, bastará um grito fraco desses cristãos que serão afogados em seu próprio sono... Ainda alguns segundos e do irreparável nascerá um mundo...

E os belos tenentes adormecidos são massacrados.

V

Em Juby, hoje, Kemal e seu irmão Mouyane me convidaram para tomar chá em sua tenda. Mouyane me olha em silêncio e guarda uma reserva feroz, o véu azul esticado sobre a boca. Só Kemal fala comigo e faz as honras da casa:

- Minha tenda, meus camelos, minhas mulheres, meus escravos são seus.

Sempre sem retirar os olhos de mim. Mouyane inclina-se para o irmão, diz algumas palavras e volta ao seu silêncio.

- Que diz ele?

- Diz: “Bonnafous roubou mil camelos do R’Gueïbat”.

Não conheço esse capitão Bonnafous, oficial meharista da coluna de Atar. Mas conheço a sua grande legenda entre os mouros. Falam dele com ódio, mas como se fosse um deus. Sua presença valoriza o areal. Ele acaba de surgir hoje mesmo, sem se saber como, à retaguarda dos *rezzous* que marchavam para o sul, roubando-lhes centenas de camelos, obrigando-os a lutar para salvar seus tesouros que pensavam estar em segurança. E agora, tendo salvado Atar por essa aparição de arcanjo, tendo feito seu acampamento

num alto tabuleiro calcário, ele lá permanece, de pé, como um desafio. E sua irradiação é tal que obriga as tribos a se porem em marcha para enfrentar seu gladio.

Mouyane me olha com mais dureza e novamente murmura alguma coisa.

- Que diz ele?

- Diz: “Partiremos amanhã em *rezzou* contra Bonnafous. Trezentos fuzis”.

Eu bem pressentira alguma coisa. Aqueles camelos que há três dias estão sendo levados ao poço, aqueles conciliábulos, aquele fervor. Parece que se apresta a um veleiro invisível. E o vento do largo, que o impulsionará, já circula. Graças a Bonnafous cada passo para o sul é um passo cheio de glória. Eu nem sei distinguir o que essas partidas contêm de ódio e de amor.

É suntuoso possuir no mundo um tão belo inimigo a assassinar. Onde ele surge, as tribos próximas recolhem as tendas, juntam os camelos e fogem, tremendo à ideia de encontra-lo face a face. Mas, as tribos mais distantes são tomadas de uma vertigem igual à vertigem do amor. Que homens abandonam a paz das tendas, os braços das mulheres, o sono feliz, e descobrem que no mundo nada seria melhor que, depois de dois meses de marcha extenuante para o sul, dos meses de sede abrasadora, de longas esperas, de cócoras, sob o vento de areia, cair de surpresa, pela madrugada, sobre a coluna volante de Atar e então, se Deus quiser, assassinar o capitão Bonnafous.

- Bonnafous é forte – confessa-me Kamal.

Agora sei o segredo deles. Como homem que deseja uma mulher sonha com seu andar indiferente ao passeio e se vira e revira a noite inteira, ferido, incendiado por aquele passear indiferente que ela continua em seus sonhos, eles são atormentados pelo passo distante de Bonnafous. Dominando os *rezzous* lançados contra ele, esse cristão vestido de mouro, à frente de seus duzentos piratas mouros, penetrou em território sublevado, onde o último de seus próprios homens, longe da vigilância francesa, poderia abandonar a servidão, impunemente, e sacrificá-lo a seu Deus sobre as mesas de pedras,

onde unicamente seu prestígio o matem, onde é sua própria franqueza que os espanta. E nesta noite, em meio aos sonhos roucos desses mouros, ele passa e volta a passar indiferente, e seus passos ressoam até no coração do deserto.

Mouyane medita sempre imóvel no fundo da tenda, como mu baixo-relevo de granito azul. Só brilham seus olhos e o punhal de prata, que não é um enfeite. Como ele mudou depois que reuniu o *rezzou*! Sente, como nunca, a sua própria nobreza. E esmaga-me com o seu desprezo. Porque vai marchar conta Bonnafous, porque partirá pela madrugada levado por seu ódio que tem todos os sinais do amor.

Ainda uma vez inclina-se para o irmão, fala em voz muito baixa e me olha.

-Que diz ele?

-Diz que atirará em você se o encontrar longe do forte.

-Por quê?

- Ele diz: “Você tem aviões e o telégrafo sem fio, você tem Bonnafous, mas não tem a verdade”.

Mouyane está me julgando, imóvel em seus véus azuis de dobras de estátua.

Ele diz: “Você come salada como as cabras e come porco como os porcos. Suas mulheres sem pudor mostram o rosto”. Ele já as viu. Ele diz: “Você na reza nunca”. Ele diz: Para que lhe servem os aviões, o telégrafo e Bonnafous, se você não tem a verdade?”

E eu admiro esse mouro que não defende a sua liberdade, porque no deserto sempre se é livre, que não defende tesouros visíveis, porque o deserto é nu, mas que defende um reino secreto. No silêncio das ondas de areia Bonnafous conduz seu pelotão como um velho corsário. E graças a ele este acampamento de cabo Juby não é mais um lar de pastores ociosos. A tempestade de Bonnafous pesa sobre o seu flanco e, por causa dele, as tendas serão enroladas esta noite. E como é pungente esse silêncio para as bandas do

sul: é o silêncio de Bonnafous! Mouyane, velho caçador, sente no vento que ele caminha.

Quando Bonnafous voltar à França, seus inimigos longe de se alegrarem, o chorarão, como se sua partida roubasse um dos polos do deserto, um pouco de prestígio de suas existências. E eles me dirão:

- Por que ele vai embora, o seu Bonnafous?

- Não sei...

Ele jogou sua vida contra deles, e durante anos aceitou suas regras de jogo. Dormiu com a cabeça apoiada à suas pedras. Durante a eterna perseguição conheceu, como eles, as noites bíblicas, feitas de estrelas e de vento. E eis que ele mostra, indo-se embora, que não jogava o jogo essencial. Vai-se embora sem remorsos. E os mouros, que ele deixa jogando sozinhos, perdem a confiança num sentido da vida que não prende mais os homens até a carne. Apesar de tudo querem acreditar nele:

- Bonnafous: ele voltará.

_ Não sei...

Voltará, pensam os mouros. Os jogos da Europa não poderão mais contentá-lo, nem os bridges da guarnição, nem a promoção, nem as mulheres. Voltará atormentado pela nobreza perdida, para aquela terra onde cada passo faz bater o coração, como um passo para o amor. Pensou que aqui apenas tinha vivido uma aventura e que lá em sua terra acharia o essencial; mas descobrirá com desgosto que as únicas riquezas verdadeiras ele as possui aqui, no deserto: o prestígio da areia, da noite, o silêncio, essa pátria de vento e de estrelas. E se Bonnafous voltar um dia, a notícia, desde a primeira noite, se espelhará pelas terras sublevadas. Os mouros saberão que ele está dormindo em alguma parte, no Saara, no meio de seus duzentos piratas. E então, à noite, em silêncio, levarão os mehara aos Poços para beber água. Completarão as provisões de cevada. Verificarão as armas. Transportados por aquele ódio, ou por aquele amor.

VI

“Me esconde num avião para Marrakech...” Toda tarde, em Juby, aquele velho escravo dos mouros me dirigia sua curta prece. Depois disso, tendo feito o possível para viver, sentava-se sobre as pernas em cruz e preparava meu chá, tranquilo por um dia, tendo confiado, segundo supunha, ao único médico que poderia curá-lo, tendo rezado ao único deus que poderia salva-lo. E ficava ali, inclinado sobre a chaleira, ruminando as imagens de sua vida, as terras negras de Marrakech, suas casas cor-de-rosa, os bens elementares de que havia sido despojado. Não me queria mal pelo meu silêncio nem pela minha demora em fazê-lo voltar à vida: eu não era um homem semelhante a ele, mas uma força a pôr em marcha, alguma coisa como um vento favorável que, um dia haveria de soprar sobre seu destino.

Simple piloto, chefe de aeroporto por alguns meses em cabo Juby, tendo por toda fortuna, uma barraca encostada ao forte espanhol e nessa barraca uma bacia, um cântaro de água salgada e uma cama estreita, eu alimentava bem poucas ilusões sobre me poder:

- Vamos ver velho Bark.

Todos os escravos se chamam Bark; portanto ele se chamava Bark. Apesar de quatro anos de cativo, ainda não estava resignado: Lembrava-se de ter sido rei.

- Que é que você fazia em Marrakech, Bark?

Em Marrakech, onde sua mulher e os três filhos viviam ainda com toda certeza, ele havia exercido uma profissão magnífica:

- Era pastor de rebanhos e me chamava Mohammed. Vá procura-los na montanha.

Ou então:

- Tenho mil carneiros na planície. Suba com eles até as pastagens.

E Bark, armado de um cetro de oliveira, governava seu êxodo. Único responsável por uma população de ovelhas caminhava com a obediência e a confiança de todas, fazendo atrasar as mais apressadas por causa dos cordeirinhos a nascer e obrigando a andar depressa as mais preguiçosas. Conhecedor único das terras mais altas para onde as conduzia, único, a saber, ler sua rota nas estrelas, cheio de uma ciência que as ovelhas não possuem, ele era o único a decidir, em sua sabedoria, a hora do repouso, a hora das fontes. E de pé, à noite, enquanto o rebanho dormia cheio de ternura por tanta fraqueza ignorante, e coberto de lã até os joelhos, Bark, médico, profeta e rei rezava pelo seu povo.

Um dia os árabes o abordaram:

_ Venha procurar uns animais nossos, no sul.

Fizeram-no andar muito tempo, e quando, três dias após, ele estava bem seguro em um caminho fundo entre as montanhas, nos confins do território sublevado, muito simplesmente lhe puseram a mão ao ombro, batizaram-no com o nome Bark e o venderam.

Eu conhecia outros escravos. Ia todo dia, sob as tendas, tomar chá. Esticado ali, descalço, sobre o tapete de lã grossa que é o luxo do nômade e no qual ele funda por algumas horas seu domicílio, eu gozava a viagem do dia. Sente-se, no deserto, a passagem do tempo. Sob o ardor do sol a gente esta em marcha para a noite, para o vento fresco que banhará nossos membros e lavará todo suor. Sob o ardor do sol homens e bichos, tão seguramente como para a morte, avançam para o grande bebedouro que é à noite. Assim a ociosidade nunca é vã. E todo dia parece belo como as estrelas que vão para o mar.

Conhecia os escravos. Entravam na tenda quando o senhor havia tirado o fogareiro, a chaleira e os copos de sua caixa de tesouros, uma caixa pejada de objetos absurdos, cadeados sem chave, vasos de flores sem flores, espelinhos baratos, velhas armas; objetos que assim no meio do deserto, faziam pensar nos restos de um naufrágio.

Então o escravo, mudo, junta gravetos secos, sopra para acender o fogo, enche a chaleira, movimentando, para esses serviços de criança, músculos capazes de arrancar cedros pelas raízes. É manso. Sabe o que é a sua vida: fazer chá, tratar dos *mehara*, comer. Sob o ardor do sol marchar para a noite e sob o gelo das estrelas nuas sonhar com o calor do dia.

Felizes os países do norte em que as estações compõem, no verão, a lenda das neves, e, no inverno, a lenda do sol; tristes os trópicos, em cuja estufa nada muda muito, mas feliz também este Saara em que o dia e a noite balanceiam tão simplesmente o homem de uma esperança a outra.

Às vezes o escravo negro, acorado diante da porta, goza o vento da noite. Naquele corpo pesado de cativo as lembranças não se agitam mais. Talvez mal se lembre da hora do rapto, das pancadas, dos gritos, dos braços dos homens que o trouxeram para a noite presente. Mergulha, depois disso, num sono estranho, privado, como um cego, de seus rios lentos do Senegal ou de suas cidades brancas do sul de Marrocos, privado, como um surdo, das vozes familiares. Não é desgraçado, esse negro: é doente. Caído um dia no ciclo de vida dos nômades, ligado às suas migrações, preso pela vida às órbitas que eles descrevem no deserto, que conservará de comum, doravante, com um passado, um lar, uma mulher e uns filhos que estão para ele tão mortos como os mortos?

Homens que viveram muito tempo de um grande amor e depois foram privados dele cansam-se, às vezes, de sua nobreza solitária. Reaproximam-se humildemente da vida, e de um amor medíocre fazem sua felicidade. Acharam doce abdicar, fazerem-se servis, entrar na paz das coisas. E o escravo faz seu orgulho de um gesto do senhor.

- Olhe, tome – diz às vezes o senhor ao cativo.

É hora em que o senhor é bom para o escravo por causa daquele alívio de todas as fadigas, de todos os ardores do dia; porque os dois entram, lado a lado, na frescura da noite. Dá-lhe um copo de chá. E o escravo, cheio de reconhecimento, beijaria, por esse copo de chá, os joelhos do senhor. O cativo nunca é acorrentado. Não precisa disso. Como é fiel! Renega prudentemente em si mesmo o rei negro despojado: é apenas um escravo feliz.

Um dia, entretanto, ele será libertado. Quando estiver demasiado velho para valer sua alimentação e suas roupas> Então lhe será concedida uma completa liberdade. Durante três dias ele se oferecerá em vão de tenda em tenda, cada dia mais fraco. E no fim do terceiro dia, sempre bem comportado, ele se deitará na areia. Eu os vi assim, em Juby, morrer nus. Os mouros assistem à sua longa agonia, mas sem crueldade. E os meninos mouros brincavam ali, perto daquele escuro trapo humano, e toda manhã iam ver se ele ainda se mexia, mas sem se rirem do velho servidor. Aquilo estava na ordem natural das coisas. Era como se lhe houvessem dito: “Você trabalhou bastante, tem direito ao sono, vá dormir”. Sempre estendido no chão, ele sentia a fome, que é apenas uma vertigem, mas não a injustiça, que, esta, sim, é um tormento. Secado pelo sol, recebido pela terra. Trinta anos de trabalho, e, depois o direito ao sono e a terra.

O primeiro que encontrei assim, não ouvi gemer: mas ele não tinha junto a quem gemer. Adivinhei nele uma espécie de obscuro consentimento, como o do montanhês perdido, sem forças, que se deita na neve e se envolve na neve e em seus sonhos. Não foi seu sofrimento que me impressionou: não creio que ele sofresse. Mas na morte de um homem um mundo desconhecido esta morrendo. E eu me perguntava que imagens estariam se apagando em seus olhos. Que plantações do Senegal, que alvas cidades do Marrocos sul mergulhavam aos poucos no esquecimento. Eu não podia saber se, naquela massa escura, apenas se extinguíam as preocupações miseráveis: o chá a preparar, os animais a levar ao poço... se adormecia ali uma alma de escravo ou se, ressuscitado pela ascensão de lembranças, o homem morria em toda sua grandeza. O osso duro do crânio era para mim igual à velha caixa de tesouros do mouro. Eu não podia saber que pedaços de seda colorida, que imagens de festa, que vestígios tão deslocados, tão inúteis naquele deserto haviam escapado ao naufrágio. A caixa estava ali fechada, cheia. E eu não podia saber que parte do mundo se desfazia naquele homem durante o gigantesco sono dos últimos dias; que parte do mundo se desfazia naquela consciência, naquela carne que voltavam a ser, pouco a pouco, noite e raiz.

- Eu era pastor de rebanhos e me chamava Mohammed...

Bark, cativo negro, foi o primeiro que conheci a resistir. Não importava que os mouros houvessem violado sua liberdade e o tivessem posto, um dia, mais nu que um recém-nascido. Há tempestades de Deus que destroem assim, em uma hora, as searas do homem. Mais profundamente, porém, que aos seus bens, os mouros o ameaçavam em sua personalidade. E Bark não abdicava, enquanto tantos outros escravos deixariam morrer dentro de si um pobre condutor de animais que trabalhava o ano inteiro para ganhar o pão.

Bark não se instalava na servidão como um homem se instala, cansado de esperar, em uma felicidade medíocre. Não queria fazer das bondades do senhor de escravos suas alegrias de escravo. Reservava para o Mohammed ausente àquela casa que Mohammed havia ocupado dentro de seu peito. Aquela casa triste de estar vazia, mas que nenhum outro podia ocupar. Bark era como esses velhos guardas encanecidos que, junto às árvores da alameda, e no tédio do silêncio, morrem de felicidade.

Não dizia: “Eu sou Mohammed bem Lhaouswsin”, e sim “Eu me chamava Mohammed”, sonhando com o dia em que a personagem esquecida ressuscitaria, expulsando, com sua simples ressurreição, a aparência do escravo. Às vezes, no silêncio da noite, todas as saudades lhe vinham, com a plenitude de uma cantiga da infância. “No meio da noite”, contava nosso interprete mouro, “no meio da noite ele falou de Marrakech e chorou”. Ninguém escapa, na solidão, a esses regressos. O outro despertava nele, sem prevenir, estirava-se em seus próprios membros, procurou a mulher ao seu lado, ali no deserto, onde nunca mulher nenhuma se aproximou de Bark; ouvia cantar as águas da fonte, ali onde fonte nenhuma correu jamais. E Bark, de olhos fechados, pensava habitar uma casa branca, parada toda noite sob a mesma estrela – ali, onde os homens moram em tendas e viajam atrás do vento.

Cheio dessas velhas ternuras misteriosamente ressuscitadas, Bark vinha a mim. Queria me dizer que tudo estava preparado, que todas as suas ternuras estavam preparadas – e que apenas lhe faltava, para distribuí-las, voltar para casa. E bastaria um sinal meu. Bark sorria me indicando o truque em que com certeza eu não havia pensado ainda:

- É amanhã que segue o correio. Me esconde num avião para Agadir...

- Pobre velho Bark!

Estávamos em território dos dissidentes – como poderíamos ajuda-lo a fugir?^No dia seguinte os mouros se vingariam< Deus sabe com que massacre, o roubo e a ofensa> Eu bem havia tentado compra-lo, ajudado pelos mecânicos do posto, Laubergue, Marchal e Abgrall, mas não é todo dia que os mouros encontram europeus dispostos a comprar escravos. Sabem disso e abusam:

-Vinte mil francos.

-Esta louca?

-Repare: ele tem braços fortes...

E assim passaram meses.

Afinal as pretensões dos mouros baixaram e, ajudado por amigos da França aos quais havia escrito, vi-me em condições de comprar o velho Bark.

Foram longas negociações. Duraram oito dias, que passamos sentados em círculo, na areia, quinze mouros e eu. Um amigo do proprietário, e que quase também era meu amigo, Zin Ould Rhattari, um bandoleiro me ajudava secretamente:

- É melhor vender. De qualquer jeito você vai perdê-lo dizia ele seguindo minhas instruções, ao proprietário. Ele esta doente. O mal não se vê a princípio, mas esta lá dentro do corpo. Num dia qualquer ele aparece. É melhor vender logo aos franceses.

Eu havia prometido uma comissão a outro bandido, Raggi, se ele me ajudasse a fechar negócio; e Raggi tentava o proprietário:

-Com esse dinheiro você poderá comprar camelos, fuzis e balas. Assim poderá organizar um rezou e fazer guerra aos franceses. Um dia você prendera três ou quatros escravos novos da coluna de Atar. E melhor liquidar esse velho...

E Bark me foi vendido. Fechei-o a chave durante seis dias em nosso barracão, porque se ficasse andando ali fora antes da passagem do correio os mouros o pegariam outra vez para vendê-lo mais longe.

Mas eu o livreí da sua condição de escravo.

Foi uma bela cerimonia: Veio o marabu, o antigo proprietário e Ibrahim, o caid de Juby. Aquelles três piratas que tinham cortado a cabeça ao pobre Bark se o achassem a vinte metros do forte, pelo simples prazer de me pregar uma peça, o abraçaram ternamente e assinaram uma ata oficial.

- Agora você é nosso filho.

Era meu também, segundo a lei.

E Bark abraçou todos os seus pais.

Viveu em nossa barraca, em doce cativo, até o momento da partida.

Pedia que lhe descrevessem vinte vezes por dia a viagem fácil: desceria do avião em Agadir, e receberia, ali, uma passagem de ônibus para Marrakech. Bark brincava de ser homem livre como uma criança brinca de explorador: aquelas multidões, aquelas cidades que ia rever...

Laubergue veio falar comigo em nome de Marchal e de Abgrall. Era preciso que Bark não morresse de fome depois do desembarque. Deram-me mil francos para lhe entregar; assim Bark poderia procurar trabalho.

E eu pensava nessas velhotas de obras pias que “fazem caridade”, dão vinte francos e exigem a gratidão. Laubergue, Marchal e Abgrall, mecânicos de avião, dando mil francos não faziam caridade e muito menos exigiam gratidão. Nem mesmo agiam por piedade, como essas velhotas sonham com a fidelidade. Contribuíam, simplesmente, para devolver a um homem sua dignidade de homem. Sabiam muito bem, como eu, que, uma vez passada a embriaguez da volta, a primeira amiga fiel que apareceria diante de Bark seria a miséria. E que, antes de três meses, ele estaria penando numa linha de estrada de ferro. A arrancar

dormentes. Seria menos feliz que em nossa casa, no deserto. Mas tinha o direito de ser ele mesmo entre os seus.

- Então velho Bark, vá-se embora e seja um homem.

O avião vibrava, prestes a partir, Bark inclinava-se uma última vez sobre a imensa paisagem desolada de cabo Juby. Diante do avião uns duzentos mouros estavam reunidos para ver como é a cara de um escravo às portas da vida. Eles o recuperariam um pouco mais adiante, no caso de uma pane.

E nos fazíamos gestos de adeus ao nosso recém-nascido de cinquenta anos, um pouco comovidos de soltá-lo mundo afora.

- Adeus Bark!

- Não.

- Não, com?

- Não. Eu sou Mohammed bem Lhaoussin.

Tivemos notícias suas pela última vez por intermédio do árabe Abdallah que, a nosso pedido, cuidou de Bark, em Agadir.

O ônibus só partiria à noite, e Bark dispunha assim, de um dia inteiro livre. A princípio errou longamente pela cidadezinha, sem dizer palavra. Abdallah sentiu que ele estava inquieto se se comoveu:

- Que há?

- Nada ...

Bark, na opulência daquela libertação súbita, não sentia ainda bem sua própria ressurreição. Parecia, na verdade, gozar de uma felicidade surda, mas além dessa liberdade, quase não havia diferença entre o Bark de ontem e o Bark de hoje. Entretanto, dali em diante ele partilhava, em igualdade de condições, com os outros homens, o direito ao sol e o direito de sentar ali, sob o caramanchão de um café árabe. Sentou-se mandou vir chá para Abdallah e para si. Era seu primeiro gesto de senhor: seu poder devia transfigurá-lo. Mas

o garçom lhe serviu chá sem surpresa, como se o gesto fosse banal. Não sentia, servindo aquele chá, que estava glorificando um homem livre.

- Vamos dar uma volta por ai – disse BARK.

Subiram para a Casbá, que dormia Agadir. As pequenas dançarinas berberes vieram ao seu encontro. Mostravam tanta provisão de ternura que Bark pensou reviver: seriam elas que, sem o saber, o acolheriam na vida. Segurando-o pela mão, elas lhe ofereceram chá muito gentilmente, mas como o fariam a qualquer outro. Bark quis contar-lhes uma história de sua ressurreição. Elas riram docemente. Estavam contentes por ele, porque ele estava contente. Ele acrescentou para maravilha-las: “Eu sou Mohammed bem Lhaoussin”. Mas isso não as surpreendeu. Todos os homens tem um nome, e muitos deles voltam de tão longe...

Bark arrastou ainda Abdallah para a cidade. Errou diante das lojinhas dos judeus, olhou o mar, imaginou que poderia andar à vontade em qualquer direção, que era livre... Mas essa liberdade lhe pareceu amarga: ela lhe revelava sobretudo como ele pareceu amarga: ela lhe revelava sobretudo como ele estava sem ligação com o mundo.

Então, como passasse um menino, Bark lhe acariciou docemente o rosto. O menino sorriu. Não era um filho do senhor que se adula. Era uma frágil criança a quem Bark concedia uma carícia. E que sorria. E essa criança despertou Bark, e Bark se sentiu um pouco mais importante sobre a terra por causa de uma criança frágil que lhe sorria. Começava a planejar alguma coisa e andava agora a passos largos.

- Que esta procurando? –perguntou Abdallah.

- Nada – respondeu Bark.

Mas quando desembocou, na esquina de uma rua, diante de um grupo de crianças que brincavam, ele se deteve. Era ali. Olhou-as em silêncio. Depois, tendo se afastado para as lojinhas dos judeus, voltou com os braços carregados de presentes. Abdallah irritou-se:

- Imbecil, guarde seu dinheiro!

Mas Bark não o ouvia. Gravemente ia fazendo um sinal a cada criança. E as mãozinhas se estenderam para receber os brinquedos, os braceletes, as pantufas douradas. E cada criança, quando segurava bem seu tesouro, saía correndo e fugia, selvagem.

As outras crianças de Agadir, sabendo da novidade, correram para ele: Bark as calçou com pantufas de ouro. E nos arredores de Agadir outras crianças, movidas por aquele rumor, vieram correndo numa gritaria para o deus negro. Agarradas às suas vestimentas de escravo, reclamavam presentes. Bark arruinava-se.

Abdallah supôs que ele houvesse ficado louco de alegria. Mas eu creio que para Bark não se tratava de repartir um excesso de alegria.

Possuía, desde que era livre, os bens essenciais, o direito de se fazer amar, de caminhar para o norte ou para o sul, de ganhar seu pão pelo seu trabalho. Para que o dinheiro? Sentia, como se sente uma fome profunda, a necessidade de ser um homem entre os homens, ligado aos homens. As dançarinas de Agadir se haviam mostrado cheias de ternura com o velho Bark, mas ele se havia despedido delas sem esforço, como tinha chegado: não tinham necessidade dele. O garçom do café árabe, os transeuntes da rua, todos respeitavam nele um homem livre, repartiam com ele o sol em igualdade de condições, mas nenhum havia mostrado tampouco que tivesse necessidade dele. **Era livre, mas infinitamente livre, a ponto de não sentir seu peso sobre a terra. Faltava-lhe o peso das relações humanas que enteva a marcha do homem, e as lágrimas, e os adeuses, e as lamentações, e as alegrias, tudo que um homem acaricia ou ofende sempre que esboça um gesto: esses mil laços que o predem aos outros, que lhe dão gravidade. Mas sobre Bark já pesavam mil esperanças...**

E o reino de Bark começou na glória do sol poente sobre Agadir, na frescura da tarde que durante tanto tempo havia sido para ele a única doçura a esperar, a única doçura de todo o dia. E como se aproximasse a hora da partida Bark avançava, banhado por aquele mar de crianças, como outrora entre suas ovelhas, abrindo seu primeiro sulco no mundo. Regressaria no dia seguinte, à miséria dos seus, responsável por tantas vidas que seu velho braço talvez já nem pudesse sustentar. Mas ali já pesava seu verdadeiro peso. Como um

arcanjo demasiado leve para viver a vida dos homens e que recorresse a esse truque de amarrar chumbo à cintura, Bark lá se ia caminhando pesadamente, puxado para o chão por mil crianças que precisavam tanto de uma pantufa de ouro.

VII

Assim é o deserto. O Alcorão, que é apenas uma das regras do jogo, transforma o areal em um império. No fundo de um Saara que seria vazio representa-se um drama secreto que revolve as paixões dos homens. A verdadeira vida do deserto não é feita dos êxodos de tribos à procura de uma vegetação para os animais, mas do jogo que ali ainda se joga. Que diferença de matéria entre a areia submissa e a outra!

E não acontece assim com todos os homens? **Perante o deserto transfigurado eu me lembro dos brinquedos da minha infância, do parque sombrio e dourado que havíamos povoado de deuses, do reino sem limites que fundamos naquele quilometro quadrado nunca inteiramente conhecido, inteiramente resolvido. Formávamos uma civilização fechada onde os passos tinham um gosto, onde as coisas tinham um sentido que não existia em nenhuma outra. Quando nos fazemos homens e vivemos sob outras leis, que resta daquele parque cheio de sombras da infância, cheio de magia, ardente e gelado! Hoje voltamos ali, caminhamos com uma espécie de desespero, pelo lado de fora, ao longo de seu pequeno muro de pedras cinzentas, admirados de achar fechada em um recinto tão estreito uma província que era para nós o infinito, e compreendo que nesse infinito não entraremos nunca mais. Porque é a infância, e não ao parque, que seria preciso regressar.**

Não há mais sublevados. Cabo Juby, Cisneros, Puerto Cansado, Saguia el Hamra, Dora, Semara – não há mais mistério nenhum ali. Os horizontes para os quais corríamos se apagaram, um depois do outro, como esses insetos que perdem suas cores quando os colhemos em nossas mãos tépidas. Todavia não andamos correndo atrás de uma ilusão. Não nos enganávamos quando

corríamos para essas descobertas. Também não se iludia o Sultão da Mil e uma noites procurando algo tão sutil que as belas cativas se extinguiriam em seus braços, ao amanhecer, tendo perdido, apenas tocadas, o ouro de suas asas. Alimentávamo-nos da magia das areias. Outros talvez cavarão ali seus poços de petróleo e enriquecerão com suas mercadorias. Mas esses terão vindos demasiado tarde. Porque as palmeiras são proibidas e a poeira virgem de conchas já nos deu a sua parte mais preciosa.

Ofereciam apenas uma hora de fervor, e essa hora fomos nós que a vivemos.

O deserto... Um dia me aconteceu chegar ao coração do deserto. Durante um reide à Indochina, em 1935, eu me vi no Egito, nos confins da Líbia, preso às areias como a um visgo, e pensei que fosse morrer. Eis a história.

7 – NO CENTRO DO DESERTO

I

Abordando o Mediterrâneo, encontro nuvens baixas. Desço ate vinte metros. O aguaceiro bate no para-brisa, e o mar parece estar fumegando. Faço grandes esforços para enxergar alguma coisa e não esbarrar no mastro de um navio.

O meu mecânico, André Prevot, acende um cigarro para mim.

- Café...

Desaparece no fundo do avião e volta com a garrafa térmica. Tomo um pouco de café. Puxo, de vez em quando, o acelerador para manter duas mil e cem rotações. Passo os olhos pelos mostradores: meus súditos são obedientes, cada agulha esta em seu lugar justo. Lanço os olhos para o mar, que, sob a chuva, desprende vapores como uma grande bacia de água quente. Se estivesse num hidroavião não gostaria de vê-lo tão “esburacado”. Mas estou num avião. Esburacado ou não, de qualquer modo não posso descer. E isso me fornece, não sei por que, um absurdo sentimento de segurança. O mar faz parte de um mundo que não é o meu. A pane, aqui, não me concerne, nem mesmo me ameaça: não tenho negócios com o mar.

Depois de uma hora e trinta de voo à chuva cessa. As nuvens ainda estão muito baixas, mas a luz do sol as atravessa como um grande sorriso. Admiro essa lenta preparação do bom tempo. Adivinho, sobre minha cabeça, uma leve espessura de algodão branco. Faço uma oblíqua para evitar um aguaceiro: não tenho necessidade de atravessá-lo. E agora aparece o primeiro rasgão das nuvens.

Pressinto-o sem vê-lo. É que percebo em minha frente, no mar, uma longa mancha verde, uma espécie de oásis de um verde luminoso e profundo como aqueles campos de cevada que me comoviam quando eu chegava ao Marrocos sul, vindo do Senegal, depois de três mil quilômetros de areia. Aqui também tenho o sentimento de chegar a uma província habitável, numa alegria leve. Volto-me para Prevot:

- Acabou, agora vai bem...

Tunis. Enquanto enchem os tanques de gasolina assino papeis. Mas no momento em que vou saindo do escritório ouço um “pluf” – um ruído sem eco, surdo, como o choque de um mergulhador contra a água. Lembro-me no mesmo instante de já haver ouvido um ruído semelhante: uma explosão numa garagem. Dois homens haviam morrido no meio daquela espécie de tosse rouca. Volto-me para estrada que contorna a pista: um pouco de poeira sobe. Dois carros rápidos chocaram-se e de súbito ficaram imóveis, como gelados. Há homens correndo para lá e para nosso lado:

- O telefone... um médico... a cabeça...

Sinto um aperto no coração. A fatalidade acaba de acertar um de seus golpes sob a calma luz da tarde. Uma beleza devastada, ou uma inteligência, ou uma vida... Assim também caminham os piratas no deserto, sem que ninguém ouça os seus passos elásticos na areia. Há, no acampamento, curto rumor de razia. Depois tudo volta ao silêncio dourado... A mesma paz, o mesmo silêncio... Alguém perto de mim, fala em fratura de crânio. Não quero ver essa cabeça inerte e ensanguentada. Viro as costas e vou para o meu aparelho. Mas conservo no peito uma impressão de ameaça. E aquele ruído, eu o reconhecerei dentro em breve. Quando eu descer asperamente em um platô negro a duzentos e setenta quilômetros por hora reconhecerei a mesma tosse rouca: o mesmo han! Do destino que nos espreita.

Vamos a caminho de Bengasi.

II

Em viagem. Ainda são duas horas da tarde. Quando abordo a Tripotânia tiro os óculos escuros. A areia é dourada. Como é deserto este planeta, meu Deus! Mais uma vez fico pensando que os rios, as sombras e as habitações dos homens são apenas conjunções felizes do acaso. Que porção enorme de rocha e de areia!

Mas tudo isso agora me é indiferente: vivo apenas no domínio do voo. Sinto vir à noite, à noite em que a gente se fecha como em um templo. Em que a gente se fecha nos segredos dos ritos essenciais, numa inflexível meditação. Todo mundo profano já se apaga e vai desaparecer. Toda paisagem ainda é alimentada pela luz loira, mas começa a se esvaír. E vos digo: não conheço nada, mas nada, que valha esse momento. E os que dentre vós já sofreram o inexplicável amor ao voo, esses me compreenderão.

Renuncio pouco a pouco ao sol. Renuncio as grandes superfícies douradas que poderiam me acolher em caso de pane. Renuncio a todos os sinais que me poderiam guiar. Renuncio aos perfis das montanhas que me evitariam perigos. Entro pela noite. Navego. Apenas tenho por mim as estrelas...

Essa morte do mundo é feita lentamente. É lentamente que a luz se vai – e lentamente se confundem o céu e a terra. A terra parece subir e vai se esvaecendo, difusamente, como um vapor, no ar. As primeiras estrelas tremem como no seio de uma água verde. É preciso ainda esperar longamente para que elas mudem em duros diamantes. É preciso esperar longamente ainda para assistir ao jogo silencioso das estrelas cadentes. Eu vi, no coração de certas noites,

tantas estrelas cadentes, como se um grande vento varresse as constelações.

Prevot experimenta as lanternas fixas e as de emergência. Envolvemos a luz em papel vermelho.

- Mais uma camada de papel...

Ele passa mais uma folha de papel e acende: a luz ainda é demasiadamente clara. Assim ela velara, como em fotografia, a pálida imagem do mundo exterior. Destruirá aos nossos olhos essa polpa ligeira de luz que pela noite, às vezes, ainda nos liga às coisas. A noite amadureceu. Mas não é, ainda, a verdadeira noite. O crescente da lua subsiste. Prevot vai lá ao fundo do avião e volta com um sanduiche. Estou trincando um cacho de uvas. Não tenho fome. Nem fome nem sede. Nem nenhum cansaço: parece-me que poderia ficar assim, pilotando, durante dez anos.

A lua morreu.

Bengasi se anuncia na noite negra. Bengasi repousa no fundo de uma escuridão tão profunda que não se enfeita com a menor auréola de luz. Procuro o campo e, de súbito, vejo que se acendem suas luzes vermelhas de balizamento. Essas luzes limitam um retângulo negro. Faço uma volta. A luz de um farol voltado para o céu sobe reta como um jato de incêndio. Move-se e depois se abre no terreno uma estrada de ouro. Faço uma volta para observar bem os obstáculos. O equipamento noturno do campo é admirável. Reduzo o motor e começo a descer, como se fizesse um mergulho em águas negras.

São vinte e três horas locais quando aterrisso. Rodo o avião ate o farol. Os oficiais e soldados mais cortesês do mundo passam da sombra para luz dura do projetor, ora visíveis, ora invisíveis.

Recebem meus papeis, começam a por gasolina. Em vinte minutos poderei partir.

- Faça uma curva e passe por cima de nos. Sem isso não ficaremos sabendo se a decolagem terminou bem.

Embarco. Vou seguindo por aquela estrada de ouro no campo para uma ascensão sem obstáculos. Meu avião, tipo Simoun, embora sobrecarregado, decola antes de haver esgotado a área disponível. A luz do projetor me segue e me embaraça no momento de fazer a volta. Mas advinham que estão me ofuscando e afastam a luz. Faço meia-volta na vertical e recebo outra vez nos olhos o jato do farol. Mas é apenas um instante; imediatamente ele lança para outro lado seu longo feixe de luz. Sinto, nessas manobras do farol, uma extrema cortesia. E novamente tomo a direção do deserto.

Os postos meteorológicos de Paris. Túnis e Bengasi me anunciaram um vento de popa de trinta a quarenta quilômetros por hora. Espero viajar a trezentos quilômetros por hora. Dirijo a proa para o meio do setor da direita que une Alexandria ao Cairo. Evitarei, assim, as zonas proibidas da costa. E apesar dos desvios desconhecidos que puder sofrer, me agarrarei, à direita ou à esquerda, às luzes dessas duas cidades, ou, de um modo mais geral, às luzes do vale do Nilo. Se o vento não variou, navegarei durante três horas e vinte. Se enfraqueceu, durante três horas e quarenta minutos. E começo a absorver mil e cinquenta quilômetros de deserto.

Não há mais lua. Tudo é um betume negro que se dilatou até as estrelas. Antes de chegar ao Nilo não verei nenhuma luz, não poderei me orientar por nenhum marco e, sem rádio como estou, não poderei receber nenhum sinal dos homens. Nem tento mesmo

observar mais além do meu compasso e do meu *Sperry*. Não me interessa mais por nada a não ser pelo lento período de respiração, sobre o mostrador sombrio do instrumento, de uma estreita linha de *radium*. Quando Prevot se move lá atrás corrijo docemente a posição do aparelho. Subo a dois mil metros onde os ventos, ao que me informaram, são mais favoráveis. A longos intervalos acendo uma lâmpada para observar os mostradores do motor, nem todos luminosos. Na maior parte do tempo, porém, eu me encerro na escuridão, entre as minhas minúsculas constelações que tem a mesma luz mineral das estrelas. A luz inesgotável e secreta, e me falam a mesma linguagem. Eu também, como os astrônomos, leio o livro de mecânica celeste. Eu também me sinto estudioso e puro. Todo mundo exterior se extinguiu. Prevot dorme depois de uma longa resistência, e eu gozo melhor minha solidão. Há apenas o doce ronco do motor e, na minha frente, as estrelas calmas.

Entretanto, medito. Não temos lua, nem rádio. Nenhum laço, tênue que seja, nos liga mais ao mundo até vermos pela frente a risca luminosa do Nilo. Estamos fora de tudo, e apenas o motor nos suspende e nos faz permanecer neste betume. Atravessamos o grande vale negro dos contos de fada, Aqui não há socorro. Aqui os erros não tem perdão. Estamos entregues a vontade de Deus.

Um raio de luz filtra-se pela juntura do *standard* elétrico. Acordo Prevot para que o apague. Prevot mexe-se e funga na escuridão como um urso, e avança. Dá não sei que jeito com uns lenços e uns papeis pretos e suprime aquela fresta luminosa. Não era luz da mesma qualidade da pálida e distante luz do *radium*. Era uma luz de café-concerto, não uma luz de estrela. E me ofuscava, dominando a outras luzes.

Três horas de voo. Surge à minha direita uma claridade que parece viva. Olho. Uma longa esteira luminosa segue a lâmpada acesa na extremidade da asa, que até então era invisível para mim. É um clarão intermitente, ora forte, ora apagado: estou entrando em uma nuvem. Ela é que reflete a minha lâmpada. Aproxima-se a hora em que devo procurar sinais na terra para me orientar, e eu preferia um céu limpo. A asa destaca-se sob o halo luminoso. A luz se fixa e se espalha, formando uma espécie de buque róseo. Sou sacudido por turbilhões profundos. Estou navegando no centro de um cumulo cuja espessura não conheço. Subo até dois mil e quinhentos metros, desço até mil: continuo dentro do cumulo. O buque de fores persiste ali, imóvel, cada vez mais vivo. Bem. Não há de ser nada. Penso em outras coisas. De qualquer modo acabarei saindo desta nuvem. Mas não me agrada esta luz de pensão barata.

Penso: “Aqui, estou sacudindo um pouco. Isto é normal. Mas o avião tem dado esses saltos durante toda a viagem, apesar do céu puro e da altitude. O vento não se acalmou; e devo estar voando a mais de trezentos quilômetros por hora”. De resto não sei nada com precisão. Procurarei orientar-me quando sair desta nuvem.

Estou saindo. O buque luminoso apagou-se de repente, e isso provocou minha atenção. Olho à frente e percebo obscuramente um pequenino trecho de céu limpo e logo a parede de outro cumulo. O buque já se reanimou.

Não sairei mais deste visgo, a não ser por alguns segundos. Depois de três horas e meia de voo isso começa a me inquietar, porque me aproximo do Nilo, se estou avançando com a velocidade que suponho. Talvez possa ver o rio e suas luzes, com um pouco de sorte, no intervalo de dois cúmulos. Mas esses intervalos rareiam.

Não ousou descer ainda: se, por acaso, estou voando menos depressa do que imagino, posso estar ainda sobre as terras elevadas.

Não experimento inquietação alguma: apenas receio perder um pouco de tempo. Mas fixo um limite para minha serenidade: quatro horas e quinze minutos de voo. Dentro desse tempo, mesmo se não houver nenhum vento a favor, o que é improvável, já terei transposto o vale do Nilo.

Quando chego às franjas de uma nuvem, o buque lança luzes de eclipsa, cada vez mais precipitadas, e depois se apaga de repente. Não me agradam essas comunicações cifradas com os demônios da noite.

Uma estrela verde emerge a minha frente, brilhante como um farol. Será um farol? Também não me agrada essa claridade sobrenatural, essa estrela de Rei Mago, esse convite perigoso.

Prevot despertou e ilumina os mostradores do motor. Mando-o embora com suas lâmpadas. Acabo de chegar a um trecho de céu limpo e aproveito para olhar para baixo. Prevot está dormindo outra vez. De resto, não havia nada o que olhar.

Quatro horas e cinco de voo. Prevot veio sentar-se perto de mim.

- Devíamos estar chegando ao Cairo...

- É...

- Aquilo lá é uma estrela ou um farol?

Eu reduzi um pouco o motor, e foi isso, sem dúvida, que despertou Prevot. Ele é sensível a todas as variações dos ruídos do

voo. Começo uma descida lenta para me insinuar sob a massa de nuvens.

Acabo de consultar a carta; de qualquer modo já atingi as cotas zero: não arrisco nada descendo mais um pouco. Desço e aponto a proa bem para o norte. Assim receberei em minhas janelas as luzes das cidades. Com certeza já as traspus; elas me aparecerão pela esquerda. Agora voo sob os cúmulos, ao longo de uma outra nuvem que desceu mais baixo, do lado esquerdo. Para não ser seu prisioneiro volto-me para nor-nordeste.

A nuvem desce ainda mais baixo e tapa todo o horizonte. Não ousou perder mais altitude. Atinjo a cota quatrocentos de meu altímetro, mas ignoro aqui a pressão. Prevot inclina-se para mim.

Grito-lhe: "Vou correr até o mar. Acabarei de descer lá, para não me arrepiar".

Aliás, nada prova que eu já não esteja extraviado sobre o mar. A obscuridade sob a nuvem é completamente impenetrável. Encosto o rosto a vidraça. Tento ler o que está embaixo. Procuro descobrir luzes, sinais. Sou um homem remexendo na cinza, à procura de alguma coisa. Um homem que se esforça para encontrar as brasas da vida no fundo de uma fornalha apagada.

- Um farol marítimo!

Vemos ao mesmo tempo aquele embuste luminoso! Estranha loucura! Onde estaria aquele farol fantasma, invenção da noite? Porque no segundo exato em que eu e Prevot nos debruçamos para vê-lo outra vez a trezentos metros abaixo de nossas asas...

- Ah!

Creio que nada, além disso, me saiu da boca. Creio não haver sentido nada além de um formidável choque que arrebentou nosso mundo pela base. Numa velocidade de duzentos e setenta quilômetros por hora havíamos tocado o chão.

Creio não haver esperado outra coisa, naquele centésimo de segundo, que a grande estrela purpura da explosão em que nós iam confundir os dois.

Nem Prevot nem eu sentimos a menor emoção. Eu observava em mim mesmo aquela espera aflita, a espera da grande estrela resplandecente em que devíamos ser queimados naquele segundo mesmo. Mas não houve nenhuma estrela purpura. Houve uma espécie de terremoto que abalou nossa cabina, arrancando as janelas, lançando chapas de ferro a cem metros de distancia, estremecendo até nossas entranhas com seu estrondo. O avião vibrava como uma faca lançada de longe, de ponta, contra um pedaço de pau duro. E nos éramos envolvidos em sua cólera. Um segundo, dois segundos... o avião tremia sempre, e eu esperava, com uma impaciência monstruosa, que suas provisões de energia o fizessem explodir como uma granada. Mas os abalos subterrâneos prologavam-se sem chegar à erupção definitiva, e eu não compreendia nada daquele trabalho invisível. Não compreendia aquele tremor forte, nem aquela cólera, nem aquela demora interminável... cinco segundos, dez segundos... E bruscamente, sentimos uma espécie de rotação, um choque forte que lançou fora nossos cigarros, pulverizando a asa direita. Depois mais nada: a imobilidade gelada. Grito a Prevot:

- Salte logo!

Ele grita ao mesmo tempo:

- Fogo!

E saltamos pela janela arrancada. Estamos em pé a vinte metros de distância.

Interrogo Prevot:

- Nenhum ferimento?

Ele responde:

- Nenhum ferimento!...

Mas esfrega a mão num joelho. Insisto:

- Veja se não quebrou nada, apalpe-se, mexa os músculos...

Responde:

- Não é nada, é a bomba de emergência.

Pensei que ele fosse cair de repente, aberto da cabeça ao ventre. Mas repete com os olhos fixos:

- A bomba de emergência...

Penso: “Esta louco, vai começar a dançar...”

Afastando os olhos, por fim, do avião, que agora não poderá mais explodir, olha para mim e diz:

- Não é nada, é a bomba de emergência que me agarrou no joelho.

III

É inexplicável que estejamos vivos. Com a lanterna elétrica na mão subo pelo terreno para ver os traços do avião no solo. A duzentos e cinquenta metros do ponto em que ele se deteve já encontramos as ferragens torcidas e as chapas de metal que espalhou pela areia ao longo do percurso. Quando nascer o dia ficaremos sabendo que caímos quase tangencialmente numa escarpa suave, no alto de um platô deserto. No ponto de impacto um buraco na areia parece feito pelo choque de uma charrua. O avião, sem se virar, avançou com o ventre no chão como um réptil encolerizado, às rabanadas. Desceu a rampa assim quando vinha a duzentos e setenta quilômetros por hora. Sem dúvida devemos nossa vida a umas pedras negras e redondas que rolam livremente na areia e que formam um jogo de esferas.

Prevot desliga o acumulador para evitar um incêndio tardio, por curto-circuito. Fico encostado ao motor e reflito: durante quatro horas e quinze minutos eu posso ter tido lá em cima um vento de cinquenta quilômetros por hora. Deve ter sido isso; o aparelho sofria muitas sacudidelas. Mas, se o vento variou depois de tantas previsões, ignoro completamente que direção terá tomado. Eu me situo, portanto, em um quadrado de quatrocentos quilômetros de lado.

Prevot vem sentar-se ao meu lado e diz:

- É extraordinário estarmos vivos...

Não lhe respondo, não sinto nenhuma alegria. Uma pequena ideia já abriu caminho em minha cabeça a me atormentar.

Peço a Prevot que acenda sua lanterna para servir de ponto de referencia e marcho em linha reta para adiante, com a lanterna na mão. Olho o solo com atenção. Avanço lentamente, faço um meio circulo, mudo varias vezes de orientação. Continuo a revisar o solo, como se procurasse um anel perdido. Pouco antes eu estava assim, procurando uma brasa... Avanço sempre na escuridão, inclinado sobre o disco branco de luz que passeio sobre o terreno. É... é Volto lentamente para o avião. Sento-me perto da cabina e medito. Procurei um sinal para ter esperança e não encontrei. Procurei um sinal oferecido pela vida, e não havia sinal nenhum.

- Prevot, eu não vi nenhuma vegetação...

Prevot emudece; não sei se compreendeu. Voltaremos a falar disso, ao se ergurem as cortinas, quando vier o dia. Sinto apenas um grande cansaço e penso: "A quatrocentos quilómetros de distância, no deserto!" De repente dou um salto:

- A água!

Os reservatórios de gasolina e de óleo estão arrebetados. Os de água também: a areia bebeu tudo. Encontramos meio litro de café no fundo de uma garrafa térmica quebrada e um quarto de litro de vinho branco no fundo de outra. Filtramos esses líquidos e os misturamos. Achamos também um cacho de uvas e uma taranja. Mas eu calculo: "Em cinco horas de marcha, sob o sol, esgotaremos isso..."

Instalamos-nos na cabina para esperar a manhã. Estiro-me, vou dormir. E adormecendo faço o balanço de nossa aventura: ignoramos completamente a nossa posição. Não temos nem um litro de líquido. Se estivermos situados mais ou menos na linha certa, seremos encontrados dentro de oito dias. Nada poderemos esperar de

melhor, e então já será demasiadamente tarde. Se estivermos fora do rumo só seremos achados em seis meses. Não poderemos contar com os aviões: eles terão que procurar sobre três mil quilômetros.

- Foi pena... diz Prevot.

- O que?

- A gente não ter se arrebitado de uma vez...

Mas não podemos abdicar tão depressa da vida. Encorajamo-nos mutuamente. Não podemos perder a chance, por mais fraca que ela seja, de uma salvação miraculosa pelos ares. Também não podemos ficar no mesmo lugar, quando perto talvez exista um oásis. Caminharemos o dia inteiro, depois voltaremos ao aparelho.

Escreveremos, antes de partir, o nosso programa em grandes

maiusculas na areia.

Enrosco-me e vou dormir até a madrugada. E sinto-me feliz adormecendo. O cansaço me envolve numa presença múltipla. Não estou sozinho no deserto: minha sonolência é povoada de vozes, lembranças, confidências murmuradas. Ainda não tenho sede, sinto-me bem, entrego-me ao sono como a uma aventura. A realidade vai perdendo terreno diante do sonho...

Ah, foi bem diferente quando veio o sol!

Tenho amado muito o Saara. Passei noites em território sublevado. Já despertei muitas vezes na amplidão dourada em que o vento ergue suas ondas, como no mar. Já esperei socorro dormindo sob a asa do avião. Mas agora é diferente.

Caminhamos na vertente das colinas curvas. O solo é de areia inteiramente coberta de uma só camada de seixos brilhantes e negros. Parecem lascas de metal, e todos os pequenos morros em forma de cúpula que nos cercam brilham como armaduras. Caímos em um mundo mineral. Estamos encerrados em uma paisagem de ferro.

Transposto o primeiro cume, em nossa frente já se mostra outro igual, negro e brilhante. Caminhamos arrastando os pés no chão para deixar um traço por onde poderemos voltar mais tarde. Andamos de frente para o sol. Foi contra toda lógica que resolvi seguir assim diretamente para leste quando tudo me levaria a crer que já havia transposto o Nilo: meu tempo de voo, e as indicações sobre a velocidade do vento. Mas fiz uma curta tentativa para oeste e senti um mal-estar que não saberia explicar. Deixei o oeste para o dia seguinte. E provisoriamente resolvo sacrificar o norte que, entretanto conduz ao mar. Três dias mais tarde, quando em estado de semi-delírio, decidimos abandonar definitivamente o aparelho e caminhar em linha reta até cair, foi ainda o leste que escolhemos. Ou mais exatamente: o este-nordeste. E isso contra toda razão, contra toda esperança. E descobrimos, uma vez salvos, que nenhuma outra direção nos permitiria voltar ao mundo porque para o norte, demasiado cansados, não teríamos atingido o mar. Por mais absurdo que seja, parece-me hoje que, na ausência de qualquer indicação que pudesse pesar sobre nossa escolha, escolhi aquela direção pela razão única de que foi ela que salvou meu amigo Guillaumet nos Andes,

onde o procurei tanto. Aquela direção havia se tornado para mim, confusamente, a direção da vida.

Depois de cinco horas de marcha a paisagem muda. Um rio de areia parece correr em um vale. Entramos por esse fundo de vale.

Andamos a passos largos porque precisamos ir o mais longe possível e voltar antes da noite se nada descobrirmos. De repente eu paro:

- Prevot...

-O que?

- Os traços ...

Há quanto tempo havíamos esquecido de ir deixando os traços na areia? Se não os encontramos outra vez, é a morte.

Fazemos meia-volta, mas obliquando para a direita. Quando estivermos bem longe viraremos perpendicularmente à nossa direção primitiva e iremos achar os traços lá atrás.

Feito isso continuamos. O calor aumenta e com ele nascem as miragens. Mas ainda são miragens elementares. Grande lagos que se formam e desaparecem quando avançamos. Resolvemos cortar o vale de areia e subir o morro mais alto para observar o horizonte. Já

estamos andando a seis horas. Devemos ter feito uns trinta e cinco quilômetros com nossos passos largos. Chegamos ao cume da rocha negra se sentamo-nos em silêncio. O vale de areia ali na frente desemboca em um deserto de areia sem pedras, cuja brilhante luz branca arde nos olhos. Tudo vazio, a perder de vista. Mas agora, no horizonte, os jogos de luz compõem miragens mais perturbadoras. Fortalezas e minaretes, massas geométricas em linhas verticais. Observo também uma grande mancha escura que apreze vegetação. Mas acima dessa mancha esta a ultima dessas nuvens que se

dissolvem com o dia para renascer à noite. Minha vegetação é apenas a sombra de um cúmulo...

É inútil avançar mais: a tentativa não conduz a parte alguma. Precisamos voltar ao avião, o grande sinal vermelho e branco que talvez seja notado pelos nossos companheiros. Embora não tenha esperança nesse socorro que pode vir dos ares, ele me parece ser a única chance de salvação. E sobretudo deixamos lá em baixo nossas últimas gotas de líquido e já sentimos uma necessidade absoluta de beber. Precisamos voltar para viver. Somos prisioneiros de um círculo de ferro: a curta autonomia da sede.

Mas como é difícil fazer meia-volta quando talvez esteja marchando para a vida! Para além das miragens o horizonte talvez seja rico em cidades verdadeiras, em canais de água doce e prados. Sei que tenho razão para fazer meia-volta. Contudo, tenho a impressão de soçobrar quando faço essa terrível virada de leme.

Deitamos junto ao avião. Percorremos mais de sessenta quilômetros. Esgotamos os líquidos. Nada descobrimos a leste e nenhum companheiro sobrevoou este território. Quanto tempo resistiremos? Já sentimos tanta sede...

Fizemos uma grande fogueira com alguns restos da asa pulverizada. Pusemos gasolina e pedaços de magnésio, que dão ao fogo um duro brilho branco. Esperamos que a noite se faça bem escura para atear nosso incêndio. Mas onde estão os homens?

Agora a chama sobe. Vemos religiosamente o nosso facho que se queima no deserto. Vemos brilhar no seio da noite a nossa silenciosa e resplandecente mensagem. Eu penso que essa mensagem, se encerra um apelo já patético, também encerra muito amor. Pedimos água, mas pedimos também comunicação. Que outro

fogo se acenda também na noite! Só os homens dispõem do fogo: que eles nos respondam!

Revejo os olhos de minha mulher – olhos que de agora em diante estarão sempre diante dos meus. Eles me interrogam. |Revejo também os olhos de todos os que talvez pensem em mim. Eles me interrogam. Toda uma assembleia de olhares censura o meu silêncio. Eu respondo! Eu respondo! Eu respondo com todas as minhas forças! Eu não posso erguer mais alto no meio da noite um facho mais rutilante!

Fiz o que pude. Fizemos o que pudemos: sessenta quilômetros quase sem beber. Agora não beberemos mais. É nossa culpa se não pudermos esperar muito tempo? Poderíamos ficar aqui, sossegados, bebendo em nossas garrafas térmicas. Mas desde o segundo em que esvaziei a canequinha de estanho um relógio se pôs em marcha. Desde o segundo em que sorvi a última gota comecei a descer uma escarpa. Que posso fazer se o tempo me arrasta como um rio? Prevot chora. Bato-lhe no ombro, tentando consolá-lo:

- Afinal de contas...

Ele me interrompe:

- Pensa que é por mim que estou chorando? Sim, já descobri essa evidência! Nada é intolerável. Amanhã e depois de amanhã eu aprenderei que nada, decididamente, é intolerável. Acredito apenas até certo ponto no suplício. Um dia pensei que fosse morrer afogado, preso em uma cabina, e não sofri muito. Algumas vezes pensei que fosse quebrar a cabeça e isso não me pareceu um acontecimento considerável. Aqui também não sinto quase angústia. Amanhã aprenderei coisas mais estranhas ainda. E Deus sabe se, apesar dessa

fogueira que acendi, tenho alguma esperança de ser socorrido pelos homens!...

“Pensa que é por mim...” Sim, eis o que é intolerável. Cada vez que revejo os olhos que me esperam sinto que eles me queimam.

De repente tenho a vontade de me levantar e correr direto para frente! Alguém está gritando por socorro, há um naufrágio!

É uma estranha inversão de papeis, mas eu sempre senti assim. Tinha necessidade de Prevot para ter a certeza. Pois Prevot também não sentia a angústia perante a morte de que tanto se fala. Mas alguma coisa ele não suporta, nem eu.

Ah! Eu, por mim, não posso muito bem adormecer, adormecer por uma noite ou por séculos. Se eu durmo, não sei a diferença. E depois, que paz! Mas os gritos que certas pessoas vão dar as grandes chamadas de desespero... disso não suporto a imagem. Não posso cruzar os braços diante desses naufragos! Cada segundo de silêncio assassina um pouco aqueles que eu amo. E uma grande raiva cresce em mim: por que essas correntes me impedem de correr a tempo e socorrer os que estão perecendo? Porque o nosso incêndio não leva o nosso grito até o fim do mundo? Paciência! Nos chegaremos! Nos chegaremos! Nos chegaremos! Nos somos os salvadores!

O magnésio consumiu-se, e nosso fogo torna-se rubro. Há apenas um monte de brasas sobre o qual, inclinados nos aqueceremos. Terminou nossa grande mensagem luminosa. Que fez ela no mundo? Ah, bem sei que não fez nada. Foi uma prece que não pode ser ouvida.

Esta bem. Vou dormir.

De manhã cedinho recolhemos sobre as asas, com um pano, um pouquinho de orvalho sujo de tinta e de óleo. Seu gosto é horrível, mas bebemos. Assim pelo menos molhamos os lábios. Depois desse festim, Prevot diz:

- Felizmente temos o revolver.

Sinto-me bruscamente agressivo e volto-me para ele com decidida hostilidade. Nada me seria mais odioso neste momento que uma efusão sentimental. Tenho extrema necessidade de considerar tudo simples. Nascer é simples. Crescer é simples. Morrer de sede é simples.

E olho de lado Prevot, pronto para feri-lo, se necessário, para que ele se cale. Mas Prevot me falou com tranquilidade. Tratou de uma questão de higiene. Abordou o assunto como se dissesse: “Precisamos lavar as mãos”. Então estamos de acordo. Ontem eu já havia meditado olhando o revolver. Minhas reflexões eram razoáveis e não patéticas. Só é patético o social. A nossa impotência para tranquilizar aqueles por quem somos responsáveis. E não o revolver.

Não estão nos procurando ou, provavelmente, estão nos procurando em outro lugar. Talvez na Arábia. De resto não ouviremos nenhum avião antes de amanhã, quando já tivermos abandonado o nosso. E esse único avião a passar tão distante nos deixara indiferentes. Pontos negros misturados a mil pontos negros no deserto, não poderemos ter a pretensão de. Não há nada de verdadeiro nas reflexões que me serão atribuídas durante esse suplício. Não sofrerei suplício nenhum. Os salvadores me parecerão estar circulando em outro universo.

São necessários quinze dias de busca para achar no deserto um avião do qual nada se sabe, num raio de três mil quilômetros: ora, estamos sendo procurados da Tripolândia à Pérsia. Entretanto, ainda por hoje eu me reservo essa magra chance, visto não haver outra. E, mudando de tática, resolvo ir sozinho em exploração. Prevot preparara uma fogueira e a acendera em caso de visita, mas não seremos visitados.

Assim eu me vou – e não sei mesmo se terei força para voltar. Vem-me a memória tudo o que sei sobre o deserto da Líbia. No Saara há quarenta por cento de umidade, quando o índice aqui é de dezoito por cento. E a vida se evola como um vapor. Os beduínos, os viajantes, os oficiais das tropas coloniais ensinam que aqui o homem resiste há dezenove horas sem beber. Depois de vinte horas os olhos se enchem de luz e começa o fim: a marcha da sede é fulminante.

Mas esse vento nordeste, esse vento anormal que nos enganou e que, contra todas as previsões, nos lançou sobre o platô, sem dúvida agora nos ajudara um pouco a resistir. Que prazo, porem, nos dará ele antes da hora das primeiras luzes nos olhos?

Eu me vou, e parece que embarco num cano é, no oceano.

Todavia, graças à aurora, a paisagem menos fúnebre. E caminho a principio com as mãos nos bolsos, como um garoto. Ontem, deixamos umas armadilhas improvisadas junto a umas pequenas tocas misteriosas. O caçador desperta em mim. Vou ver as armadilhas: não pegamos nada. Portanto não beberei sangue; aliais, não contava com isso. Não estou decepcionado, mas intrigado. De que vivem esses animais no deserto? Sem duvida são *fénechs*, ou raposas do deserto, pequenos carnívoros do tamanho de um coelho, de orelhas enormes. Não resisto à vontade de seguir o rastro de um

deles. Esses rastros me levam por um estreito caminho de areia entre as pedras onde todos os passos são bem gravados. Admiro a linda palma que formam os três dedos em leque. Imagino meu amigo trotando suavemente, pela madrugada, lambendo o orvalho nas pedras. Aqui as pegadas se distanciam: o *fénech* correu. Aqui mais na frente um companheiro lhe veio juntar: agora dois trotam lado a lado. Assisto com uma alegria esquisita a esse passeio matinal. Amo esses sinais de vida. Esqueço que tenho sede...

Chego enfim ao guarda-comida das raposas. De cem em cem metros nasce na areia um minúsculo arbusto seco, de um palmo de altura: seus ramos estão carregados de pequeninos caracóis dourados. O *fénech* não se detém em todos os arbustos. Há alguns carregados de caracóis que ele desprezou; entretanto andou rodando à sua volta com visível circunspeção. Há alguns que ele abordou, mas sem devastar. Tirou dois ou três caracóis, depois mudou de restaurante. Será que o *fénech* se diverte assim, não matando a fome de uma só vez para ter um prazer mais durável em seu passeio matinal? Não creio. Seu jogo coincide demasiado bem – agora percebo – com uma tática indispensável. Se ele matasse a fome com o que encontrasse no primeiro arbusto, em duas ou três refeições o despojaria de sua carga viva. E assim de arbusto em arbusto, ele impediria a procriação dos caracóis. Mas o *fénech* tem cuidado: respeita a reprodução. Não somente procura, para uma só refeição, centenas de arbustos como também nunca tira dois caracóis juntos no mesmo galho. Tudo se passa como se tivesse a perfeita consciência do risco que poderia correr. Se se abastecesse sem precaução não haveria mais caracóis. Não havendo mais caracóis não haveria mais *fénechs*.

Os rastros vão ate um buraco no chão. O *fénech* sem duvida esta lá dentro de sua toca me ouvindo, espantado com o ruído de meus passos. Eu lhe digo: “Meu pequeno *fénech*, é curioso: estou perdido, mas isso não me impediu de apreciar seu humor...”.

Fico ali meditando. E parece que a gente se adapta a tudo. A ideia de que vai morrer dentro de trinta anos não empana as alegrias de um homem. Trinta anos, três dias... é uma questão de perspectiva.

Mas preciso esquecer certas imagens...

Agora sigo meu caminho. E com a fadiga alguma coisa se transforma dentro de mim. Agora quando não há miragens eu as invento...

- Olá!

Ergui os braços gritando, mas o homem que gesticulava é apenas um rochedo negro. Tudo começa a se animar no deserto. Eu quis acordar um beduíno que dormia, e ele se transformou num negro tronco de arvore. Tronco de arvore? Esta presença me surpreende e me inclino. Tento erguer o galho quebrado: é de mármore! Levanto-me e olho em volta: vejo outros mármore

negros. Uma floresta antediluviana junca o chão com seus troncos partidos. Ela desabou como uma catedral há cem mil anos atrás, sob um furacão bíblico. E os séculos rolaram ate mim esses pedaços de colunas gigantescas polidas como peças de aço, petrificadas, vitrificadas, cor de tinta de escrever. Ainda posso distinguir os nos dos galhos, percebo as torções da vida, como os anéis dos troncos. Esta floresta, antes cheia de pássaros de música, foi atingida pela maldição e transformada em sal. Sinto que essa paisagem me é hostil. Mais negros ainda que aquelas armaduras de ferro das

colinas, estes despojos solenes me recusam. Que tenho a fazer aqui. Eu, uma criatura viva, entre esses mármore incorrutíveis? Eu, mora, cujo corpo se dissolvera que tenho a fazer aqui, na eternidade?

Desde ontem já caminhei uns oitenta quilômetros. Sem duvida é a sede que me dá a vertigem. Ou o sol. Ele brilha nesses troncos que parecem cobertos de óleo. Brilha sobre essa carapaça universal. Aqui não há mais areias nem raposas. Apenas uma bigorna imensa. Eu caminho sobre essa bigorna, sentindo na cabeça, as pancadas do sol. Ah, mas ali...

- Olá! Olá!

- Ali não há coisa alguma; não se agite, é delírio...

Falo a mim mesmo, porque preciso fazer um apelo à minha razão. É difícil negar o que vejo. É difícil deixar de correr para aquela caravana que vai passando... ali... veja!

- Imbecil você bem sabe que isso é invenção sua...

- Então não há nada verdadeiro no mundo...

Não há verdadeiro a não ser aquela cruz a vinte quilômetros de mim, sobre uma colina. Aquela cruz ou, talvez, farol...

Mas ali não é a direção do mar. Então é uma cruz. Passei a noite estudando a carta. Meu trabalho foi inútil porque ignorava minha posição. Mas em me detinha, no mapa, em todos os sinais que indicavam a presença do homem. E num lugar qualquer descobri um pequeno círculo encimado por uma cruz. Uma cruz igual àquela... Lembro-me do que estava escrito por baixo: ESTABELECIMENTO RELIGIOSO. Ao lado dessa cruz vi um ponto negro, e ali estava escrito: POÇO PERMANENTE. Recebi um grande abalo no coração e li mais alto: "Poço permanente... Poço permanente..."

Poço permanente...!” Ali Babá e seus tesouros – que vale tudo isso em face de um poço permanente? Um pouco mais longe notei dois círculos brancos. Li por baixo: “Poço temporário”. Isso já era menos belo. Depois, em volta, não havia mais nada. Nada.

E lá está o estabelecimento religioso! Os monges ergueram aquela grande cruz sobre a colina para chamara os naufragos! E tudo que tenho a fazer é caminhar ate lá. Correr para aqueles dominicanos...

- Mas na Líbia só há mosteiros coptas!

-... para aqueles dominicanos estudiosos. Eles possuem uma bela cozinha muito fresca, com ladrilhos vermelhos e, no pátio, uma bomba enferrujada. Sob a bomba enferrujada, você sabe... sob a bomba enferrujada há o poço permanente! Ah, vai ser uma festa lá, quando eu bater à porta, quando eu bater a grande sineta...

- Imbecil você esta descrevendo uma casa da Provença onde aliais, não há nenhuma sineta...

-... quando eu bater a grande sineta! O porteiro erguera os braços para os céus gritando para mim: “Sois um enviado do Senhor!” e chamara todos os monges. E eles virão correndo. E me farão festas como a um menino pobre. E me levarão para a cozinha, e me dirão: “Um segundo, meu filho... vamos aqui ao poço permanente...”.

E eu tremerei de felicidade...

Mas não, não quero chorar, e o motivo é bem simples: já não há mais nenhuma cruz no alto da colina.

As promessas do oeste são simples mentiras. Volto-me para o norte. O norte, pelo menos, esta cheio de cantos do mar.

Agora, passando neste cimo, o horizonte se abre.

Eis a mais bela cidade do mundo.

- Você sabe muito bem que é miragem...

Mas, Sei muito bem que é miragem. Ninguém me engana, a mim. E se eu quero, eu, caminhar para miragem? E se eu quero ter esperança?

E se eu quero amar aquela cidade com suas ameias, aquela cidade toda embandeirada ao sol? E se eu quero marchar bem para frente, em passos ágeis, já que não sinto mais a fadiga, porque sou feliz? Prevot e seu revolver... ah, eu me rio deles! Prefiro minha embriaguez. Estou embriagado. Morro de sede!

O crepúsculo me devolve a lucidez. Paro bruscamente, horrorizado de me sentir tão longe. Ao crepúsculo a miragem morre. O horizonte desnudou-se de suas pompas, de suas vestes sacerdotais. É o horizonte do deserto.

- Você avançou demais! A noite vem aí, você vai ter que esperar o dia, e amanhã os traços já terão se apagado na areia, e você...

- Então é melhor seguir reto em frente...

Para que fazer meia-volta? Vou voltar logo agora, quando talvez vá abrir os braços para o mar?

- Onde foi que você viu o mar? Não chegara a ele nunca. Pelos menos trezentos quilômetros de distancia...

E Prevot esta vigilante junto ao Simoun. Talvez tenha sido visto por uma caravana...

Sim, eu vou voltar, mas primeiro quero chamar aqueles homens:

- Olá!

Oh, Deus afinal este planeta é habitado...

- Olá! Homens!

Estou rouco. Não tenho mais voz. Sinto o ridículo de gritar assim... Grito ainda uma vez:

- Homens!

Isso tem um som patético e pretencioso.

Faço meia-volta.

Depois de duas horas de caminhada vejo as chamas da fogueira que Prevot fez, assustado por eu ter me perdido. Ah, isso me é tão indiferente...

Mais uma hora de marcha... Mais quinhentos metros... Mais cem metros... Mais cinquenta.

- Ah!

Detenho-me estupefato. A alegria me inunda o coração com uma violência que preciso conter. Prevot, iluminado pelas chamas, conversa com dois árabes que estão encostados ao motor. Ainda não me viu; este demasiado entretido em sua própria alegria. Ah, se tivesse ficado esperando como ele... já estaria livre desse tormento. Grito alegremente:

- Olá

Os dois beduínos se assustam e me olham. Prevot deixa-os e vem sozinho ao meu encontro. Abro os braços. Prevot me sustenta pelos cotovelos, como se eu fosse cair.

Exclamo:

Ah, enfim!

- O que?

- Os árabes!

- Que árabes?

- Os árabes que estão aí, com você!

Prevot me olha de maneira estranha e tenho a impressão de que me confia, conta a vontade, um segredo terrível:

- Não há nenhum árabe...

Desta vez, sem dúvida eu vou chorar.

Vive-se dezenove horas sem água. Que bebemos desde ontem à noite? Algumas gotas de sereno, pela madrugada. Mas o vento nordeste continua soprando e ele torna um pouco mais lenta a nossa evaporação. Ele também ajuda a erguer no céu essas altas construções de nuvens. Ah! Se elas descessem até nós se chovesse! Mas não chove nunca, no deserto.

- Prevot, vamos cortar os gomos de um paraquedas. Estenderemos os panos no chão, prendendo as pontas com pedaços

de pedras. Se o vento não virar, de manhã podemos colher o orvalho. A gente torce os panos em um reservatório de gasolina...

Alinhamos seis panos brancos sob as estrelas. Prevot desmantelou um dos reservatórios. Só temos que esperar a manhã.

Remexemos os destroços. Prevot achou uma laranja. Nos a repartimos. Isso para mim é uma grande acontecimento. Entretanto é bem pouco quando precisamos de vinte litros de água...

Deitado junto ao nosso fogo noturno contemplo a fruta luminosa e digo a mim mesmo: “Os homens não sabem o que é uma laranja...” Digo também: “Estamos condenados, mas agora também essa certeza me estraga o prazer. Esta metade de laranja, que tenho na mão é uma das maiores alegrias de minha vida...” Estico-me de costas, chupo minha fruta, conto as estrelas cadentes. E aqui estou, por um minuto, infinitamente feliz. Penso ainda: “Não podemos compreender o mundo em que vivemos se nos mesmos não estamos encerrados nele”. Só hoje compreendo o cigarro e o copo de rum do condenado à morte. Não concebia como ele podia aceitar essa miséria. Contudo se sente nisso um grande prazer. A gente pensa que ele é corajoso porque sorri. Mas ele sorri porque bebe seu rum. Não sabemos que ele mudou de perspectiva e que fez, dessa hora derradeira, uma vida humana.

Recolhemos uma enorme quantidade de água: dois litros, talvez. Acabada a sede! Estamos salvos! Vamos beber!

Encho, no reservatório uma canequinha de estanho. Mas a água é de um belo verde-amarelado. Bebendo o primeiro gole sinto um gosto tão ruim que, apesar da sede que me atormenta, suspendo a respiração antes de acabar esse gole. Eu beberia lama agora, mas esse gosto de metal envenenado é mais forte que a sede.

Vejo Prevot, que olha em volta de si o chão, como se procurasse alguma coisa. De repente ele se inclina e vomita, sem para de fazer voltas. Trinta segundos mais tarde é a minha vez. Sinto tais convulsões que tomo de joelhos, com os dedos enterrados na areia. Não falamos e durante quinze minutos ficamos assim, sacudidos, vomitando um pouco de bÍlis.

Acabou. Sinto apenas uma leve náusea. Mas perdemos a ultima esperança. Ignoro se o fracasso foi devido ao revestimento do paraquedas ou ao deposito de tetracloreto de carbono no fundo de reservatório. Precisaríamos de outros panos ou de outro reservatório.

Agora, aviemmo-nos! Já é dia. A caminho! Vamos fugir deste platô maldito e marchar a passos largos, sempre para frente, ate cair.

É o exemplo de Guillaument que eu sigo; tenho pensado muito nele desde ontem. Desrespeito a palavra de ordem formal, que é permanecer junto ao avião. Ninguém nos procurara mais aqui!

Ainda uma vez descobrimos que não somos nos os náufragos. Os náufragos são os que esperam! Aqueles que o nosso silencio ameaça. Aqueles que já estão feridos por um abominável erro. Não podemos deixar de corre para eles. Guillaument também, de volta dos Andes, contou-me que corria para socorrer náufragos! É uma verdade universal.

- Se eu fosse sozinho no mundo – diz Prevot – eu me deitaria.

E marchamos direto para nosso nor-nordeste. Se já havíamos transposto o Nilo estamos penetrando a cada passo, cada vez mais profundamente, no fundo do deserto da Arábia.

Daquele dia de caminhada não me lembro mais. Lembro-me apenas da pressa. Minha pressa para não importa o que, minha pressa para a queda na areia. Lembro-me também de haver

caminhado olhando o chão, para não ver miragens. De tempos em tempos retificávamos pela bússola nossa direção. Às vezes também deitávamos um pouco, para respirar. Joguei não sei onde minha capa de borracha que levava para a noite. Não sei mais nada. Minhas lembranças só se reatam com a frescura da tarde. Eu me sentia como feito de areia, e tudo em mim era apagado.

Ao crepúsculo resolvemos acampar. Bem sei que deveríamos continuar andando: essa noite sem água nos liquidara. Mas trouxemos conosco os panos do paraquedas> Se não é neles que está o veneno pode ser que amanhã tenhamos alguma coisa para beber. É preciso estender mais uma vez na areia as nossas armadilhas de pegar orvalho – e mais uma vez esperar sob as estraladas.

Para o norte o céu, esta noite, está limpo de nuvens. O vento mudou de gosto. Mudou também de direção. Já sentimos o sopro quente do deserto. É o despertar da fera. Sinto que ela nos lambe as mãos, o rosto...

Se continuar andando não farei mais dez quilômetros. Em três dias, sem beber, já fiz mais de cento e oitenta...

No momento de fazer alto, porém, Prevot diz:

- Juro que é um lago!
- Você está louco!

- Há esta hora, no crepúsculo, aquilo pode ser miragem?

Não respondo nada. Há muito tempo renunciei a crer nos meus olhos. Talvez não seja miragem; será uma invenção de nossa loucura. Como é que Prevot ainda pode acreditar? Ele se obstina:

- Esta ali, há vinte minutos, vou ver...

Essa teimosia me irrita:

- Va ver, vá, vá tomar um pouco de ar... é muito bom para saúde! Mas fique sabendo: se esse seu lago existe ele é salgado, esta ouvindo?

Salgado ou não, ele que vá para o diabo que o carregue. E, além disso, ele não existe, esta ouvindo?

Prevot, de olhos fixos, já vai se afastando. Conheço essas atrações soberanas. E penso: “Há sonâmbulos que vão se lançar diretamente sob as locomotivas”. Sei que Prevot não voltara. A vertigem do deserto o empolga, ele não poderá fazer meia-volta. Ele morrera do seu lado e eu do meu. E tudo isso tem tão pouca importância!

Sei que não é bom augúrio esta indiferença que agora me veio. Quando estava meio afogado senti a mesma paz. Mas aproveitei para escrever uma carta póstuma, estendido com o ventre sobre as pedras. Minha ceata é muito bonita. Muito digna. Nela eu dou sábios conselhos. Experimento, lendo-a, um vago prazer de vaidade. Dir-se-á dela: “Que bela carta póstuma! Que pena ele ter morrido!”.

Penso em minha situação. Experimento formar um pouco de saliva. Há quantas horas não cuspo? Não tenho mais saliva. Se fico com a boca fechada, alguma coisa viscosa me fecha os lábios. Esse visgo seca e endurece pelo lado de fora. Entretanto, ainda posso deglutir. E meus olhos ainda não se enchem de luz. Quando esse radioso espetáculo me for oferecido terei apenas duas horas de vida.

É noite. A lua cresceu desde a primeira noite. Prevot não volta. Estendo-me de costas e rumino essas evidências> Descubro em mim uma velha impressão. Procuro defini-la. Estou... Estou... Estou a bordo de um navio! Ia para América do Sul e me deitei assim, de

costas, na coberta. A ponta do mastro passeava lentamente entre as estrelas. Aqui não há nenhum mastro, mas assim mesmo estou a bordo e sou levado para um destino que não depende mais de meus esforços. Piratas negreiros lançaram-me, todo amarrado, sobre esse navio.

Penso em Prevot, que não volta. Não o ouvi se lamentando uma só vez. E foi muito bom. Teria sido insuportável para mim ouvir gemidos. Prevot é um homem.

Ah! Lá está ele agitando sua lanterna a quinhentos metros de mim. Perdeu o caminho de volta! Não tenho mais lanterna para lhe responder. Levanto-me, grito, mas ele não ouve...

Uma segunda lanterna se acende a duzentos metros da sua, e logo depois uma terceira. Meu Deus estão dando uma batida, estão me procurando! Grito:

- Olá!

Mas eles não ouvem.

As três lanternas continuam fazendo sinais, chamando. Eu não estou louco, esta noite. Sinto-me bem. Estou em paz. Olho com atenção. Há três lâmpadas a quinhentos metros.

- Olá!

Mas continuam sem me ouvir.

Então sou presa de um curto pânico. A única vez que experimentei pânico. Ah! Eu ainda posso correr. “Esperem... Esperem...” Eles vão fazer meia-volta! Vão se afastar, vão procurar por outro lado, e quanto a mim eu vou cair! Vou cair no limiar da vida, quando ela abrir os braços para me receber...

- Olá! Olá!

- Olá!

Ouviram-me, Já não posso respirar, sinto uma sufocação, mas corro, corro ainda. Corro na direção do grito: “Olá!”, vejo Prevot e caio.

- Ah! Quando eu vi todas essas lanternas...

- Que lanternas?

É verdade, ele esta sozinho.

Desta vez não sinto nenhum desespero, mas uma cólera surda.

- E o seu lago?

- Ele ia se afastando quando eu avançava. Andei para ele durante meia hora. No fim de meia hora ele estava longe demais. Voltei. Mas agora tenho certeza de que é um lago...

- Você esta doido, completamente doido. Ah, porque foi que você fez isso? Por quê?

Que foi que ele fez? E porque o fez? Tenho vontade de chorar de indignação, e entretanto não sei por que estou indignado. Prevot me explica com uma voz estrangulada:

- Eu queria tanto achar agua... Seus lábios estão brancos!

Ah! Minha cólera cede... Passo a mão pela testa, como se despertasse, e me sinto triste. E conto lentamente:

_ Eu vi, como estou vendo você, eu vi claramente, sem engano possível, três luzes... Juro a você que vi, Prevot!

Prevot se cala um momento:

- É... confessa finalmente – isso vai mal.

O chão irradia seu calor depressa nessa atmosfera sem vapor d'água. Já faz frio. Levanto-me e ando. Mas logo sou presa de um insuportável tremor. Meu sangue desidratado circula muito mal. Um frio gelado penetra em mim, que não é apenas frio da noite. Bato os dentes e sinto calafrios. Não posso mais me servir da lanterna elétrica: minha mão treme demais. Nunca fui muito sensível ao frio. Contudo vou morrer de frio. Que estranho efeito da sede!

Deixei cair não sei onde minha capa de borracha, cansado de carrega-la com o calor do dia. E o vento piora pouco a pouco. Descubro que no deserto não há refugio nenhum. O deserto é liso como mármore. Durante o dia ele não forma sombra e, à noite, nos entrega nus ao vento. Nem arvore, nem um barranco, nem uma pedra onde me possa abrigar. O vento me acomete com a fúria de uma cavalaria em campo raso. Dou voltas para fugir. Deito-me, levanto-me. Deitado ou em pé estou sujeito a esse chicote de gelo. Não posso correr, não tenho mais forças, não posso mais fugir dos assassinos e caio de joelhos na areia, com a cabeça entre as mãos!

Só um pouco mais tarde percebo o que fiz: levantei-me e ando para frente, sempre tiritando. Onde estou? Ah, eu acabo de partir, ouço um grito de Prevot! Foram esses gritos que me despertaram...

Volto para ele, sempre agitado pelo tremor, pelo soluço do corpo inteiro. E digo para mim mesmo: “Não é o frio. É outra coisa; é o fim”. Já estou desidratado demais. Andei tanto, anteontem e ontem, quando ia sozinho...

Isso me faz pena, morrer de frio. Preferia minhas miragens anteriores. Aquela cruz, aqueles árabes, aquelas lanternas. Afinal,

aquilo começava a me interessar. Não posso ser flagelado como um escravo...

Estou ainda de joelhos.

Trouxemos uma pequena farmácia. Cem gramas de éter puro, cem gramas de álcool a noventa graus e um vidro de iodo. Experimento beber dois ou três goles de éter puro. É como se engolisse facas, Depois um pouco de álcool a noventa graus, mas isso me fecha a garganta.

Cavo um buraco no chão, deito-me e me cubro de areia. Só minha cara aparece. Prevot, não sei como, acendeu um fogo, mas as chamas não custarão a se apagar. Prevot recusa-se a se enterrar na areia. Prefere bater os pés para espantar o frio. Prevot não tem razão.

Minha garganta continua fechada. É um mau sinal, mas eu me sinto melhor. Sinto-me calmo, muito ale de qualquer esperança. La vou eu, contra a vontade, em minha viagem, amarrado na coberta do navio negreiro, sob as estrelas. Mas talvez não seja muito desgraçado...

Não sinto mais frio, desde que não mova nenhum musculo. Esqueço então o corpo adormecido sob a areia. Não me mexerei mais, e assim jamais voltarei a sofrer. De resto, na verdade, o sofrimento é bem pequeno... Há, atrás de todos esses tormentos, a orquestração da fadiga e do delírio. E tudo se transforma em um livro de figuras, em um conto de fadas um pouco cruel. Agora mesmo o vento me perseguia correndo, e para fugir a ele dava voltas como um bicho. Depois sentia dificuldade em respirar: um joelho pesava sobre meu peito. Um joelho. E eu me debatia contra o peso de um anjo. Nunca estive sozinho no deserto. Agora que não creio mais em nada que me cerca retiro-me em mim mesmo, fecho os

olhos, não movo uma sobrancelha sequer. Toda essa torrente de imagens me leva, eu o sinto, para um sonho tranquilo: os rios se fazem calmos na espessura do mar.

Adeus ó vós que eu amei. Não é minha culpa se o corpo humano não pode resistir a três dias sem água. Não me sabia assim prisioneiro das fontes. Não suspeitava ter uma tão curta autonomia. A gente pensa que o homem pode ir andando para a frente. Pensa que o homem é livre... Não se vê a corda que o prende ao poço, que o prende, como um cordão umbilical, ao ventre da terra. Se dá um passo a mais, morre.

Além de vosso sofrimento não lamento mais nada. Bem feitas as contas, tive a melhor parte. Nas cidades não há mais vida humana.

Aqui não se trata de aviação. O avião é um meio, não é um fim. Não é pelo avião que se arrisca a vida. Também não é pela charrua que o camponês lavra. Mas com o avião deixamos as cidades e os seus escritórios e recuperamos uma verdade camponesa.

Fazemos um trabalho de homem e temos preocupações de homem. Estamos em contato com o vento, com as estrelas, com a noite, com a areia, com o mar. Lutamos com as forças naturais. Esperamos a aurora como um jardineiro espera a primavera. Esperamos a escala como uma terra prometida, e procuramos a nossa verdade nas estrelas.

Não me lamento. Durante três dias eu caminhei, tive sede, segui pistas na areia, fiz do orvalho da noite a minha esperança de vida. Procurei juntar-me à minha espécie, mas ignoro em que direção da terra ela vive. E tudo isso são preocupações dos vivos.

Não posso deixar de julga-las mais importantes que a preocupação de escolher, à noite, a que *music hall* se deve ir.

Não compreendo mais essas populações dos trens de subúrbio, esses homens que pensam que são homens e que entretanto estão reduzidos, por uma pressão que esses mesmos não sentem, como formigas, ao uso que deles se faz. Como enchem eles, quando estão livres, seus absurdos pequenos domingos?

Uma vez, na Rússia, ouvi tocar Mozart numa fabrica. E escrevi isso. Recebi duzentas cartas de injurias. Nem por isso detesto os que preferem os berros dos cabarés. Eles não conhecem outra musica. Detesto, sim, os proprietários dos cabarés. Detesto os que estragam os homens.

Quanto a mim, sou feliz na minha profissão. Sinto-me um camponês do ar. No trem de subúrbio sofro uma agonia bem mais amarga do que esta. Aqui, feitas as contas, que luxo!

Não me queixo. Joguei, perdi. Faz parte de minha profissão. Mas assim mesmo eu respirei o vento do mar.

Aqueles que o provaram uma vez não esquecem nunca esse alimento. Não é verdade companheiros? E não se trata de viver perigosamente. Esta formula é pretenciosa. Os toureiros não me agradam. Não é o perigo que eu amo. Sei o que amo. É a vida.

Parece que o céu vai clarear. Retiro um braço da areia. Um dos panos estendidos esta ao meu alcance. Palpo-o: esta seco. Esperamos. É pela madrugada que o orvalho desce. Mas a madrugada vai clareando sem umedecer os nossos panos. Então meus pensamentos embrulham e me ouço dizer: “Aqui há um coração seco, um coração seco... um coração seco que não pode mais formar lagrimas!”

- A caminho Prevot! Nossas gargantas ainda não estão fechadas. Precisamos caminhar.

Esta soprando o vento do moeste, que seca o homem em dezenove horas. Meu esôfago ainda não se fechou, mas esta duro e dolorido. Já adivinho alguma coisa que me arranha por dentro. Breve começara a tosse, que já me contaram como é. Espero-a. A língua me incomoda. O mais grave, porem, é que já começo a ver manchas brilhantes. Quando elas se transformarem em chamas, deitarei.

Caminhamos depressa. Aproveitamos a fresca da manhãzinha. Sabemos bem que sob o sol forte não poderemos mais andar. Sob o sol forte...

Não temos o direito de transpirar. Nem o de esperar. Esta fresca é uma fresca de dezoito por cento de humidade. O vento que sopra vem do deserto. E sob sua carícia terna e mentirosa nosso sangue se evapora.

No primeiro dia comemos um cacho de uvas. Nesses três dias a metade de uma laranja e a metade de um bolinho. Com que saliva iríamos mastigar nossa comida? Mas não sinto fome: apenas sede. E parece agora que, mais que sede, sinto os efeitos da sede. A garganta dura. A língua de gesso. A aspereza, o gosto horrível na boca. Essas sensações são novas para mim. Sem duvida a agua as curaria, mas não tenho lembranças que as associem a esse remédio. A sede é cada vez mais uma doença e cada vez menos um desejo.

Parece que as fontes e os frutos me parecem imagens já menos perturbadoras. Esqueço o brilho daquela laranja, como pareço haver esquecido minhas ternuras. Talvez eu já comece a esquecer tudo.

Estamos sentados, MAS É PRECISO PARTIR OUTRA VEZ. Renunciamos às longas etapas. De quinhentos em quinhentos metros desabamos de fadiga. Sinto uma grande alegria ao me estender no chão. Mas é preciso continuar.

A paisagem muda. As pedras se espaçam. Agora caminhamos na areia. A dois quilômetros, em nossa frente, dunas. Nessas dunas, pequenas manchas de vegetação baixa. Prefiro a areia às armaduras de aço. Agora é o deserto louro. O Saara. Creio reconhecê-lo...

Agora temos de parar de duzentos em duzentos metros, exaustos.

- Vamos continuar de qualquer maneira, pelo menos até aqueles arbustos.

É um limite extremo. Outro dia mais tarde, quando passarmos por aqui de carro para procurar o Simoun, verificaremos que esta última tentativa foi de oitenta quilômetros. Quer dizer que já caminhamos perto de duzentos. Como poderia continuar?

Ontem eu marchava sem esperança. Hoje essas palavras perderam o sentido. Hoje caminhamos por caminhar. Como bois no trabalho. Ontem eu sonhava com paraísos de laranjeiras. Hoje não

há mais paraísos para mim. Não creio mais na existência de laranjas.

Não descubro mais nada em mim, a não ser meu coração seco. Vou caí e não sinto mais desespero. Nem mesmo sofro. E isso é triste, porque essa magoa íntima seria doce como água. Às vezes a gente tem piedade de si mesmo e lamenta o próprio destino como se fosse o de um amigo. Mas eu não tenho mais amigos.

Quando me encontrarem, com os olhos queimados, imaginaram que eu gritei muito e sofri muito. Mas os arroubos, as

queixas, a ternura do sofrimento – tudo isso ainda são riquezas. E não tenho mais riquezas. As suaves adolescentes, na noite de seu primeiro amor, sentem uma espécie de tristeza e choram. A tristeza esta ligada aos frêmitos da vida. E não tenho mais tristeza.

O deserto sou eu. Já não formo mais saliva; já não mais formo também as doces imagens pelas quais poderia chorar. O sol secou em mim a fonte das lágrimas.

Entretanto, que foi que percebi? Um sopro de esperança passou por mim como uma lufada no mar. Que sinal é esse que vem me alertar o instinto antes de chegar à consciência? Nada mudou, todavia, tudo esta mudado. Esse lençol de areia, essas dunas e essas leves manchas de verdura não são mais uma paisagem, são um cenário. Um cenário ainda vazio, mas já preparado. Olho Prevot. Sente o mesmo que eu sinto, mas também não compreende.

Juro que vai acontecer alguma coisa...

Juro que o deserto se animou... Juro que essa ausência, que esse silencio é mais comovente que um tumulto na praça publica.

Estamos salvos: há traços na areia!

Ah! Havíamos perdido a pista da espécie humana, isolados da tribo, sozinhos no mundo, esquecidos por uma migração universal – e eis que descobrimos impressos na areia, os passos milagrosos do homem.

- Aqui Prevot, dois homens se separaram...

- Aqui um camelo se ajoelhou...

- Aqui.

Contudo, ainda não estamos salvos. Não nos basta esperar. Dentro de algumas horas já não nos poderão socorrer. A marcha da sede, uma vez começada à tosse, é demasiada rápida. E nossa garganta...

Mas eu creio nessa caravana que marcha em alguma parte do deserto.

Caminhamos ainda e de repente ouvimos o canto de um galo. Guillaument me disse: “No fim eu ouvia cantos de galos nos Andes. E também os ruídos de trem de ferro...”

Lembro-me do que ele contou no instante em que o galo canta e digo comigo mesmo: “A principio foram meus olhos que me enganaram. Isso sem dúvida, é o efeito da sede. Os ouvidos resistiram mais...”

Mas Prevot me segura pelo braço:

- Você ouviu?

- O que?

- O galo!

- Ah! Sim... Então, então...

- Então é certo, imbecil, é a vida!

Tive uma ultima alucinação: três cães me perseguiam. Prevot, que olhou também, não viu nada. Mas estamos os dois estendendo os braços para aquele beduíno. Estamos os dois gritando para ele com as ultimas forças de nossos pulmões. Estamos os dois rindo de felicidade!

As nossas vozes não chegam a trinta metros. As cordas vocais já estão secas. Estivemos falando baixinho um ao outro e nem sequer o notamos!

Mas o beduíno e o seu camelo, que acabam de aparecer detrás de uma colina, já lá se vão afastando lentamente, lentamente. Talvez aquele homem esteja viajando sozinho. Um demônio cruel nos mostrou aquele homem: e agora o afasta... E não podemos mais correr!

Um outro árabe aparece de perfil sobre a duna. Chamamos, mas nossa voz é baixa. Então agitamos os braços e temos a impressão de encher o céu com sinais imensos. Mas o beduíno olha sempre para direita...

Agora, sem pressa, ele passa a olhar para frente. No segundo exato em que ele nos olhar já terá apagado em nos a sede, a morte, as miragens. Ele, que olhava para o outro lado, esta olhando para frente, e isso já transforma o mundo. Com um único movimento de cabeça, com um simples volver de olhos ele cria a vida: é semelhante a um deus...

É um milagre... Ele caminha para nos sobre a areia, como um deus sobre o mar...

O árabe simplesmente nos olhou. Encostou as mãos em nossos ombros e obedecemos. Estendemo-nos por terra. Aqui não há mais raças, nem línguas, nem divisões... Há um nômade pobre que pôs em nossos ombros suas mãos de arcanjo.

Esperamos, com a testa na areia. E agora, estendidos de bruços no chão com a cabeça dentro da bacia, bebemos como animais. O beduíno se assusta e nos obriga a todo o momento a fazer uma

pausa. Mas desde que ele nos larga mergulhamos outra vez o rosto na água.

Água!

Água, não tens gosto, nem cor, nem aroma, não te podemos definir; nos te bebemos sem te conhecer. Não és necessária a vida: és a vida. Tu nos penetra de um prazer que os sentidos não explicam. Contigo voltam a nos todos os poderes a que havíamos renunciado. Pela tua graça se abrem em nos todas as fontes estancadas do coração.

És a maior riqueza do mundo e também a mais delicada, ó tu, tão, pura no ventre da terra. Pode-se morrer sobre uma fonte de água magnesianas. Pode-se morrer a dois passos de um lago de água salgada. Pode-se morrer mesmo possuindo dois litros de orvalho que retém alguns sais em suspensão. Não aceitas mistura, não suportas alteração, ó deusa esquiva.

Mas difundes em nos uma felicidade infinitamente simples.

Quanto a ti que nos salva, beduíno da Líbia, neste momento mesmo que tu te apagas para sempre de minha memória. Não me lembrarei nunca de teu rosto. És o homem e me apareceste com o rosto de todos os homens. Nunca nos viste; mas já nos reconheces. És o irmão bem amado. E eu te reconhecerei em todos os homens.

Tu me apareces banhado de nobreza e benevolência. Grande senhor que tens o poder de dar água. Todos os meus amigos, todos os meus inimigos caminham em ti para mim – e eu não tenho mais um único inimigo no mundo.

OS HOMENS

Mais uma vez andei ao lado de uma verdade sem compreendê-la. Pensei que estava perdido, pensei que havia chegado ao fundo do desespero. E, uma vez aceita a renúncia, conheci a paz. Em horas assim parece que o homem descobre a si mesmo e se torna seu próprio amigo. Nada mais prevalece contra um sentimento de plenitude que satisfaz em nos não sei que necessidade essencial que nos nem sabíamos possuir. Imagino que Bonnafous, perseguidor de ventos, conheceu essa serenidade. E Guillaument também, na neve. Eu, por mim, não sei como poderia esquecê-la; enterrado na areia ate nunca, lentamente estrangulado pela sede, senti esse calor no coração, sob minha pelerine de estrelas.

Como favorecer em nos esse espécie de libertação? Tudo é paradoxal no homem, já o sabemos. Asseguramos o pão a um homem para que ele possa criar alguma coisa – e lê se põe a dormir. O conquistador vitorioso amolece. E se enriquecemos o generoso se torna avarento. Que nos importam as doutrinas políticas que pretendem elevar o homem se, para começar, não sabemos que tipo de homem elas elevarão na terra? Quem vai nascer? Não somos um rebanho na engorda. E a aparição de um Pascal pobre pesa mais que o nascimento de alguns anônimos prósperos.

Não sabemos prever o essencial. Cada um de nos conheceu as alegrias mais ardentes onde nada as prometia: elas deixaram em nos tal nostalgia, que temos saudades ate de nossa misérias, se foram nossas misérias que as permitiram. Nos todos, ao encontrar depois de algum tempo os companheiros, sentimos o encanto de relembrar as horas amargas.

Nada sabemos, a não ser que há certas condições que nos fertilizam. Onde reside a verdade do homem?

A verdade não é o que se demonstra. Se nesta terra, e não em outra, as laranjeiras lançam solidas raízes e se carregam de frutos, essa terra é a verdade das laranjeiras. Se esta religião, esta cultura, esta escala de valores, esta forma de atividade, e não outras, favorecem no homem sua plenitude, libertam nele o grande senhor que se ignorava, esta escala de valores, esta cultura, esta forma de atividade são a verdade do homem. E a lógica? Ela que se arranje para tomar conhecimento da vida.

Ao longo desse livro, citei alguns que obedeceram, parece uma vocação soberana; que escolheram o deserto e a linha como outros teriam escolhido o convento. Mas terei sido infiel ao meu fim se vos levei em primeiro lugar a admirar o homem. O que antes de tudo é admirável é o terreno em que eles se desenvolveram.

Sem dúvida as vocações tem um papel. Uns se encerram em lojas. Outros abrem seu caminho imperiosamente, em uma direção necessária: nos acharemos em germe, em sua infância, os impulsos que explicaram seu destino. Mas a História, escrita depois, engana. Aqueles impulsos nos encontramos em quase todos os homens.

Todos conhecemos lojistas que, durante uma noite de naufrágio ou de incêndio, se revelaram maiores que eles próprios. E eles não desprezam essa plenitude que experimentaram: aquele incêndio ficara sendo à noite por excelência de suas vidas. Mas por falta de novas oportunidades, por falta de terreno favorável, de religião exigente, voltarão a dormir sem ter acreditado na própria grandeza. Certamente as vocações ajudam o homem a se libertar: mas é igualmente necessário libertar as vocações.

Noites no ar, noites do deserto... São ocasiões raras que não se oferecem a todos os homens. Entretanto, quando as circunstâncias os animam, eles mostram todas as mesmas necessidades. Não me afastarei do meu assunto contando uma noite de Espanha, que me ensinou algumas coisas. Falei demasiado de alguns, e gostaria de falar de todos.

Foi na frente de Madri, que eu visitava como repórter. Jantei, naquela noite, no fundo de um abrigo subterrâneo, à mesa de um jovem capitão.

Estamos conversando quando toca o telefone. Há um longo diálogo. trata-se de um ataque local. O posto de Comando mandou a ordem. É um ataque absurdo e desesperado que deve tomar, neste subúrbio operário, algumas casas transformadas em fortalezas de cimento. O capitão dá os ombros e volta para o nosso lado: “Os que forem na frente...” Empurra um copo de conhaque para um sargento que está conosco e outro para mim. Diz ao sargento: - Você vai na frente comigo. Beba isso e vá dormir. O sargento foi dormir. Em volta da mesa ficamos uns doze homens acordados. Neste antro bem calafetado, de onde não se filtra nem um raio de luz lá para fora, a claridade é tão dura que me arde nos olhos. Há cinco minutos espiei por uma seteira. Erguendo o pedaço de pano que cobre a abertura vi lá fora, mergulhadas num luar de abismo, ruínas de casas mal-assombradas. Quando repus o pano no lugar tive a impressão de estar enxugando aquele luar que parecia um óleo a escorrer. E agora conservo nos olhos a imagem das glaucas fortalezas.

Estes soldados sem duvida não voltarão ao ataque. Mas eles se calam, por pudor. O assalto é uma ordem. O comando lança mão de um deposito de homens. De um celeiro de trigo. Joga um punhado de grãos para sementeira.

Bebemos nosso conhaque. À minha direita jogam uma partida de xadrez. A minha esquerda contam anedotas. Onde estou? Um homem, meio bêbado, aparece. Passa a mão pela barba hirsuta e rola por nos seus olhos ternos. Se olhar escorrega pelo conhaque, gira, volta ao conhaque, vira-se suplicante, para o capitão. O capitão ri baixinho. O homem esperançado ri também. E os espectadores começam a rir. O capitão recua vagarosamente a garrafa. O olhar do homem se enche de desespero. E um jogo pueril se inicia assim, uma espécie de bailado silencioso que, com a espessa nuvem dos cigarros, o cansaço da vigília e a imagem do ataque próximo, parece um sonho.

E nos jogamos, encerrados no calor do porão de nosso navio, enquanto lá fora as explosões que aumentam parecem grandes murros do mar no casco da embarcação.

Estes homens se purificarão muito breve do suor, da sujeira, caindo no grande banho acido da noite de guerra. Eu os sinto na eminencia de ser purificados. Mas eles dançam ainda, enquanto podem dançar o bailado do bebedor e da garrafa. Continuam enquanto podem continuar a partida de xadrez. Fazem durar a vida enquanto podem viver. Mas puseram um despertador sobre a mesa. E esse despertador soara. Então os homens se erguerão estirando os membros e afivelando os cinturões. O capitão destravara o revolver. O bêbado ficara lucido. Seguirão, sem demasiada pressa, por aquele corredor que sobe suavemente ate um retângulo azulado pelo luar.

Dirão alguma coisa de simples como “Que ataque do diabo...! Ou “Esta frio”!” E mergulharão na noite.

Quando chegou a hora assisti ao despertar do sargento. Ele dormia esticado em uma cama de ferro, esticado entre os escombros de uma adega. Contemplei-o dormindo. Parecia-me conhecer o gosto daquele sono sem angústia, daquele sono feliz. Lembrei-me daquela primeira noite na Líbia quando Prevot e eu, sem água e condenados, antes de começar a sentir muita sede, podemos dormir uma vez, uma só vez durante duas horas> Quando adormeci tive o sentimento de um poder admirável: o poder de recusar o mundo presente. Proprietário de um corpo que ainda me deixava em paz, nada diferenciava para mim, desde que meti a cabeça entre os braços, àquela noite de uma noite feliz.

O sargento dormia enroscado, sem forma humana. Quando os que vieram acordar acenderam uma vela no gargalo de uma garrafa, só distingi a principio, destacando-se daquela massa informe, as botinas. Enormes botinas com traves de ferro e pontas de prego, botinões de operário, de estivador.

Aquele homem calçava instrumentos de trabalho e todo seu corpo estava cheio de instrumentos: cartucheiras, revolveres, correias, cinturão. Tinha a albarda, o peitoral, todo o arreio de um cavalo de carroça. No fundo dos subterrâneos, em Marrocos, a gente vê cavalos cegos arrastando pedras. Aqui sob a luz tremula e avermelhada da vela, estão despertando também um cavalo cego para ir puxar suas pedras.

- Eh, sargento!

El se mexeu lentamente, mostrando a cara ainda dormindo, resmungando não sei o quê. Mas se virou de novo contra a parede,

não querendo despertar, mergulhando nas profundezas do sono como na paz do ventre materno, como no fundo de águas escuras, agarrando-se com as mãos, que abria e fechava, a não sei que algas negras. Foi preciso puxá-lo pelas mãos. Sentamos na cama dele e um de nós, sorrindo, passou-lhe o braço pelo pescoço e ergueu aquela pesada cabeça. Era como a doçura dos cavalos que acariciam roçando o pescoço, ao bom calor de um estabulo. “Eh, companheiro!” Nunca vi, na minha vida, um momento de tanta ternura. O sargento fez um último esforço para voltar ao seu sonho feliz, para recusar nosso universo de dinamite, de cansaço, de uma noite gelada; mas era tarde. De fora alguma coisa se impunha, destruía seu sono. Assim a sinete do colégio, nos domingos, desperta lentamente o menino punido. Ele esqueceu já a carteira, o quadro-negro, a tarefa de castigo. Sonha com as brincadeiras no campo. Em vão. A sineta bate sempre e o arrasta inexorável, para o mundo injusto dos homens. Como ele, o sargento ia pouco a pouco reassumindo a direção de seu corpo doído de cansaço, aquele corpo de que não queria saber e que, no frio do despertar, iria conhecer muito breve as tristes dores nas juntas, depois o peso do equipamento, depois uma corrida incomoda depois a morte. Não tanto a morte como o sangue viscoso em que se sujam as mãos num esforço para levantar-se; e a respiração difícil, e o gelo em volta; não tanto a morte, como o desconforto de morrer. Olhando-o, eu ainda pensava na desolação de meu próprio despertar, na volta da sede, do sol, da areia, na volta da vida – este sonho que não se escolhe.

Mas agora ele está de pé e nos olha de frente:

- Esta na hora?

É aí que o homem aparece. É aí que ele escapa às previsões da lógica: o sargento sorri! Que tentação é essa que ele sente? Lembro-

me de uma noite de Paris em que Mermoz e eu, tendo festejado, com alguns amigos, o aniversário não sei de quem, nos encontramos de madrugada na porta de um bar, enjoados de haver falado tanto, de haver bebido tanto, de estar inutilmente tão cansados. O céu já começava a empalidecer, e Mermoz me apertou o braço com tanta força que senti suas unhas: “Há essa hora em Dacar, hem?...” Era hora em que os mecânicos esfregavam os olhos e retiravam a cobertura das hélices, em que o piloto vai consultar o meteorologista, em que a terra só é povoada pelos companheiros. Já o céu começava a se colorir, já se preparava a festa – mas para outros. Já naquele momento, se estendia a toalha para um banquete de que não seríamos convivas. Outros iriam se arriscar...

“Aqui, nessa sujeira...” – conclui Mermoz.

E você, sargento, que banquete era esse a que você fora convidado, que banquete era esse pelo qual valia a pena morrer?

Eu já havia recebido suas confissões. Você me contou sua história: pequeno empregado de um escritório qualquer de Barcelona, alinhava algarismos sem se preocupar muito com as divisões políticas de sua pátria. Mas um companheiro se alistou, depois um segundo, depois um terceiro. E você sofreu com surpresa uma estranha transformação: suas preocupações, pouco a pouco, lhe pareceram fúteis. Seus prazeres, seus cuidados, seu pequeno conforto, tudo isso era outro tempo. Não era ali que estava o importante da vida. Afinal, veio a notícia da morte de um de seus companheiros perto de Málaga. Não era um amigo que você tivesse vontade de vingar. Quanto à política, ela nunca o havia preocupado. Entretanto, aquela notícia passou por você e pelo seu destino estreito como uma lufada de vento do mar. Um companheiro lhe perguntou naquela manhã:

- Vamos?

E você foi.

- Vamos

E você foi.

Essa verdade que você não soube traduzir em palavras, cuja evidencia o orientou, eu tenho algumas imagens para explica-la.

Na época das migrações, a passagem dos patos selvagens provoca surpreendentes efeitos nas terras que eles atravessam. Os patos domésticos, como que atraídos pelo grande voo triangular, ensaiam pulos desajeitados. O apelo selvagem despertou neles não sei um vestígio selvagem. Eis os patos da fazenda transformados por minuto em aves de arribação. Naquelas pequenas cabeças duras em que circulavam apenas as imagens humildes de um brejo, de uns vermes, de um galinheiro, desenrolam-se amplidões continentais, o gosto dos ventos do largo, a geografia dos mares. O animal ignorava que seu cérebro fosse bastante vasto para conter tanta maravilha. Mas agora esta batendo as asas, e despreza os vermes, despreza o milho, quer se transformar em pato selvagem.

Mas revejo principalmente as minhas gazelas; criei gazelas em Juby. Nos todos lá criamos gazelas. Ficavam presas num cercado de arame, ao ar livre, porque as gazelas precisam da agua corrente dos ventos e nada as supera em fragilidade. Prisioneiras desde pequeninas, elas se criam e comem na mão da gente. Deixam-se acariciar e metem o focinho úmido nas palmas de nossas mãos. Então pensamos que já estão domesticadas. Pensamos que já estão livres da tristeza misteriosa que consome em silencio as gazelas e lhes da a mais terna das mortes... Mas vem um dia que vamos encontra-las apoiando seus pequenos cornos contra a grade, na

direção do deserto. Estão hipnotizadas. Nem sequer sabem que querem fugir de3 nos. Bebem o leite que lhes damos. Deixam-se acariciar e metem ainda mais ternura, os focinhos úmidos nas palmas de nossas mãos. Mas logo as deixamos, depois de uma ligeira corrida que parece alegre, voltam para cerca. Se não interviermos permanecem ali, nem ao menos tentando lutar contra a barreira, mas apenas apoiando nelas seus pequenos cornos. E ficam assim, com o pescoço curvado, ate morrer. É a estação dos amores que chegou ou apenas a necessidade de galopar ate perder o folego? Elas o ignoram. Seus olhos ainda estavam fechados quando foram presas. Ignoram tudo da liberdade na areia e do cheiro do macho. Mas nos somos mais inteligentes que elas. O que elas procuram – nos o sabemos – é a imensidão que as completara. Querem se tornar gazelas e dançar a sua dança. A cento e trinta quilômetros por hora querem a fuga retilínea, cortada de desvios bruscos como se escapassem de chamas na areia. Pouco importa os chacais, se a verdade das gazelas é gozar o medo. O medo que as torna maiores que si mesmas, que as obriga aos saltos mais altos! Que importa o leão, se a verdade das gazelas é serem abertas por uma patada, sob a luz do sol! Olhando-as, a gente imagina: elas sentem nostalgia. Nostalgia é o desejo não se sabe de que... Ele existe, o objeto desse desejo, mas não há palavras para dizê-lo...

E a nos, que falta?

Que encontraria você aqui, sargento, que lhe dava esse sentimento de não estar traindo o seu destino? Talvez esse braço fraternal que ergueu sua cabeça adormecida, talvez esse sorriso cheio de ternura que não lamentava, mas participava. “Eh, companheiro...” Lamentar é ser dois ainda. E ainda estar divididos. Mas existe uma altitude de relações onde o reconhecimento perde,

como a piedade, todo o sentido. É lá que se respira como um prisioneiro libertado.

Conhecemos esta união quando traspúnhamos por equipes de dois aviões, um rio do Ouro ainda insubmisso> Nunca ouvi o naufrago agradecer ao salvado. O mais das vezes a gente se insultava enquanto ia carregando penosamente os sacos postais de um avião para outro: a culpa é sua, com essa sua mania de voar a dois mil metros, com o vento pela cara! Se você tivesse querido voar mais baixo, há esta hora a gente já estaria em Port-Étienne! ”E o outro, que oferecia a sua vida para salvar a nossa, quase se convenciu de que era mesmo um idiota”. Por que deveríamos agradecer de resto? Pela nossa vida? Ele também tinha direito sobre ela. Éramos galhos de uma mesma árvore. E eu sentia orgulho de ti, que me salvavas!

Esse companheiro que o preparava para morte, sargento, porque haveria ele de ter pena de você? Vocês se arriscam uns pelos outros> Nestes minutos descobre-se uma unidade que não precisa de palavras. Compreendo porque você veio para guerra. Em Barcelona você se sentia pobre talvez sozinho depois do trabalho. Aqui seu corpo não tem descanso, você goza o sentimento de se completar, você atinge o universal. Aqui você, o pária, é recebido pelo amor. Pouco se me dá saber se eram sinceras ou não, verdadeiras ou não, as palavras dos políticos que germinaram dentro de você. Se elas foram aceitas por você e germinaram como sementes germinam, é que satisfaziam as suas necessidades. Só você é juiz. São as terras que sabem reconhecer o grão do trigo.

Mas na véspera do dia em que, por sua vez, se preparavam para atacar o posto, eles mandam emissários ao capitão:

- Naquela tarde nos te ajudamos...

- É verdade.

- Queimamos por tua causa uns trezentos cartuchos...

- É verdade

- Seria justo que nos devolvessem esses cartuchos.

E o capitão, grande senhor, não pode explorar uma vantagem que tiraria a nobreza do inimigo. Entregalhes os cartuchos que usarão contra ele.

A verdade para um home é que faz dele um homem. Quando um homem que conheceu essa dignidade de relações, essa lealdade no jogo, esse dom mutuo de uma estima em que se empenha a vida, compara essa elevação a facilidade mediocre do demagogo que exprime sua fraternidade aos mesmos árabes com grandes tapas nas costas adulando-os, mas ao mesmo tempo os humilhando, esse homem, se acaso não concordais com ele, sentirá de vos uma piedade um pouco desdenhosa. E terá razão.

Mas vos tereis igualmente razão de odiar a guerra.

Ligados pelos nossos irmãos por um fim comum que se situa fora de nos, só então respiramos. **A experiência mostra que amar não é olhar um para o outro, mas olhar juntos na mesma direção.** Só há companheiros quando os homens se unem na mesma escalada para o mesmo pico, onde se encontram. Não fosse isso, porque razão, no próprio século do conforto, sentiríamos uma alegria tão plena repartindo nossos últimos viveres no deserto? Que

valem, contra isso, as previsões dos sociólogos? A todos aqueles dentro de nos que conheceram a grande alegria de um salvamento no Saara, todo outro prazer parece fútil.

É talvez por isso que o mundo hoje começa a rachar-se em nossa volta. Cada um se exalta pelas religiões que prometem essa plenitude. Todos sob palavras contraditórias, exprimem os mesmo impulsos. Dividimo-nos por causa de métodos que são frutos do nosso raciocínio, e não por causa de fins: esse são os mesmos.

Assim, não nos admiremos. Quem não suspeitava do desconhecido que dormia dentro de si e o sentiu despertar uma só vez num porão de anarquistas, em Barcelona, por causa do sacrifício, da ajuda mutua de uma imagem rígida de justiça – este só conheceu uma verdade: a verdade dos anarquistas. E aquele que uma vez montou guarda para proteger um grupo de pequenas freiras aterrorizadas, ajoelhadas à porta de um convento da Espanha, aquele morrerá pela igreja.

Se objetásseis a Mermoz, quando ela mergulhava na vertente chilena dos Andes com sua vitória no coração, que se enganava e que a carta de um negociante não valia a sua vida, ele se riria de vos. A verdade era o homem que nascia quando ele transpunha os Andes.

Se quereis convencer do horror da guerra àquele que não recusa a guerra, não o trateis de bárbaro; procurai compreendê-lo antes de julgá-lo.

Considerai comigo este oficial do sul que comandava, durante a guerra do RIF, um posto avançado, entre duas montanhas de sublevados. Uma tarde, ele recebia os enviados da montanha do oeste para parlamentar. Tomavam chá, como é de praxe – quando rebentou a fuzilaria. As tribos da montanha leste atacavam o posto.

Ao capitão que os expulsava para combater, os parlamentares inimigos responderam: “Hoje somos teus hospedes. Deus não permite que te abandonemos...” E juntaram-se aos outros homens do capitão, salvaram o posto do ataque e subiram outra vez para o seu ninho de águias.

Mas na véspera do dia em que, por sua vez, se preparavam para atacar o posto, eles mandam emissários ao capitão:

- Naquela tarde nos te ajudamos...
- É verdade...
- Queimamos por tua causa uns trezentos cartuchos...
- É verdade.
- Seria justo que nos devolvesse esses cartuchos.

E o capitão, grande senhor, não pode explorar uma vantagem que tiraria da nobreza do inimigo. Entrega-lhes os cartuchos que usarão contra ele.

A verdade para um homem é o que faz dele um homem. Quando um homem que conheceu essa dignidade de relações, essa lealdade no jogo, esse dom mútuo de estima em que se empenha avida, compara essa elevação à facilidade medíocre do demagogo que exprime sua fraternidade aos mesmos árabes com grandes tapas nas costas adulando-os, mas ao mesmo tempo os humilhando, esse homem, se acaso não concordais com ele, sentira de vos uma piedade um pouco desdenhosa. E terá razão.

Mas vos tereis igualmente razão de odiar a guerra.

Para compreender o homem e suas necessidades, para conhecê-lo no que ele tem de essencial não é preciso opor, umas às outras, as

evidências de vossas verdades. Sim, vos tendes razão. A lógica demonstra tudo. Tem razão mesmo aquele que lança todas as desgraças do mundo sobre os corcundas. E certamente os corcundas também cometem crimes.

É preciso, para tentar distinguir o essencial, esquecer por um momento as divisões que, uma vez admitidas, arrastam todo um Alcorão de verdades intocáveis e o fanatismo consequente. Pode-se classificar os homens em homens de direita e homens de esquerda, em corcundas e não corcundas, em fascistas e democratas, e essas distinções são inatacáveis.

Mas a verdade, vos o sabeis, é o que simplifica o mundo, e não o que gera o caos. A verdade é a linguagem que exprime o universal.

Newton não “descobriu” uma lei que estivesse durante muito tempo dissimulado, como a solução de uma charada. Newton efetuou uma operação criadora. Fundou uma linguagem de homem que pode exprimir a queda da maçã na terra e a Ascensão do sol. A verdade não é o que demonstra, é o que simplifica.

De nada vale discutir ideologias. Se todas se demonstram, todas também se opõem, e tais discussões fazem desesperar da salvação do homem. Isso quando o homem, em toda parte, ao redor de nos, expõe as mesmas necessidades.

Queremos ser libertados. O que da uma enxada no chão quer saber o sentido dessa enxadada. **E a enxada do forçado, que humilha o forçado, não é a mesma enxada do lavrador, que exalta o lavrador.** A prisão não esta onde se trabalha com a enxada. Não há o horror material. A prisão esta onde o trabalho da enxada não tem sentido, não quem o faz a comunidade dos homes.

E nós queremos fugir da prisão.

Há duzentos milhões de homens, na Europa, que não tem sentido, e desejariam nascer. A indústria os arrancou à linguagem das linhagens camponesas e os encerrou nesses guetos enormes que aprecem estações de triagem cheias de filas de vagões escuros. Do fundo das cidades operárias eles desejariam ser despertados.

Há outros, presos à engrenagem de todos os ofícios, aos quais são interditas às alegrias do pioneiro, as alegrias religiosas, as alegrias do sábio. Pensou-se que para engrandecê-los bastasse vesti-los, alimenta-los, satisfazer a todas as suas necessidades. E pouco a pouco fundou-se neles o pequeno burguês de Courteline, o político de aldeia, o técnico fechado à vida interior. Se os instruem bem, não mais os cultivam. Forma uma opinião bem mesquinha da cultura quem pensa que ela repousa na memória das formulas. Um mau aluno de hoje do curso de matemática superior sabe mais sobre a natureza e suas leis que Descartes e Pascal. E será capaz dos mesmos movimentos de espirito?

Todos, mais ou menos confusamente, sentem a necessidade de nascer. Mas há soluções que enganam. Certamente pode-se animar os homens vestindo-os de uniformes. Eles logo cantarão seus cantos de guerra e repartirão o pão entre si, como companheiros. Terão achado o que procuravam o gosto do universal. Mas vão morrer desse pão que lhes é dado.

Pode-se desterrar os ídolos de madeira e ressuscitar os velhos mitos que, bem ou mal, já demonstraram seu valor. Podem-se ressuscitar as místicas do Império Romano ou do pangermanismo. Podem-se embriagar os alemães e patrícios de Beethoven.

Mas tais ídolos são ídolos carnívoros. Quem morre pelo progresso da ciência ou para descobrir a cura de uma doença serve a

vida ao mesmo tempo em que morre. É talvez belo morrer pela expansão de um território, mas a guerra de hoje destrói o que pretende favorecer. Hoje não se trata mais de sacrificar um pouco de sangue para vivificar toda uma raça. Uma guerra, desde que é feita com o avião e a imperita, é apenas uma cirurgia sangrenta. Cada um se coloca ao abrigo de uma muralha de cimento, cada um, não tendo nada melhor a fazer, lança noite após noite, esquadrilhas que torpedeiam o outro em suas entranhas, fazem saltar pelos ares seus centros vitais, paralisam sua produção e suas trocas. A vitória é de quem apodrecer por último. E os dois adversários apodrecem juntos.

Em um mundo que se fez deserto temos sede de encontrar companheiros; o gosto do pão dividido entre companheiros nos faz aceitar os valores da guerra. Mas não temos a necessidade da guerra para encontrar o calor dos ombros vizinhos numa corrida para o mesmo fim. A guerra nos engana. O ódio não junta nada à exaltação da corrida.

Por que nos odiamos? Somos solidários, somos levados pelo mesmo planeta, somos tripulação de um mesmo navio. E se é bom que as civilizações se oponham para favorecer sínteses novas, é monstruoso que elas se entredevorem.

Se para libertarmos basta que nos ajudemos a tomar consciência de um fim que nos liga uns aos outros, procuremos um fim que nos ligue a todos. O cirurgião que faz sua visita não ouve as lamentações daquele a quem ausculta: através dele é ao homem que procura tratar. O cirurgião fala uma linguagem universal. Como o físico meditando suas equações quase divinas em que envolve ao mesmo tempo o átomo e a nebulosa. E assim um simples pastor. Aquele que vigia modestamente algumas ovelhas sob as estrelas, se tem consciência de seu papel, descobre que não é apenas um

servidor. É uma sentinela. E cada sentinela é responsável por todo o império.

Pensais que aquele pastor não deseja tomar consciência? Visitei, na frente de Madri, uma escola instalada a quinhentos metros das trincheiras, numa colina atrás de um pequeno muro de pedras. Um cabo estava ensinando botânica. Desmontando entre seus dedos os frágeis órgãos de uma papoula, ataria para si peregrinos barbudos que atravessavam o lamaçal em volta e subiam ate ele, apesar dos obuses, em peregrinação. Uma vez instalados em volta do cabo ficavam de cócoras, com a mão no queixo, ouvindo. Franziam as sobancelhas, cerravam os dentes, não entendiam grande coisa da lição, mas alguém lhes havia dito: “Vocês são uns bichos ainda mal saídos da toca”. Precisam alcançar a humanidade! E eles se apressavam com seus passos pesados para atingi-la.

Quando tomamos consciência de nosso papel, mesmo o mais obscuro, só então somos felizes. Só então podemos viver em paz e morrer em paz, pois o que dá sentido a vida dá um sentido a morte.

E a morte é tão doce quando esta na das coisas, quando o velho camponês da Provença, ao termo de seu reinado, passa aos filhos se lote de cabras e de oliveiras para que transmitam, por sua vez, aos filhos de seus filhos! Na linhagem camponesa só se morre pela metade. Cada existência se parte chegada a sua vez, como uma vagem que liberta seus grãos.

Vi, uma vez, três camponeses junto ao leito de morte da sua mãe. Sem duvida era doloroso. Pela segunda vez era cortado o cordão umbilical. Pela segunda vez o nó se desfazia: o nó que une uma geração à outra. Aqueles três filhos ficavam sozinhos, com tudo

diante de si a aprender, sem a mesa comum onde se reuniam nos dias de festa, sem o polo onde todos se encontravam. Mas eu descobria também, naquela ruptura, que a vida pode ser dada pela segunda vez. Aqueles filhos, eles também, por sua vez, se fariam cabeças de fila, pontos de união, patriarcas, até a hora em que por sua vez passariam o comando à garotada que brincava lá fora.

Eu olhava a mãe, velha camponesa de rosto pacato e duro, lábios cerrados, feito uma máscara de pedra. E nela reconhecia o rosto dos filhos. Sua máscara servira de forma para imprimir a deles. Seu corpo servira para imprimir aqueles corpos, aqueles belos exemplares de homens. E agora ela repousa partida, como uma ganga de onde se retirou o ouro, Os filhos e as filhas de sua carne imprimiriam pequenos homens, por sua vez. Na fazenda não se morria. A mãe morreu, viva a mãe!

Dolorosa, sim, mas tão simples esta imagem da raça, abandonando um a um, ao longo do caminho, seus belos despojos de cabelos brancos, marchando para não sei que verdade, através de suas metamorfoses!

Foi por isso que aquela tarde o sino dos mortos da aldeia de lavradores me pareceu tocar não com desespero, mas com uma alegria discreta e cheia de ternura. Ele que celebrava com a mesma voz os enterros e os batizados anunciava mais uma vez a passagem de uma geração a outra. E sentia-se uma grande paz ouvindo-o celebrar aquele noivado de uma pobre velhinha com a terra.

O que se transmitia assim, de geração em geração, com o lento progresso de uma árvore que vai crescendo, era a vida, mas era também a consciência.

Que misteriosa ascensão! De uma lava em fusão, de uma lama de astro, de uma célula viva germinada por milagre, nos saímos e pouco a pouco nos elevamos ate escrever poemas e pesar as vias-lácteas.

A mãe na havia transmitido somente a vida; havia ensinado uma língua aos seus filhos, havia-lhes confiado a bagagem tão lentamente acumulada no correr dos séculos, o patrimônio espiritual que ele mesmo recebera em herança, o pequeno grupo de tradições, de conceitos, de mitos que constitui toda a diferença a separar Newton ou Shakespeare do bruto das cavernas.

O que sentimos quando temos fome, aquela fome que levava os soldados da Espanha, sob a chuva de balas, para a lição de botânica, que levou Mermoz para o Atlântico sul, que leva outro para o pólo – o que então sentimos é que a gênese não terminou e que precisamos tomar consciência de nos mesmos e do universo.

Precisamos lançar pontes através da noite. Só o ignoram os que fazem sua sabedoria de uma indiferença que julgam ser egoísta; mas tudo desmente essa sabedoria. Companheiros, meus companheiros, eu vos tomo como testemunhas: quando foi que nos sentimos felizes?

E agra aqui, na ultima pagina deste livro, eu me lembro daqueles burocratas envelhecidos que nos serviram de cortejo na madrugada de nosso primeiro voo, quando nos preparávamos para virar homens, tendo tido a sorte de ser designados. Eles eram semelhantes a nos, mas não sabiam que tinham fome.

E há muitos homens assim, dormindo sem que ninguém os desperte.

Há alguns anos, durante uma longa viagem de estrada de ferro, resolvi visitar aquela pátria em marcha em que ficaria por três dias, prisioneiro, durante os três dias, daquele ruído de seixos rolados pelo mar. Levantei-me. Pela uma hora da madrugada corri os carros, de ponta a ponta. Os dormitórios estavam vazios. Os carros de primeira classe estavam vazios.

Mas os carros de terceira estavam cheios de centenas de operários poloneses despedidos na França, que voltavam para sua Polônia. Caminhei pelo centro do carro levantando as pernas para não tocar nos corpos adormecidos. Parei para olhar. De pé sob a lâmpada do carro, contemplei aquele vagão sem divisões, que parecia um dormitório, que cheirava a caserna e a delegacia, toda uma população confusa, sacudida pelos movimentos do trem. Toda uma população mergulhada em sonhos tristes, que regressava para sua miséria. Grandes cabeças raspadas rolavam no encosto dos bancos. Homens, mulheres, crianças, todos se viravam da direita para esquerda, como atacados por todos aqueles ruídos, por todas aquelas sacudidelas que ameaçavam seu sono, seu esquecimento. Não achavam ali a hospitalidade de um bom sono.

E assim eles me pareciam ter perdido um pouco a qualidade humana, sacudidos de um extremo a outro da Europa pelas necessidades econômicas, arrancados à casinha do norte, ao minúsculo jardim, aos três vasos de gerânio que notei outrora nas janelas dos mineiros poloneses. Nos grandes fardos mal arrumados, eles haviam juntado apenas seus utensílios de cozinha, suas roupas de cama e cortinas. Mas todo que haviam acariciado e amado, tudo que se haviam afeiçoado em quatro ou cinco anos de vida na França,

o gato, o cachorro, os gerânios, tudo tiveram que sacrificar, levando apenas aquelas baterias de cozinha.

Uma criança chupava o seio de sua mãe que de tão cansada parecia dormir. A vida transmitia-se assim no absurdo e na desordem daquela viagem. Olhei o pai. Um crânio pesado e nu como uma pedra. Um corpo dobrado no desconforto de sono, preso nas suas vestimentas de trabalho, um rosto escavado com buracos de sombra e saliências de ossos. Aquele homem parecia um monte de barro. Era como um desses embrulhos sem forma que se deixam ficar à noite nas bancas dos mercados. E pensei: o problema não reside nessa miséria, nem nessa sujeira, nem nessa fealdade. Mas esse homem e essa mulher sem duvida se conheceram um dia, e o homem sorriu para mulher; levou-lhe sem duvida, algumas flores depois do trabalho. Tímido e sem jeito, ele temia ser desprezado. Mas a mulher, por faceirice natural, a mulher, certa de sua graça, talvez se divertisse em inquieta-lo. E ele, que hoje é apenas uma maquina de cavar ou martelar, sentia assim no coração uma deliciosa angustia. O mistério esta nisso: eles se terem tornado esse monte de barro. Por que terrível molde terão passado, por que estranha maquina de entortar homens? **Um animal ao envelhecer conserva a sua graça. Por que a bela argila humana se estraga assim?**

E continuo minha viagem entre uma população de sono turvo e inquieto. Flutua no ar um barulho vago feito de roncos roucos, de queixas obscuras, do raspar das botinas dos que se viram de um lado para o outro. E sempre, em surdina, o infatigável acompanhamento dos seixos rolados pelo mar.

Sento-me diante de um casal. Entre o home e a mulher, a criança, bem ou mal, havia se alojado, e dormia. Volta-se, porem, no

sono, e seu rosto me aparece à luz da lâmpada. Ah, que lindo rosto! Havia nascido daquele casal uma espécie de fruto dourado. Daqueles pesados animais havia nascido um prodígio de graça e encanto. Inclinei-me sobre a fronte lisa, a pequena boca ingênua. E disse comigo mesmo: eis a face de um músico, eis Mozart criança, eis uma bela promessa de vida. Não são diferentes dele os belos príncipes das lendas. Protegido, educado, cultivado, que não seria ele? **Quando, por mutação, nasce nos jardins uma rosa nova, os jardineiros se alvoroçam. A rosa é isolada, é cultivada, é favorecida. Mas não há jardineiros para homens. Mozart criança ira para estranha maquina de entortar homens. Mozart fara suas alegrias mais altas da música podre na sujeira dos cafés-concertos. Mozart esta condenado.**

Voltei para o meu carro. E pensava: essa gente quase não sofre o seu destino. E o que me atormenta aqui não é a caridade. Não se trata de a gente se comover sobre uma ferida eternamente aberta. Os que a levam não a sentem. É alguma coisa como a espécie humana, e não o individuo, que esta ferida, que esta lesada. Não creio na piedade. O que me atormenta é o ponto de vista do jardineiro. O que me atormenta não é essa miséria na qual, afinal de contas, a gente se acomoda como no ócio. Gerações de orientais vivem na sujeira e gostam de viver assim.

O que me atormenta, as sopas populares não remedeiam. O que me atormenta não são essas faces escavadas nem essas feiuras. É Mozart assassinado, um pouco, em cada um desses homens.

Só o Espirito, soprando sobre a argila, pode criar o Homem.